

TÚLIO MELO WAVGINIAK

O TESTEMUNHO NO QUARTO EVANGELHO

Uma Análise Narrativa de João Batista e do Discípulo Amado

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Porto Alegre
Dezembro de 2006

TÚLIO MELO WAVGINIAK

O TESTEMUNHO NO QUARTO EVANGELHO

Uma Análise Narrativa de João Batista e do Discípulo Amado

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Ramiro Mincato

Porto Alegre
2006

TÚLIO MELO WAVGINIAK

O TESTEMUNHO NO QUARTO EVANGELHO

Uma Análise Narrativa de João Batista e do Discípulo Amado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Ramiro Mincato.

Aprovado em 09 de Janeiro de 2007, pela Comissão Examinadora

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramiro Mincato - PUCRS

Prof. Dr. Romano Dellazari - PUCRS

Prof. Dra. Marga Janete Ströher - EST

Resumo (Abstract)

“*O Testemunho no quarto Evangelho: Uma análise narrativa de João Batista e do Discípulo Amado*” é uma dissertação composta de três capítulos. Apresenta-se inicialmente o método narrativo, utilizado na dissertação.

O primeiro capítulo analisa o termo *mártys* (testemunha) e derivados, a fim de descobrir sua incidência no texto do quarto Evangelho, bem como os diversos usos no grego clássico, na LXX e no NT.

O segundo capítulo, a partir do texto final do quarto Evangelho, estuda a narrativa do texto, por meio do enredo e dos personagens, demonstrando sua estrutura testemunhal. Cada personagem apresenta uma diferente resposta diante de Jesus Cristo e propicia ao leitor uma ocasião para avaliar a sua própria fé.

O terceiro capítulo estuda “João Batista” e o “Discípulo Amado”, as principais testemunhas do mistério de Jesus Cristo. O testemunho desses personagens é complementar, pois estão elaborados num duplo literário. Os dois personagens apresentam dois testemunhos a respeito de Jesus Cristo que, na verdade, são, como que, um único e mesmo testemunho. Esse testemunho oferece a todos os leitores uma oportunidade para que, em contato com o texto escrito, possam dar, em cada época, seu próprio testemunho de Jesus Cristo.

Palavras-chave: Testemunho. Testemunha. Quarto Evangelho (Evangelho de João). João Batista. Discípulo Amado. Jesus Cristo.

“The testimony in the Fourth Gospel: a narrative analysis of John the Baptist and of the Beloved Disciple” is a dissertation divided into three chapters. At the beginning there is shown the narrative method used in the dissertation.

The first chapter makes an analysis of the word *mártys* (witness) and derived terms from it, in order to discover its incidence in the text of the Fourth Gospel as well the different usages in the classical Greek language, in the LXX and in the New Testament.

The second chapter, starting from the final text of the Fourth Gospel, studies the narrative of the text by means of the plot and the personages showing its structure in witnessing. Each one presents a different answer in front of Jesus and favours to the reader an opportunity for evaluate his faith.

The third chapter studies “John the Baptist” and the “Beloved Disciple”, the two most important witnesses of Jesus’ mystery. This testimony is a supplement composed according to the so called literary double. Both the personages present two testimonies about Jesus, resulting in fact in one, so to say, testimony. It offers to all the readers an occasion to, reading the text, testify at every time the own testimony of Jesus.

Key words: Testimony. Witness. Fourth Gospel (Gospel of John). John the Baptist. Beloved Disciple. Jesus Christ.

SUMÁRIO

O TESTEMUNHO NO QUARTO EVANGELHO	1
UMA ANÁLISE NARRATIVA DE JOÃO BATISTA E DO DISCÍPULO AMADO.....	1
RESUMO (ABSTRACT)	4
SUMÁRIO	5
INTRODUÇÃO	7
1. O CONCEITO DE “TESTEMUNHO” NO QUARTO EVANGELHO	11
1.1 ORIGENS E SIGNIFICADO DA PALAVRA ΜΑΡΤΥΣ E DERIVADOS.....	11
1.2 ΜΑΡΤΥΣ E DERIVADOS NO GREGO EXTRA-BÍBLICO	12
1.3 OS VOCÁBULOS ΜΑΡΤΥΣ, ΜΑΡΤΥΡΕΩ, ΜΑΡΤΥΡΙΑ E ΜΑΡΤΥΡΙΟΝ NA LXX.....	14
1.4 ΜΑΡΤΥΣ, ΜΑΡΤΥΡΕΩ, ΜΑΡΤΥΡΙΑ E ΜΑΡΤΥΡΙΟΝ NO NT.....	16
1.4.1 Significados de μαρτυρέω no NT.....	17
1.4.2 Significados de μαρτυρία no NT	18
1.5 ESTRUTURA JUDICIAL E TESTEMUNHAL DO QUARTO EVANGELHO.....	20
2. O TEXTO E SUA RELAÇÃO COM O LEITOR	23
2.1 A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA NA SAGRADA ESCRITURA	24
2.1.1 A narrativa no quarto Evangelho.....	26
2.1.2 As formas narrativas no quarto Evangelho.....	27
2.2 OBJETIVOS E ESTRUTURA DO TEXTO DO QUARTO EVANGELHO.....	30
2.2.1 Relação e envolvimento entre o mundo do autor e do leitor	33
2.2.2 Estrutura Testemunhal	34
2.3 ENREDO E PERSONAGENS.....	35
2.3.1 Enredo.....	35
2.3.2 Personagens.....	39
3. PERSONAGENS QUE DÃO TESTEMUNHO	44
3.1 TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA.....	45
3.1.1 Os dois dias	47
3.1.1.1 Primeiro dia	47
3.1.1.2 Segundo dia	50
3.1.2 Último Testemunho de João Batista.....	51
3.1.3 Conteúdo do Testemunho.....	53
3.1.3.1 Auto-rebaixamento	53
3.1.3.2 Divindade de Cristo	56
3.1.4 Finalidade do Testemunho	60
3.1.5 João Batista batizou Jesus?	62
3.2 O DISCÍPULO AMADO	62
3.2.1 O Discípulo Amado existiu?	63
3.2.2 Identidade do Discípulo Amado.....	63
3.2.3 Autor implícito do quarto Evangelho.....	65
3.2.4 O testemunho do Discípulo Amado	65
3.3 O TESTEMUNHO DO PAI.....	71
3.3.1 Manifestação do testemunho do Pai	71
3.4 O DUPLO LITERÁRIO E TESTEMUNHAL DE JOÃO BATISTA E DO DISCÍPULO AMADO	72
3.4.1 Características entre os personagens que indicam um duplo literário	74

3.4.2 Diferenças entre os personagens	75
3.4.3 Um único e mesmo testemunho	76
CONCLUSÃO	77
APÊNDICE A – TEXTOS NOS QUAIS APARECE A FIGURA DO DISCÍPULO AMADO.....	84
<i>Menções Explícitas</i>	84
<i>Menções prováveis</i>	85
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	87

INTRODUÇÃO

Vive-se num contexto mundial de pluralismo. Não há clareza sobre o que seja “o verdadeiro”. Só no Brasil existem mais de seiscentas novas denominações religiosas¹. Campeiam a confusão e a desinformação. Surgem textos que difundem e que põem em dúvida pontos da fé tradicional sobre a doutrina a ser acreditada, sobre os mandamentos a serem vividos, sobre como a Igreja deve ser e a respeito da pessoa de Jesus Cristo².

Diante destas premissas e vivendo neste contexto mundial de crise de fé nas instituições tradicionais, deseja-se fazer um estudo que ajude a iluminar este momento de incertezas. Para tal, será utilizado o quarto Evangelho. Este pode fornecer pistas sobre o que se pode afirmar de modo seguro sobre a fé católica a respeito de Cristo Jesus como o Filho de Deus.

Numa leitura atenta do quarto Evangelho, nota-se algumas diferenças em relação aos três primeiros evangelhos, também chamados de sinóticos: o texto inicia-se com um Prólogo que afirma a eternidade do Verbo. João Batista é chamado apenas de João. A expulsão dos vendilhões do Templo se dá no início do Evangelho. O Discípulo Amado é nomeado apenas por João. O quarto Evangelho apresenta uma cristologia mais desenvolvida que a dos sinóticos. Alguns eventos da vida de Jesus, narrados pelos sinóticos, são ignorados pelo quarto Evangelho. Outros, talvez desconhecidos pelos sinóticos, são colocados no quarto Evangelho. Há discursos inéditos de Jesus. Esta diversidade tem um objetivo de mostrar que Jesus é o Messias, o filho de Deus, para que os que nele crerem tenham a vida. Este objetivo é colocado na conclusão do Evangelho (Jo 20,30-31).

¹ BIRCK, Bruno Odélio. Fenômeno Religioso na pós-modernidade. *Cadernos da FAFIMC*, n. 17, p. 80, 1997.

² Como o Código da Vinci, que segundo Mark Shea e Edward Sri, transformaria Jesus num simples profeta mortal. SHEA, Mark; SRI, Edward. *A fraude da Vinci*. São Paulo: Quadrante, 2006, p. 49.

O texto de Jo 20,30-31, na tradução portuguesa da Bíblia de Jerusalém, diz que “esses [sinais], porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (πιστεύ[σ]ητε ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ).

Jesus fez muitos sinais. O quarto Evangelho é um relato de testemunhas que viram esses sinais e fazem como que um papel de avalistas desta revelação. Esta mesma conclusão, no versículo trinta diz que Jesus fez estes sinais diante (ἐνώπιον) de seus discípulos. Ou seja, os discípulos são os que dão crédito, aqueles que comprovam a veracidade a respeito dos sinais manifestados por Jesus. O objetivo deste aval é tornar possível àqueles que não viram os sinais crerem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

Em outras palavras, o objetivo do quarto Evangelho é tornar possível a todo aquele que ouvir a sua leitura ou o ler por si mesmo, chegue a esta mesma conclusão por meio do testemunho dado neste Evangelho escrito. Desta forma, o quarto Evangelho visa afirmar que Jesus é o Messias esperado e também quer afirmar a sua divindade. Ele tem uma atualidade muito grande, pois hoje, além dos questionamentos que se põem frente à pessoa de Cristo, há uma lacuna muito grande na formação dos cristãos em geral a respeito de quem é Jesus.

Esta manifestação da divindade do Senhor se dá por meio de diversos testemunhos e de encontros com Jesus, nos quais os personagens do quarto Evangelho apresentam as mais diversas reações frente à pessoa de Cristo. As reações apresentadas pelos distintos personagens são narradas para que o leitor se identifique ou não, com cada um deles, em sua própria fé em relação à pessoa de Jesus.

Desta forma, ao se estudar as reações dos diversos personagens do quarto Evangelho em relação a Jesus, ver-se-á que eles apresentam um crescendo no que diz respeito à sua fé em Jesus. Ocorre que uma fé incipiente ou desconhecimento a respeito da pessoa de Cristo (cf. Jo 4,10) se torna uma confissão de fé nele.

Para tal, usar-se-á o método narrativo. Este não exclui a contribuição dada pelos demais. Pretende fazer com que o texto seja como que um evento vivido pelo leitor. A análise narrativa consiste em

compreender qual é o itinerário que o texto propõe ao leitor: as perguntas que lhe são postas, os elementos de resposta que aí se podem encontrar, as

impressões, as idéias, os valores e os juízos que se lhe oferecem e a síntese que só ele pode operar³.

De fato, ao se ler o relato do quarto Evangelho se constata que o leitor pode encontrar-se com Jesus por meio da experiência que os personagens do texto tiveram. Os personagens assim, são como que “veículos” que levam o leitor até Jesus Cristo.

Este estudo pretende analisar o quarto Evangelho enquanto relato de testemunhas que apresentam seu testemunho sobre acontecimentos. Desta forma os textos utilizados serão aqueles que apresentam os verbetes derivados de μάρτυς: μαρτυρία e μαρτυρέω que se encontram no texto do quarto Evangelho. Como estes verbetes apresentam significados diversificados, será importante conhecer suas possíveis aplicações e discernir qual o sentido que o autor do quarto Evangelho tinha presente ao utilizá-los em seu texto. Isto se dá pelo fato de que “o método narrativo deve respeitar a estrutura lingüística e estilística das narrativas. É partindo do exame preciso e rigoroso dos diversos elementos do estilo e da forma que é possível determinar a direção que toma a narrativa”⁴. Também será verificada a existência de estruturas nas narrativas do texto que tenham como referência o uso destes vocábulos. Pode-se dizer ainda que “a narratividade visa conduzir o leitor-ouvinte a encontrar a Palavra (o Verbo) dentro da Palavra (Escritura)”⁵.

Far-se-á também um estudo a respeito dos elementos de uma narrativa. Este visa à compreensão do uso dos diversos elementos de uma narrativa no quarto Evangelho. Isto tornará possível perceber qual é o papel dos elementos da narrativa para que se possa chegar ao objetivo proposto pelo autor, isto é, apresentar um testemunho de fé a respeito de Jesus Cristo. Isto porque mais do que o conteúdo da experiência, o que importa

na narração bíblica é o tipo de resposta que envolve, a nosso ver, um elemento que põe em jogo a liberdade de escolha do leitor. A verdade que a Bíblia apresenta não é só uma parte da verdade sobre a vida e o destino do ser humano, mas uma escolha que empenha a existência de seu leitor virtual⁶.

³ SKA, Jean Louis. Sincronia: a análise narrativa. In SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.) et alii. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 129.

⁴ SKA, Jean Louis. Sincronia: a análise narrativa. In SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.) et alii. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 126.

⁵ MENDES, Sérgio Gonçalves. A normatividade de Mc 8,35 segundo a teologia narrativa. *Perspectiva Teológica*, n. 38, p. 96, 2006.

⁶ SKA, Jean Louis. Sincronia: a análise narrativa. In SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.) et alii. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 127.

A narrativa do quarto Evangelho, por meio da relação entre texto e leitor, deseja que este se comprometa com o testemunho apresentado a respeito de Cristo que se manifesta a ele por meio do texto. A partir de uma experiência de testemunho com os personagens, o autor deseja envolver o leitor. Este envolvimento se dará por meio da narrativa da vida de Jesus e das experiências de diversos personagens em relação a ele. Esta apresentação tem por objetivo tornar possível ao leitor a participação nesta experiência por meio da trama das narrativas.

Para chegar até o leitor, a narrativa serve-se de personagens. Dentre os personagens do quarto Evangelho, dois se destacam no seu itinerário de fé, não pelo crescimento da mesma, mas por sua plena adesão a Cristo desde o início de seu aparecimento na narrativa do quarto Evangelho: João Batista⁷ e o Discípulo Amado. Este destaque em relação aos demais apresenta uma outra característica: João Batista dá seu testemunho no livro dos sinais, na primeira parte do quarto Evangelho, enquanto que o Discípulo Amado manifesta o seu testemunho no livro da glória na segunda parte do quarto Evangelho. Provavelmente ambos se complementam. Investigar-se-á a existência de alguma relação entre ambos, se for possível. Os textos bíblicos utilizados em português serão retirados da Bíblia de Jerusalém da nova edição revista de 1992, de edições paulinas. Os textos bíblicos em grego serão extraídos do programa BIBLEWORKS 5.0.

Em resumo, o itinerário deste trabalho visa estudar o vocábulo “testemunho” em sua matriz grega no quarto Evangelho; visa também estudar como o quarto Evangelho constrói a narrativa; visa esclarecer o enredo e o sentido dos personagens no texto do quarto Evangelho; visa compreender de que modo João Batista e o Discípulo Amado são testemunhas, não só para o seu tempo, mas também para que os futuros cristãos, tanto de ontem, como de hoje; visa verificar a possibilidade de, em Cristo, ter-se a verdadeira vida. Verificar-se-á ainda algumas implicações concretas que derivam a partir dos textos estudados, para que a Palavra de Deus continue iluminando o momento atual.

⁷ No quarto Evangelho ele é chamado apenas de *Ιωάννης* (João). Mas neste estudo será chamado de João Batista, para evitar dificuldades ao leitor.

1. O CONCEITO DE “TESTEMUNHO” NO QUARTO EVANGELHO

A importância do testemunho no texto do quarto Evangelho é comumente reconhecida¹. No texto, o próprio Jesus se refere à sua atividade de revelação como um dar testemunho como em Jo 3,11: “e damos testemunho do que vimos” e em Jo 18,37 “e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade”. O valor deste termo pode ser constatado pelo fato do quarto Evangelho ter sido considerado com um gênero literário “testemunhal”². Há um destaque para o termo “testemunho”.

Pela importância deste tema para este estudo, estudar-se-á a palavra “testemunho” ou “testemunha” no Novo Testamento de acordo com a tradução portuguesa proposta pela Bíblia de Jerusalém. Esta, por sua vez, é oriunda da palavra grega μάρτυς que apresenta como verbo μαρτυρέω e como substantivos: μαρτυρία e μαρτύριον. Este estudo irá servir como ponto de partida para a pesquisa, pois tornará possível descobrir as diversas nuances do texto grego que possam colaborar para uma posterior fundamentação.

1.1 ORIGENS E SIGNIFICADO DA PALAVRA ΜΑΡΤΥΣ E DERIVADOS

O dicionário grego-português³ apresenta μάρτυς como testemunha e indica que no Novo Testamento seria “mártir”. Diz respeito também a uma declaração que pode se tornar um “testemunho”⁴. O verbo μαρτυρέω como verbo intransitivo é traduzido por “ser testemunha” ou “testificar”. O substantivo feminino μαρτυρία é traduzido por: “a

¹ SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida: Santuário, 1994, p. 255.

² SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 511-512, 2005.

³ PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português, português-grego*. 7. ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990, p. 357.

⁴ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 266.

deposição de uma testemunha, ou um testemunho”, enquanto que μαρτύριον é “o testemunho no sentido de prova”⁵.

A palavra μάρτυς provavelmente tem sua origem na raiz indo-européia *smert*, que significa pensar, recordar-se, estar preocupado⁶. Dessa forma, μάρτυς diria respeito a uma pessoa que se recorda, e dessa recordação traz conhecimento de algo e desta recordação dá um testemunho.

O verbo μαρτυρέω significa ser testemunha, fazer um testemunho, testemunhar algo. Já o substantivo derivado μαρτυρία que se pode ligar diretamente a μάρτυς ou a μαρτυρέω indica um significado mais abstrato: o ato de render testemunho, para depois indicar também o próprio testemunho. Por fim, μαρτύριον tem sentido concreto e indica o testemunho como uma entidade objetiva, a prova de algo. Desse modo “toda μαρτυρία pode se tornar um μαρτύριον mas não vice-versa”⁷. Esta frase, bastante densa, pode ser elucidada da seguinte forma: a μαρτυρία é o ato de render ou de dar testemunho, de fazer com que por meio da fé, se creia no fato de que Jesus veio “em nome de meu Pai” (Jo 5,43); enquanto que o μαρτύριον é a prova objetiva de algo. Assim, por meio de um testemunho de fé (μαρτυρία), pode-se provar que algo é verdadeiro (μαρτύριον); mas não será possível, de algo que se constata como verdadeiro (μαρτύριον), chegar a um testemunho (μαρτυρία) de fé. Visto que se conclui que é verdadeiro pela força da evidência e não por meio de um testemunho (μαρτυρία).

1.2 ΜΑΡΤΥΣ E DERIVADOS NO GREGO EXTRA-BÍBLICO

No grego extra-bíblico, μάρτυς tem o seu campo particular de aplicação na jurisprudência, onde indica aquele que por experiência pessoal imediata está em condições de depor e depõe de fato, sobre acontecimentos dos quais tomou parte ou de qualquer modo assistido, ou sobre pessoas e situações que conhece diretamente. O ato de

⁵ RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 297.

⁶ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1273.

⁷ “ogni μαρτυρία può diventare un μαρτύριον, ma non viceversa”. STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1274.

testemunhar é expreso, de regra, pelo verbo μαρτυρέω⁸. Ele é usado de forma absoluta com relação à testemunha ou mesmo referindo-se ao objeto do depoimento⁹.

Correspondentemente, o substantivo μαρτυρία, conforme o seu primeiro significado, é usado como *nomem actionis* (fazer-se de testemunha; exprimir um testemunho) para depois significar o testemunho mesmo¹⁰. O substantivo μαρτυρία é usado desde os tempos de Homero. É a forma ativa de apresentar-se e depor como testemunha¹¹.

Já o termo μαρτύριον indica a prova objetiva, a demonstração que pode ser levada para confirmar a justeza de uma assertiva ou demonstrar um fato, seja ela uma afirmação que confirma o depoimento de uma terceira pessoa, por exemplo, um poeta ou mesmo um acontecimento real ou qualquer coisa que sirva como documento comprovante. Este vocábulo apresenta um caráter objetivo¹².

A voz primitiva μάρτυς encontrou, à semelhança de μαρτυρέω e de μαρτυρία, uma aplicação de caráter mais geral, e para além do campo jurídico. Verifica-se uma importantíssima amplificação de significado, pois começou a ser usado não só para ir além de fatos reais, mas “também para a profissão de idéias ou de verdades da qual aquele que fala está convencido”¹³. Esta mudança é importante, pois permite sair do aspecto estritamente jurídico para uma abertura para o nível da fé religiosa. É interessante que já Aristóteles utiliza em sua obra os dois significados. No primeiro trata-se de verificação de realidades externas e visíveis, ao passo que no segundo, ele trata de avaliação ética¹⁴.

No desenvolvimento do termo μάρτυς é importante a contribuição dada por Epíteto, pois para ele, o filósofo como testemunha assume um lugar importante, pois ele dá testemunho de Deus por meio de sua imperturbabilidade. O uso feito por ele [Epíteto]

⁸ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1277.

⁹ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1277.

¹⁰ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1277.

¹¹ COENEN, Lothar. Testemunha. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989, p. 610.

¹² STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1279.

¹³ “anche la professione di idee o di verità delle quali chi parla è pienamente convinto” STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1281.

¹⁴ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1282.

parece ser o exemplo mais significativo da antiguidade para a aplicação dos termos μάρτυς, μαρτυρέω e μαρτυρία¹⁵.

... o verdadeiro filósofo testemunha por meio desta imperturbável indiferença que ele se torna testemunha de Deus diante dos seus acusadores e autentica ao mesmo tempo a si mesmo qual μάρτυς, na consciência, isto é, de ser chamado por Zeus e de ser por ele posto em uma tal situação (...). Naturalmente a testemunha atesta a verdade da sua doutrina também por meio das palavras. Epíteto, porém (...) não se refere a este testemunho verbal, mas àquela prática que se dá na hora difícil...¹⁶

1.3 OS VOCÁBULOS ΜΑΡΤΥΣ, ΜΑΡΤΥΡΕΩ, ΜΑΡΤΥΡΙΑ E ΜΑΡΤΥΡΙΟΝ NA LXX.

Na LXX, se constata a forte presença do vocábulo μαρτύριον, em relação aos demais que ocorrem em menor frequência. Μάρτυς aparece cinquenta e quatro vezes e traduz o vocábulo hebraico מַעֲדָה (‘əd) na maioria dos casos. Apresenta um sentido clássico daquele que dá testemunho em base à observação, ou, em sentido jurídico, como a prova de um dado de fato, de um acordo. No Dêutero-Isaías abre-se caminho para a concepção de que os membros do povo devem dar testemunho entre os povos da unicidade e justiça de Javé.

Neste caso, é importante constatar que o povo deve ser testemunha do Senhor no meio de outros povos.

O conteúdo deste testemunho é constituído por uma verdade religiosa, da qual o que testemunha está convencido em base à sua própria experiência; isto é, de uma religiosa certeza, cujo objeto ele sustenta com vigor, para cujo reconhecimento se empenha a fundo, mas, para cuja veracidade não pode ser exibida uma prova racional ou que se pareça com uma verificação empírica¹⁷.

¹⁵ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1288.

¹⁶ “...il vero filosofo testimonia attraverso l’imperturbabile indifferenza con cui riceve tutti i colpi della fortuna. È attraverso questa imperturbabilità che egli diventa testimone di Dio di fronte ai suoi accusatori e autentica in pari tempo se stesso quale μάρτυς, nella consapevolezza cioè di esser proprio per chiesto chiamato da Zeus e da lui posto in una data situazione (...). Naturalmente il testimone attesta la verità della sua dottrina anche attraverso le parole. Epitteto però (...) non si riferisce a questa testimonianza verbale, ma a quella pratica che si dà nell’ora difficile...” STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1290.

¹⁷ “Il contenuto della testimonianza è costituito da una verità religiosa, della quale il teste è convinto in base alla sua propria esperienza; cioè di una religiosa certezza, il cui oggetto egli sostiene con vigore, per il cui riconoscimento si impegna a fondo, ma della cui veridicità non può essere esibita una prova razionale o que sappia di verifica empirica”. STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1299-1300.

Trata-se aqui da profissão de convicções religiosas, com a convicção de manifestá-las até que sejam reconhecidas pelos outros. Ou seja, é preciso dar testemunho (testemunhar) da fé que se tem.

Μαρτύριον serve para traduzir מוֹעֵד (*mô`ëD*), quase sempre em relação a Arca do Testemunho. Neste caso μαρτύριον tem um significado que corresponde ao uso tardio do grego clássico, isto é, aquele de “documento comprovante” que recorda um evento preciso, ou aquele de “documento”. Já μαρτυρία é menos utilizada nos textos.

A análise do uso da palavra mostra que, à parte do caso do uso de *martyrion* para o Heb. *mô`ëd*, as palavras deste grupo permanecem essencialmente dentro do arcabouço já adumbrado no Gr. clássico, ou pelo menos não têm consciência do modo de entender formulado pelos estóicos. A pessoa é testemunha daquilo que experimentou, ou é convocada para semelhante evento. É uma coisa exterior, algo que experimentou, ou algo confiado a uma pessoa para esta testificar dele. (...) A idéia de um testemunho ou de uma testemunha que derivem de convicções subjetivas que não podem ser averiguadas não é conhecida no AT, nem tem qualquer lugar no judaísmo¹⁸.

Além disso, é preciso ter presente que não foram nunca usados conceitos como μάρτυς, μαρτυρία, μαρτυρέω ou μαρτύριον para definir o heroísmo da fé. Mesmo que a leitura de alguns títulos tardios da literatura judaica nos leve a pensar nisso, não havia o título dado aos mártires como na primitiva história cristã. Tampouco o texto do servo de Javé, no profeta Isaías, pode levar-nos a pensar que seja uma teologia profética do mártir. No judaísmo tardio, “o martírio é valorizado exclusivamente em função do ideal farisaico do homem piedoso”¹⁹.

Pode-se constatar que aqui ainda não se apresenta a concepção da Igreja primitiva de mártir como aquele que derrama seu sangue e dá a sua vida em testemunho de sua fé. No judaísmo tardio refere-se apenas àquele que “sofre por suas convicções”²⁰. A concepção de mártir, como aquele que derrama o próprio sangue para dar testemunho de sua fé, torna-se claro apenas no século III com Tertuliano e Orígenes²¹.

¹⁸ COENEN, Lothar. Testemunha. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989, p. 614.

¹⁹ “Il martirio viene valorizzato esclusivamente in funzione dell’ ideale farisaico dell’uomo pio”. STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1310.

²⁰ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1310.

²¹ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1369.

1.4 ΜΑΡΤΥΣ, ΜΑΡΤΥΡΕΩ, ΜΑΡΤΥΡΙΑ Ε ΜΑΡΤΥΡΙΟΝ NO NT

No Novo Testamento, têm-se os vocábulos μαρτυρέω, μαρτυρία, μαρτύριον e μάρτυς²². Μαρτυρέω é apresentado como “ser testemunha”, “dar testemunho” ou “testemunhar” e, num segundo sentido, como “testemunhar a favor”, “dar bom testemunho” ou “aprovar”. Μαρτυρία também possui dois sentidos: “testemunho” (como ato de testemunhar) e “o testemunho” (como conteúdo do testemunhar). No NT μαρτύριον apresenta quatro significados em português: 1) “testemunho”, “prova” ou “documento”; 2) “testemunho”, no sentido de atestação ou declaração em testemunho; 3) “ação de testemunhar”; 4) ou então no uso como “Tenda” ou “Tabernáculo do Testemunho”. Por fim, μάρτυς aparece como “testemunha”; “testemunha ocular”; e “testemunha” com referência ao mistério da salvação.

Ao consultar a ocorrência das palavras gregas nos livros do Novo Testamento²³, observa-se que no quarto Evangelho, não ocorre a palavra μάρτυς nem tampouco μαρτύριον, mas apenas o substantivo μαρτυρία com quatorze ocorrências e o verbo μαρτυρέω com trinta e três ocorrências. Isto delimita significativamente o trabalho, pois para este estudo será necessário estudar apenas o substantivo μαρτυρία e o verbo μαρτυρέω. Além disso, pode-se desconfiar da importância destes vocábulos para o quarto Evangelho, pois o verbo μαρτυρέω só é usado onze vezes nos At e dez vezes nas cartas joaninas, depois oito vezes em Hb e quatro no Ap. Nos Evangelhos sinóticos temos uma ocorrência em Mt e uma Lc. O que indica que este verbo é muito importante para o quarto Evangelho. Também o substantivo μαρτυρία destaca-se nas ocorrências do quarto Evangelho em relação aos demais. No quarto Evangelho ocorre quatorze vezes, nas cartas joaninas, sete vezes e no Ap, nove vezes. Nos Evangelhos sinóticos, este vocábulo não ocorre em Mt, ocorre três vezes em Mc e apenas uma em Lc. Esta constatação indica que se está no caminho certo, pois estes dois vocábulos, levando em conta as suas ocorrências, devem ser muito importantes para o quarto Evangelho.

²² RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 296-297.

²³ GUERRA GOMEZ, Manuel. *El Idioma del Nuevo Testamento*. 3. ed. Burgos: Ediciones Aldecoa, 1981, p. 150-241.

1.4.1 Significados de μαρτυρέω no NT

No NT μαρτυρέω apresenta diversos significados²⁴:

1) É usado para declarar ou confirmar um fato qualquer que seja em base a conhecimento direto, trate-se de determinadas ações individuais ou de acontecimentos de experiência comum. Ou seja, para realizar atestação de fatos da parte do homem. Há várias citações no quarto Evangelho que estão neste sentido: Jo 2,25; 3,28; 18,23; 19,35, veja-se além do mais: Jo 4,39; 12,17; a respeito do futuro: Jo 13,21 e a respeito de um fato de experiência comum: Jo 4,44.

2) O verbo μαρτυρέω também é usado para atestar uma boa reputação. Como por exemplo, em Lc 4,22; At 13,22; Hb 11,4; 1Tm 5,10 e 3Jo 3.6.12. Nesses casos se deseja constatar a figura ou a conduta louvável da pessoa em questão.

3) Este termo pode ser utilizado também para o “testemunhar de Deus”, do Espírito e da Escritura. Estes termos correspondem a um grupo a parte nos quais Deus, ou o Espírito ou a Escritura são o sujeito de tais juízos. Têm-se como exemplos: At 15,8 e Hb 11,2.4.5.39.

4) Seu uso para o testemunho religioso: μαρτυρέω considera o conteúdo essencial do Evangelho em si. Do ponto de vista da fé, este conteúdo é certamente uma realidade, um fato. Deus o realizou. Mas é fato de ordem superior, pois se trata da revelação, a qual não pode ser constatada e testemunhada como os acontecimentos da vida terrena. Neste caso o testemunho tem por objeto uma verdade revelada e crida como tal. Como em At 23,11.

5) Uso particular de μαρτυρέω nos escritos joaninos:

No quarto Evangelho μαρτυρέω parece ter por objetivo unicamente a figura de Jesus, sua pessoa e seu mistério:

... o uso joanino obtém o seu matiz particular próprio nos numerosos passos nos quais se trata de um testemunho a respeito de Jesus. E o objeto próprio não é a historicidade da sua existência, se bem que ela seja pressuposta e até mesmo posta em relevo (...); nem o testemunho considera singulares episódios da sua história, por mais importantes que sejam, como o nascimento, a morte, a ressurreição (exceção feita só por Jo 19,35); mas concerne unicamente à essência e o valor da pessoa de Cristo²⁵.

²⁴ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1334-1344.

²⁵ “...l’uso giovanneo acquista la sua sfumatura particolare proprio nei numerosi passi nei quali si tratta di una testimonianza riguardante Gesù. E l’oggetto proprio non è la storicità della sua esistenza, benché essa sia pressuposta e persino messa in rilievo (...); né la testimonianza riguarda singoli episodi della sua storia, per

Assim, os fatos da vida de Jesus são utilizados com o objetivo de mostrar quem ele é. Insistir-se-á na sua eternidade (Jo 8,58), na sua união com o Pai (Jo 10,30), na sua onisciência (Jo 2,25). E o testemunho a respeito de Jesus, no quarto Evangelho, será devedor desta característica. A ênfase está em afirmar a divindade de Jesus e a sua filiação divina (Jo 1,34). O próprio João Batista diz que ele (o Verbo) existia antes dele (Jo 1,15). “Jesus em pessoa, porque ele, na sua missão divina, constitui no quarto Evangelho o único objeto dos seus discursos”²⁶. Diferente dos sinóticos, nos quais fala não de si, mas do Reino dos Céus. No quarto Evangelho, só se usa βασιλεία τοῦ θεοῦ (Reino de Deus) em Jo 3,3 e 3,5 enquanto Jesus está falando com Nicodemos. É Jesus quem os pronuncia, mas não está falando sobre o reino, mas sobre as condições para entrar no Reino de Deus, neste caso, para aqueles que nascerem da água e do Espírito. Desse modo, o testemunho dado pelo verbo μαρτυρέω diz respeito principalmente a pessoa de Jesus e a quem é ele. O autor do quarto Evangelho pretende levar o leitor a crer na divindade de Cristo e a reconhecê-lo como o Salvador do mundo (cf. Jo 4,42). O testemunho manifestado pelos personagens que se encontram com Cristo e o reconhecem como o Filho de Deus, é, portanto um testemunho de convicções religiosas a respeito da pessoa de Jesus e é neste sentido que é utilizado o verbo μαρτυρέω no quarto Evangelho. Desse modo, no quarto Evangelho, ao invés de ser “o pregador” do Reino, Jesus passa a “ser pregado”. Em sua ação e vida ele revela e dá testemunho do Pai.

1.4.2 Significados de μαρτυρία no NT

1) Μαρτυρία fora dos escritos joaninos. Não levando em conta os escritos joaninos, o termo μαρτυρία ocorre sete vezes. Dos sete, seis casos apresentam um valor religioso neutro. Quatro vezes significa o testemunho num processo judiciário ligado ao processo de Jesus. Uma vez significa boa reputação e na última das seis, depois de falar sobre o baixo valor moral dos cretenses, diz que este testemunho é verdadeiro. O vocábulo tem um valor religioso e cristão somente em At 22,18. Cristo ordena a Paulo de deixar Jerusalém porque

quanto importanti essi siano, come la nascita, la morte, la risurrezione (eccezion fatta solo di 19,35); ma concerne unicamente l'essenza e il valore della persona del Cristo”. STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1340-1341.

²⁶ “Gesù in persona, poiché egli, nella sua missione divina, costituisce nel IV Vangelo l'unico oggetto dei suoi discorsi”. STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1342.

não acolherão o seu testemunho sobre ele. Neste caso, μαρτυρία é o testemunho para a difusão da fé, e o “Cristo” deste testemunho é o objeto.

2) Μαρτυρία nos escritos joaninos: nestes textos prevalece o uso específico e religioso cristão. São poucas as exceções, duas: “Quanto a Demétrio, todos dão testemunho dele, inclusive a própria Verdade. Nós também testemunhamos a seu favor, e sabeis que o nosso testemunho é verdadeiro” (3Jo 12) e “Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior. Pois este é o testemunho de Deus: ele testemunhou sobre o seu Filho” (1Jo 5,9). E uma em: “está escrito na vossa Lei que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro”. (Jo 8,17), que tem o sentido de deposição testemunhal da parte de um homem. No entanto, em todas as outras ocorrências, mesmo as que se dão fora do quarto Evangelho, há uma preponderância do significado no sentido de testemunhar sobre a pessoa de Jesus Cristo: “Em todas as outras vinte e sete ocorrências, no entanto, predomina o significado de testemunho sobre Jesus Cristo e sobre seu mistério salvífico, restituída a fim de propagar a fé, e corresponde ao uso que o quarto Evangelho faz de μαρτυρεῖν”²⁷.

Μαρτυρία figura duas vezes em sentido ativo, como ato de depor sobre um testemunho²⁸ e no quarto Evangelho se dá em Jo 1,7 no qual se diz que João Batista vem com o objetivo de atestar e em Ap 11,7: “Quando terminarem seu testemunho”. Nos outros casos, pelo contrário, o termo tem um sentido passivo, indica o testemunho dado. Este testemunho é dado por João Batista (Jo 1,19); pelo próprio Jesus (Jo 8,14); por Deus (Jo 8,18); pelo evangelista (Jo 19,35; 21,24) e pelas Escrituras (Jo 5,39). Inclusive em Jo 19,35 e que diz respeito ao golpe de lança recebido por Jesus “não se trata de um testemunho histórico de um evento singular, mas da atestação de um fato no qual vem mostrado o valor salvífico da morte de Jesus e que é testificado por alguém que crê para que também vós creais”²⁹.

²⁷ “In tutti gli altri 27 passi invece predomina il significato di testimonianza su Gesù Cristo e sul suo mistero salvifico, resa al fine di propagare la fede, e corrispondi all’uso che Giovanni fa di μαρτυρεῖν”. STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1347. O autor citado usa o infinitivo μαρτυρεῖν, manteve-se o original. O sentido é o mesmo de μαρτυρέω.

²⁸ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1347.

²⁹ “... non si tratta della testimonianza storica di un avvenimento singolare, ma dell’attestazione di un fatto nel quale vien mostrato il valore salvifico della morte di Gesù e che è testificato da uno che crede ‘affinché anche voi crediate’”. STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del nuovo testamento*. v. 6. Brescia: Paidéia, 1970, col. 1348.

1.5 ESTRUTURA JUDICIAL E TESTEMUNHAL DO QUARTO EVANGELHO

Foi visto pelo estudo dos termos μαρτυρέω e μαρτυρία que ambos implicam num caráter judicial. No seu conjunto, o quarto Evangelho apresentaria um discurso “judicial” no qual o mundo é “julgado”. O juízo do mundo se dará diante de sua acolhida ou rejeição à pessoa de Jesus Cristo, pois se pode constatar que o testemunho preferencialmente diz respeito à pessoa de Cristo. Assim, há uma estrutura judicial no conjunto do quarto Evangelho, que apresenta um julgamento na medida em que se acolhe ou rejeita a pessoa de Jesus Cristo. Mas, esta estrutura também é testemunhal, pois este julgamento se dá por meio da resposta ao testemunho apresentado a respeito da pessoa de Jesus Cristo. Este testemunho que quer conduzir à fé, se manifesta por meio da recordação de testemunhas. Estas tiveram oportunidades privilegiadas de encontros com Jesus. E, a partir das recordações que as testemunhas manifestam se faz uma confissão de acontecimentos. Este testemunho que se dá por meio dos termos μαρτυρέω e μαρτυρία, são um testemunho da divindade de Jesus Cristo.

Diante de qualquer julgamento, espera-se um veredicto. E este pode ser que a pessoa julgada seja considerada culpada ou inocente. No texto do quarto Evangelho o juízo diz respeito àqueles que se encontram com Cristo e suas testemunhas. Há os que ouvem, aceitam o testemunho que está sendo apresentado e chegam à fé (πιστεύω). No julgamento do texto do quarto Evangelho os que recebem a absolvição, são os que creram. Mas há os que ouvem o testemunho a respeito de Cristo e o rejeitam. Estes são os que recebem veredicto de condenação: “quem nele crê não é condenado; quem não crê, já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus” (Jo 3,18).

Este uso dos termos μαρτυρέω e μαρτυρία está em continuidade com o uso do grego clássico, uma vez que já foi usado desde os tempos de Homero³⁰. O próprio grego antigo conheceu um acréscimo de significado, a manifestação de convicções religiosas, registrado já com Aristóteles³¹, que tornou possível, já naquele momento, o uso do termo μάρτυς e derivados para a manifestação da fé.

O fato de que o quarto Evangelho não use μάρτυς nem μαρτύριον é importante, porque conduz a pensar que a importância do testemunho não se dá pela apresentação de

³⁰ COENEN, Lothar. Testemunha. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989, p. 610.

³¹ STRATHMANN, H. Μάρτυς. In: FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. 6. Brescia: Paideia, 1970, col. 1283.

provas objetivas, como no caso de Tomé que afirmou que só acreditaria na ressurreição se pudesse tocar no corpo do Senhor (cf. Jo 20,25). Provavelmente, o fato de usar apenas μαρτυρέω e μαρτυρία quer manifestar que a importância do testemunho não está nas provas objetivas, mas no fato de que aqueles que dão testemunho são dignos de crédito porque sabem que dizem a verdade (cf. Jo 19,35).

A descoberta feita segundo o levantamento estatístico, de que as palavras deste grupo são usadas mais freqüentemente no Evangelho segundo João e nas Epístolas de João sugere que o conceito de testemunha também tem uma relevância teológica mais central para este escritor do que para todos os demais (...). João, (...) agora adota em especial o vb. *martyréo* e o subs. *martyria*, a fim de expressar o evento da comunicação divina da revelação em todos os seus aspectos. Esta observação também é apoiada pelo fato de que abandona o subs. *martyrion*, que era mais uma designação material, exatamente da mesma maneira que, embora tenha consciência da testemunha, não faz uso da palavra *martys*, “testemunha”; para poder concentrar a atenção no evento³².

As principais testemunhas deste processo judicial são: João Batista, o Pai, a Sagrada Escritura, as obras que Jesus faz (cf. Jo 5,36-47) e o Discípulo Amado. João Batista afirmou não ser o Cristo diante do interrogatório oficial que lhe fazem (cf. Jo 1,19-20); afirma de Jesus que é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29); “o Filho de Deus” (Jo 1,34); o esposo do qual ele, João Batista é o “amigo” (cf. Jo 3,29).

Há outras testemunhas: a multidão, o Paráclito e os discípulos. Todavia Jesus não aceita o testemunho da multidão, pois só dão testemunho mediante os sinais como em Jo 4,48. O Espírito Santo depois dará testemunho de Jesus, como em Jo 15,26. A fé dos discípulos os conduzirá a dar testemunho depois da glorificação de Jesus. Pode-se ver aqui um apelo ao leitor do Evangelho que também vive num momento posterior à Ressurreição de Jesus, pois pela ação do Espírito Santo aquele que lê pode também tornar-se discípulo no modelo do Discípulo Amado.

Jesus dá testemunho de si próprio. Este testemunho, porém, tem por objetivo manifestar que Ele foi enviado pelo Pai: “Aquele que vem do céu dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém recebe o seu testemunho. Quem recebe o seu testemunho atesta que Deus é verdadeiro. Pois aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus” (Jo 3,31-33). Em outros momentos Jesus testemunha sua intimidade com o Pai: “O Pai ama o Filho e tudo entregou em suas mãos” (Jo 3,35); “eu e o Pai somos um” (Jo 10,30); “sou Filho de Deus” (Jo 10,36).

³² COENEN, Lothar. Testemunha. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989, p. 616.

O Pai também dá testemunho a respeito de Jesus. Ele o faz de modo direto e indireto. De modo direto este testemunho se dá por meio de sua voz: “Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente!” (Jo 12,28). Mas também por meio indireto através das Escrituras: “Vós examinais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna; ora, são elas que dão testemunho de mim” (Jo 5,39); em outros momentos são as obras: “são as obras que o Pai me encarregou de realizar. Tais obras, eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou” (Jo 5,36) e “as obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim” (Jo 10,25).

Já o Discípulo Amado dá testemunho de uma maneira diversa dos outros personagens da narrativa: “Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro” (Jo 21,24). O testemunho do Discípulo Amado se manifesta por meio de todo o texto escrito do quarto Evangelho. Dessa forma pode-se compreender estas palavras de Jesus: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?” (Jo 21,22). “Não se refere propriamente à subsistência física do Discípulo Amado, mas antes de tudo à fecundidade do testemunho produzido pelo seu livro”³³.

Esta é a contribuição excepcional do quarto Evangelho que faz do testemunho, um testemunho de convicções religiosas sobre a pessoa de Cristo. Cristo Jesus é o Revelador do Pai, dá testemunho do que viu e ouviu (cf. Jo 3,32). Mas no decorrer do texto ele que é sujeito do testemunho, se torna também objeto. Pois por meio da recepção que os personagens dão à sua pessoa, eles também testemunham quem Ele é. Assim, ao dar testemunho sobre Cristo no texto do quarto Evangelho, os personagens podem conduzir os ouvintes ou leitores do texto a também realizar sua adesão à pessoa de Cristo.

Por fim, os personagens que dão testemunho de Cristo o fazem numa narrativa. Eles apresentam uma história de vida. Fazem parte de um contexto. O próximo passo para a compreensão do testemunho no texto do quarto Evangelho se dará por meio do estudo dos personagens e do enredo do mesmo. Todavia, será preciso também elucidar de que forma o autor do quarto Evangelho pretende envolver o leitor. Esta tarefa será delineada no próximo capítulo.

³³ “Non riguarda propriamente la sussistenza fisica del DA, ma piuttosto la fecondità di testimonianza prodotta dal suo libro”. VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato. *Credere Oggi*, ano XXIII, n. 5, 137, p. 101, settembre-ottobre 2003. M. Làconi sugere um sentido mais profundo para a interpretação deste não morrer. Usa como referência Jo 11,26: “quem vive e crê em mim, jamais morrerá”. Como o Discípulo Amado encarnava a fé perfeita não haveria problema em afirmar que não morre. Inclusive, o texto de Jo 21,23, na opinião deste autor busca corrigir uma interpretação materialista deste não morrer. LÀCONI, Mauro. *Il Racconto di Giovanni*. Assisi: Cittadella editrice. 1993, p. 423.

2. O TEXTO E SUA RELAÇÃO COM O LEITOR

Pelo capítulo anterior foi possível constatar a importância da palavra “testemunho” no quarto Evangelho. Percebeu-se ainda que os personagens são aqueles que dão testemunho. Jesus, como personagem principal dá testemunho e é o revelador do Pai. Já os outros personagens do quarto Evangelho dão testemunho sobre Jesus confirmando este seu papel de revelador e auxiliando o leitor para que ele também possa fazer sua adesão a Jesus.

Relata-se aqui um exemplo de como a leitura de um texto, no caso que interessa neste estudo, um Evangelho, pode influenciar e modificar as idéias de alguém que lê a ponto de abraçar a fé.

O protagonista do meu romance – conta o escritor José Luis Olaizola, num livro autobiográfico – tinha-se feito padre, talvez porque achei que um bom final do romance fosse que o fuzilassem no começo da guerra civil espanhola.

E como sabia muito pouco sobre padres e sobre o seu possível comportamento numa situação tão extrema, pus-me a ler o Evangelho para articular com palavras do próprio Cristo um bom sermão diante do pelotão de fuzilamento.

As palavras que li de pouco serviram para o meu romance, mas tocaram-me muito. De modo que comecei a interessar-me pela figura de Cristo, que me pareceu um personagem muito atraente..., desde que efetivamente fosse Filho de Deus. Porque, se fosse apenas um homem e dissesse as coisas que dizia, seria um louco ou um farsante. E se era o Filho de Deus, não lhe ocorreria deixar a maravilha de sua doutrina ao livre discorrer dos homens; seria o caos. Era lógico que tivesse confiado o depósito da fé à Igreja. Quer isto dizer que, por um processo reflexivo, acabei por ser intelectualmente católico¹.

Mostra-se aqui como um texto do Evangelho pode influenciar uma pessoa. O texto tem em si uma força que é capaz de modificar aquele que o lê, desde que esteja aberto à palavra. O texto do quarto Evangelho tem por objetivo aproximar a pessoa de Jesus Cristo

¹ AGUILÓ, Alfonso. *É razoável crer?* São Paulo: Quadrante, 2006, p. 94.

ajudando-a a reconhecê-lo como Filho de Deus (cf. Jo 20,30). E o faz por meio da narrativa. Esta é composta por um enredo e por personagens, que transmitem ao leitor as idéias do autor.

Aqui se deseja compreender as funções de alguns elementos de uma narrativa. Especialmente no que diz respeito aos personagens e ao enredo. Ao elucidar o modo como os personagens e o enredo afetam o leitor, pode-se iluminar a compreensão sobre como ser testemunha de Jesus Cristo. Então será também possível compreender como se dá, no quarto Evangelho, o testemunho de Jesus Cristo.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA NA SAGRADA ESCRITURA

Há uma explosão da teologia narrativa² especialmente no sentido de perceber as narrativas salvíficas da comunidade eclesial. Inclusive há uma percepção cada vez maior da importância da narração a ponto de existir também uma exegese narrativa. O narrar tem um papel fundamental-estrutural tanto na mensagem do Antigo quanto do Novo Testamento³.

As narrativas do quarto Evangelho não são apenas transmissão de doutrinas a respeito da vida e da pessoa de Jesus Cristo. Nem tão somente uma apresentação de fatos históricos. “A fé parte da historicidade dos fatos e os pressupõe; mas ela os proclama em seu significado revelador e em seu alcance salvífico”⁴. Ou seja, os fatos são históricos, ocorreram, são verídicos, e a narrativa mostra como compreendê-los à luz da fé. Apresentam o seu sentido mais profundo que não se pode compreender unicamente com uma apresentação dos fatos.

Mas os fatos passados só são acessíveis por meio da narrativa. Ninguém tem acesso ao fato diretamente senão a testemunha ocular. A Dei Verbum apresenta a Revelação por gestos e palavras, e estas esclarecem o mistério contido nos gestos. As palavras comunicam o sentido dos acontecimentos.

Este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na História da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades

² MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 25.

³ MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 26.

⁴ MANNUCCI, Valerio. *Bíblia Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 47.

significadas pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido (DV 2).

Deus se revela na história. Por meio da encarnação Ele assumiu a história. Mas não se pode ficar no reducionismo de afirmar que toda a história é Revelação de Deus. A história é o instrumento por meio do qual Deus se manifesta. Deus se adequou à realidade dos seres humanos, que vivem na história. Vê-se aqui o modo pelo qual a história pode comunicar a Revelação:

...a história não é sem mais revelação. A derrota humana de Jesus na cruz, considerada em si mesma, é apenas loucura e escândalo. Se nos é concedido encontrar ali um sentido profundo, é apenas porque o evento-ocultamento é precedido e seguido de uma Palavra explicativa e ao mesmo tempo criadora de sentido: é a Palavra-Promessa que através do selo da Ressurreição nos restitui o Ressuscitado, o Vivente, Aquele que vem, Aquele cuja vitória teve e ainda terá a última palavra. Por isso a história sozinha como evento isolado não é reveladora: reveladora é a história acompanhada de uma Palavra, pronunciada na história com plenitude de poderes e que sabe ser muito mais do que uma simples interpretação da história⁵.

O AT apresenta uma linguagem teológica que usa o método narrativo⁶. Isto é válido também para a maior parte dos escritos do Novo Testamento. Assim, na narrativa do quarto Evangelho a teologia terá uma ligação estreita com a exegese. No sentido de descobrir o que o hagiógrafo quis comunicar e quais são as afirmações de fé que podem ser apreendidas por este relato para que a teologia os aprofunde.

É mister constatar que as narrativas bíblicas desejam apresentar uma experiência religiosa de pessoas. Ou seja, as narrativas apresentam um comprometimento da parte do autor com aquilo que se transmite no relato. Além do que, a narrativa não deseja apresentar apenas mais uma hipótese para a interpretação dos fatos ocorridos, mas deseja apresentar o sentido que esclarece e norteia aquilo que ocorreu.

Mas os textos de revelação têm isto de específico, que oferecem não um sentido, mas *o sentido*. Eles não se limitam a exigir do leitor uma série de atos de cooperação para criar um sentido, mas são eles mesmos a criar o sentido próprio do ser do sujeito que o interpreta⁷.

⁵ MANNUCCI, Valerio. *Bíblia Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 44.

⁶ G. von Rad. *Teologia dell'AT I: Teologia delle tradizioni storiche d'Israele*. Brescia: Paidéia, 1972, apud MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 27.

⁷ “Ma i testi di rivelazione hanno questo di specifico, che offrono non un senso, ma *il senso*. Essi non si limitano ad esigere dal lettore una serie di atti di cooperazione per creare un senso, ma sono essi stessi a creare il senso stesso dell'esserci del soggetto che li interpreta”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 30.

2.1.1 A narrativa no quarto Evangelho

O quarto Evangelho não é só um relato do tempo de Jesus, mas também mostra como e quais eram as dificuldades da comunidade joanina⁸. No texto não será relatado unicamente a realidade da vida e do ministério público de Jesus. O quarto Evangelho apresentará também a vivência da fé da comunidade joanina.

A palavra revelada foi vivida por uma comunidade concreta e real. Mas para ser compreendida, o leitor necessitará envolver-se com o texto: “a Palavra, que uma vez acontece na linguagem da pregação, depois acontece na linguagem do texto, é novamente ouvida e acolhida pelo leitor-intérprete, pois quer ser narrada e vivida novamente”⁹.

Os leitores dos textos fazem uma interpretação dos mesmos de acordo com o seu ponto de vista¹⁰. Por isso, na análise do texto, podem ocorrer erros. Um texto não se limita a transmitir as idéias pretendidas pelo autor. Mas transmite idéias que vão além do que era pretendido por ele. Mesmo assim, o autor seria a pessoa mais indicada para esclarecer o sentido do texto. Como humanamente não é possível uma elucidação da parte do autor do quarto Evangelho, a respeito dos textos sobre os quais há dúvidas, é mister procurar esclarecer o sentido no próprio texto.

Os textos exigem do leitor disponibilidade para acolher seu sentido, o que torna verdadeira a sua existência. Além disso, eles sobrevivem ao autor e ao tempo, dizendo sempre de novo algo mais. Em resumo, pode-se dizer que há o dito e o que não está dito nos textos¹¹. O texto não poderia ser plenamente claro para não correr o risco de se nivelar, de se reduzir.

Se ao contrário, um texto diz demais, se se articula somente com o já-dito tornando-se assim totalmente traduzível, então o texto se nivela, até desaparecer no código, na língua, no sentido comum. Sobrevive somente o texto que mantém em si o espaço em branco que permite ser traduzido, transportado para os vários universos do discurso e da experiência dos possíveis leitores, mesmo mantendo – este texto – a própria inconfundível fisionomia¹².

⁸ Cf. BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 15.

⁹ “la Parola, che una volta è accaduta nel linguaggio della predicazione e poi nel linguaggio del testo, viene nuovamente udita e accolta dal lettore-interprete, e vuole essere narrata e vissuta nuovamente”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 30.

¹⁰ Cf. ASHTON, John. *Studying John*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 191-192.

¹¹ MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 31.

¹² “Se invece un testo dice troppo, se si articola soltanto nel già-detto diventando in tal modo totalmente traducibile, allora il testo si appiattisce, sino a scomparire nel codice, nella lingua, nel senso comune. Sopravvive solo quel testo che mantiene in sé quello spazio bianco che può permettergli di essere tra-dotto, tras-lato nei vari universi di discorso e di esperienza dei possibili lettori, pur mantenendo – esso testo – la propria

Os textos do quarto Evangelho, portanto, parecem não comunicar um conteúdo somente. Não querem dizer alguma coisa somente, mas desejam persuadir o leitor. O quarto Evangelho deseja de tal modo persuadir o leitor a ponto de o conduzir a um “fazer crer” e a um “fazer-fazer”¹³, por meio da apresentação dos personagens como tipos que estão à frente da fé ou da incredulidade: é a estratégia narrativa do quarto Evangelho.

João constrói uma precisa estratégia narrativa com o propósito de ajudar os leitores a medirem-se e a confrontarem-se com os personagens. Neles o leitor-modelo vê representado ao vivo o caminho não fácil, perenemente errante da sua fé, ou aquele misterioso, obscuro – porém real – da sua rejeição¹⁴.

2.1.2 As formas narrativas no quarto Evangelho

O quarto Evangelho serve-se da narrativa para levar seus leitores à fé em Jesus Cristo, Filho de Deus. A narrativa é o modo como o autor elabora os diversos personagens, fatos e discursos, colocando-os em um todo coerente.

O quarto Evangelho pretende narrar e fazer conhecer a Deus visível em Jesus Cristo. O texto de Jo 1,18 é uma transição entre o Prólogo e o restante do quarto Evangelho.

Entre o Prólogo (1,1-17), que nos dá em forma de hino o conteúdo programático sobre a natureza e sobre as funções do Logos que se tornou carne, e o Evangelho (1,19ss), que nos apresenta em forma narrativa a demonstração histórica de como a Palavra se manifestou e desenvolveu a sua missão para doar a vida aos fiéis, Jo 1,18 assinala o movimento e a passagem do Prólogo ao Evangelho e oferece ao leitor a primeira chave de compreensão do Evangelho como um todo¹⁵.

inconfundibile fisionomia”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 32.

¹³ MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 33.

¹⁴ “Costituisce una precisa strategia narrativa di Giovanni con lo scopo di aiutare i lettori a misurarsi e a confrontarsi con quei personaggi. In essi, il lettore-modello vede rappresentato al vivo il cammino non facile, perennemente errante della sua fede, oppure quello misterioso, oscuro – eppure reale – del suo rifiuto”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 33.

¹⁵ “Tra il Prologo (1,1-17) che ci dà in forma innica l’affermazione programmatica sulla natura e sulle funzioni del Logos diventato carne, e il Vangelo (1,19ss) che ci consegna in forma narrativa la dimostrazione storica di come la Parola si è manifestata e ha svolto la sua missione per donare la vita ai credenti, Gv 1,18 segna il movimento e il passaggio dal Prologo al Vangelo ed offre al lettore la prima chiave di comprensione dell’intero Vangelo”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 35-36.

Jesus é *Lógos* feito carne, é aquele que Deus enviou aos homens. Por meio da narrativa de sua vida se manifesta quem é Deus. Jesus que se encarna é o Revelador do Pai. E o seu falar é autêntico porque só Deus pode falar de Deus. O texto do quarto Evangelho, portanto, faz a narrativa de Jesus que, por sua vez, faz a narrativa de Deus, manifestando quem Ele é. O próprio Prólogo possui uma estrutura narrativa¹⁶.

Os elementos característicos do narrar do quarto Evangelho, são:

a) A harmonia e a integração entre narração e conceito e entre narração e argumentação. Em outras palavras, o quarto Evangelho, em sua narrativa consegue integrar conceitos abstratos, personalizando-os em torno àquele que é “a Palavra” e que “entra na história”.

No Prólogo abundam os substantivos abstratos (conceitos) como: *lógos*-palavra, vida, luz, glória, graça, verdade, mas eles vêm personalizados em torno àquele que é a Palavra (ou *lógos*), sobretudo vêm dramatizados numa aventura histórica da ‘Palavra que se tornou carne’¹⁷.

b) O autor do quarto Evangelho é teólogo e também filósofo¹⁸. Ele une dois mundos: mundo judaico e grego. Ele corre em dois mundos: ele revela a salvação aos gregos, removendo o véu que permite a descoberta de uma verdade não sujeita à nossas forças intelectivas e também aos hebreus, porque revela Deus que intervém na história dos homens. É Deus que indica aos homens a estrada para seguir através da palavra dos profetas¹⁹.

c) O autor usa a arte de dizer e do não dizer. Ele (o autor) é mestre no uso de sugerir ao leitor muito mais coisas do que aquelas que diz expressamente. “É propriamente esta

¹⁶ “Lo stesso inno al Logos ha una struttura narrativa”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 37.

¹⁷ “Nel Prologo abbondano i sostantivi astratti (concetti) come: *lógos*-parola, vita, luce, gloria, grazia, verità; ma essi vengono personalizzati attorno a colui che è la Parola (o *lógos*), soprattutto vengono dramatizzati in una avventura storica de ‘la Parola (che) diventò carne’”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 37.

¹⁸ MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 38.

¹⁹ “Per i Greci (...) la rivelazione non è altro che la rimozione di un velo che ci permetta la scoperta di una verità non soggetta alle nostre forze intellettive (...). Per gli Ebrei la rivelazione non è altro che l’intervento di Dio nella storia degli uomini. È Dio che indica agli uomini la strada da seguire attraverso la parola dei profeti”. TUROLDO, David Maria. *Il Vangelo di Giovanni*. Milano: Rusconi, 1988, p. 109.

contínua ‘implícita comunicação’ das páginas do quarto Evangelho uma das razões principais do seu fascínio, do seu poder, do seu mistério”²⁰.

d) No quarto Evangelho o narrador guia o leitor por meio da narrativa. O narrador não se esconde, mas está presente na narrativa e faz ouvir sua voz para que o leitor a ouça do início ao fim. Seu objetivo é auxiliar o leitor a compreender o mistério da vida e da morte de Jesus.

O narrador conduz o leitor por meio da narrativa, apresenta o leitor ao mundo da narrativa e aos personagens que deve visualizar no enredo. Em João, o narrador é aquele que fala no prólogo, conta a história, introduz o diálogo, fornece as explicações, traduz termos e nos conta o que vários personagens sabiam ou não sabiam. Resumindo: o narrador nos diz o que devemos pensar²¹.

e) A narrativa desenvolve-se por meio da técnica do drama e do conflito. Não apenas o relato da paixão é carregado de dramaticidade diante da rejeição do Filho de Deus feito homem. Desde o início pode-se constatar essa característica firmemente presente em todo o texto do quarto Evangelho: “Veio para o que era seu e os seus não o receberam” (Jo 1,11). O drama se dá pelo fato de que Jesus veio para salvar os seres humanos do pecado e da morte, no entanto, são muitos os que o rejeitam. Há aqueles que acolherão a Cristo, mas são muitos que irão rejeitá-lo; “a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz” (Jo 3,19).

A trama completa do quarto Evangelho é penetrada e impelida – desde o início – pelo conflito entre fé e incredulidade, que se jogam inexoravelmente nos encontros das pessoas ou dos grupos com o personagem principal, Jesus Cristo. Pode-se estar num almoço de casamento (2,1-11) ou num poço fora do vilarejo (4,1-26), pelo caminho (4,46-54) ou ao redor de uma piscina da cidade (5, 1ss), no templo entre pessoas de alta classe religiosas de alto papel (2,13-22) (...) ou se consuma uma cena amigável (12,1-11): em todo lugar – e sempre – João *dramatiza* o evento-mensagem da ‘Palavra’ que em Jesus Cristo ‘se tornou homem’ visível e palpável e ‘habitou em meio a nós’ (1,14); onde quer que seja – e sempre – se cumpre o *conflito-drama* do Evangelho: ‘a Palavra veio para sua casa, mas os seus não a receberam’²².

²⁰ “... è proprio questa continua ‘implicita comunicazione’ delle pagine del quarto Vangelo una delle ragioni principali del suo fascino, del suo potere, del suo mistero”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 40.

²¹ “The narrator guides the reader through the narrative, introduces the reader to the world of the narrative and the characters which to view the action. In John, the narrator is the one who speaks in the prologue, tells the story, introduces the dialogue, provides explanations, translate terms, and tells us what various characters knew or did not know. In short, the narrator tells us what to think”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 16-17.

²² “L’intera trama del quarto Vangelo è pervasa e sospinta – fin dall’inizio – dal conflitto tra fede e incredulità, le quali si giocano inesorabilmente negli incontri delle persone o dei gruppi con il personaggio principale, Gesù Cristo. Si può essere ad un pranzo di nozze (2,1-11) o ad un pozzo appena fuori del villaggio

f) Tanto nas “narrativas” quanto nos “diálogos”²³ usa-se elementos simbólicos. A imagem do casamento em Caná, a água viva, a luz, a cura do cego, a ressurreição de Lázaro, todos estes acontecimentos apontam para algo mais. Levam a um aprofundamento do tema a ser apresentado. “Cada discurso nasce de um episódio, que é construído de modo a simbolizar o tema do discurso”²⁴.

g) No quarto Evangelho, Jesus é o narrador narrado. O autor, narrado pelo evangelista, apresenta Jesus como aquele que apresenta a Deus Pai. Desde o início do texto pode-se constatar isto: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,18).

Reconhecer que há uma narrativa, que há uma exposição de uma história, significa dizer que há enredo e também personagens²⁵. O próximo item tratará destes assuntos fundamentais, do objetivo e da estrutura do texto, pois o enredo apresenta uma estrutura na qual foi elaborado e que permite ver como devem ser visualizados e compreendidos os personagens.

2.2 OBJETIVOS E ESTRUTURA DO TEXTO DO QUARTO EVANGELHO

Todo texto escrito tem um objetivo. Aquele que escreve tem em vista atingir determinada pessoa e/ou provocar determinada reação. Em outras palavras, o autor de um texto quer comunicar algo. No caso do quarto Evangelho, ele deseja comunicar a fé, levar o leitor a crer por meio do testemunho dos personagens do texto²⁶.

O texto abre a visão do mundo do autor para os leitores, como se vê nas explicações dadas ao longo do texto²⁷. As explicações são apresentadas porque o leitor não

(4,1-26), per via (4,46-54) o attorno ad una piscina della città (5,1ss), nel tempio tra persone religiose d'alto rango (2,13-22) (...) oppure si consuma una cena amicale (12,1-11): ovunque – e sempre – Giovanni *drammatizza* l'evento-messaggio de 'la Parola' che in Gesù Cristo 'diventò uomo' visibile e tangibile 'e abitò in mezzo a noi' (1,14); ovunque – e sempre – si compie il *conflitto-drama* del Vangelo: 'La Parola venne in casa sua, e i suoi non l'hanno accolta'. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 41-42.

²³ O quarto Evangelho possui textos de dois gêneros: as “narrativas” e os “diálogos-controvérsias”. Estes últimos são os discursos. Bultmann, no processo de composição pensa em três fontes: Sinais, Discursos e Relato da Paixão. Hoje há mais convergência para a tese da fonte dos sinais, e que os discursos, são elaboração do evangelista que amplia o significado dos sinais. Tradição e Redação, cf. PANIMOLLE, Salvatore A. *L'Evangelista Giovanni*: Pensiero e opera letteraria del Quarto Vangelo. Roma: Borla, 1985, p. 582-583.

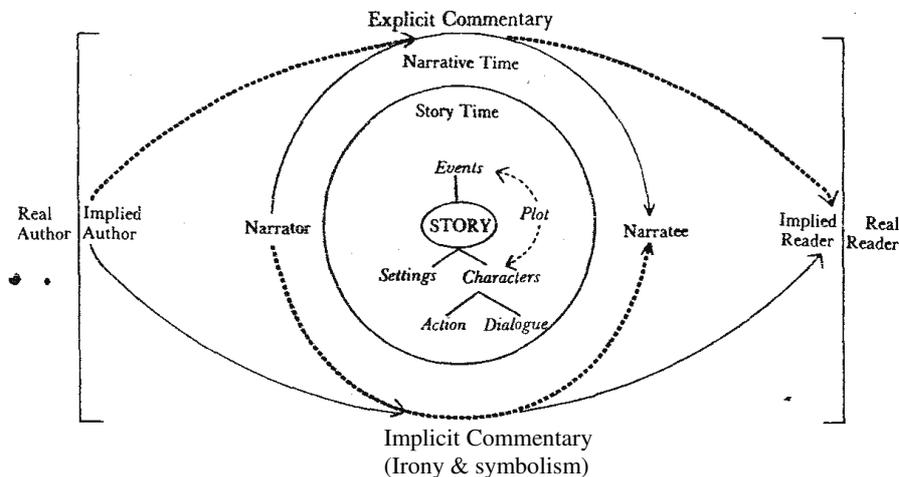
²⁴ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 497.

²⁵ MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 41.

²⁶ VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del Quarto Vangelo*: Milano: Glossa, 1994, p. 44.

²⁷ Como por exemplo, em Jo 19,17; onde se diz que em hebraico era chamado Gólgota.

seria capaz de compreender o texto sem elas. Elas têm em vista o leitor implícito²⁸, mas também o leitor real, que não foi pensado pelo autor, mas que ao aproximar-se do texto serve-se destes esclarecimentos para descobrir o que o texto deseja comunicar. O diagrama seguinte²⁹ propicia um esclarecimento:



O diagrama mostra como a história é transmitida do autor ao leitor. Toda “história narrada” (story) pressupõe um narrador e ouvintes. Entre o autor e o leitor está o texto. O autor real toma decisões sobre a narrativa, constrói a história, e a manifesta por meio do narrador (autor implícito). O modo como se narra a história manifesta um projeto concebido pelo autor real. Todavia, não se pode confundir o narrador com o autor real. Visto que o narrador é uma criação do autor real.

O narrar tem um papel “fundamental-estrutural” na mensagem do AT e do NT, é o denominador comum das diversas formas literárias também não narrativas, e possui em si mesmo uma potencialidade hermenêutica atualizante, exatamente em virtude da “presencialidade do narrado”, pois o narrado é dito não por pura informação e nem mesmo por uma genérica eficácia didática do “presente histórico”, mas antes para introduzir o ouvinte/leitor no evento narrado³⁰.

²⁸ O leitor implícito provavelmente diz respeito aos cristãos de língua grega de terceira geração que não conheceram a Jesus. Também, provavelmente àquelas pessoas de cultura judeu-grega do século II, que não necessariamente falam aramaico, mas que conhecem as promessas do AT. Já o leitor real é todo aquele que lê o texto do quarto Evangelho e que não se situa em nenhum destes contextos anteriores. Não obstante tem por objetivo tomar contato com a pessoa de Cristo e assumir a fé nele como Filho de Deus.

²⁹ CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 6.

³⁰ “‘il narrare’ ha un ruolo ‘fondamentale-strutturale’ nel messaggio dell’AT e del NT, è il denominatore comune delle diverse forme letterarie anche non narrative, e possiede in se stesso una potenzialità ermeneutica atualizante, proprio in virtù de ‘la presenzialità del narrato’, per cui il racconto è detto non per pura informazione e neppure per una generica efficacia didattica da ‘presente storico’, bensì per far entrare totalmente l’ascoltatore/lettore nell’evento narrato”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 26.

Os críticos literários distinguem entre o autor real, o leitor real e as contrapartes dentro do texto³¹. O autor real é aquele que constrói a narrativa e toma as decisões sobre como o texto vai se desenrolar. O texto, portanto, será imagem deste autor.

O “autor implícito” é descrito pela soma de escolhas refletidas na escrita da narrativa. Escolhas concernentes ao uso de cenários, ironia, caracterização, a manipulação do tempo, suspense, distância e todas as problemáticas e potenciais de composição narrativa com as quais se precisa lidar de uma maneira ou de outra³².

R. Bultmann³³ imaginava que não seria importante o Jesus da história para o *Kerygma* da fé. No entanto nos Evangelhos *Kerygma* e história, anúncio e narrado mesclam-se de modo indissociável. Os Evangelhos anunciam narrando e narram anunciando³⁴. Isto não remete necessariamente à história, mas não se pode ignorar que os Evangelhos foram escritos na forma de “uma narrativa historicizante da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus”³⁵.

A história dos Evangelhos e, neste estudo, o quarto Evangelho, portanto, não narra uma história que diz respeito unicamente à fé. As narrativas apresentadas têm a ver também com a história real. A fé cristã tem a pretensão de ser uma fé histórica. Jesus é um personagem real que viveu num determinado momento. As narrativas querem levar seus leitores a constatar que o personagem Jesus é real, que viveu num momento histórico e é Filho de Deus.

Mas únicos, e por isto em si mesmos não repetíveis, são também os relatos apostólicos que trazem o testemunho canônico daquele evento revelador-salvífico único e irrepetível. ‘O Evangelho literário é a forma, tornada texto, das narrativas que as mais antigas comunidades cristãs narraram a humanidade de Deus como história de Jesus Cristo’³⁶.

³¹ CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 6.

³² “The ‘implied author’ is defined by the sum of the choices reflected in the writing of the narrative, choices of the use of settings, irony, characterization, the handling of time, suspense, distance, and all the problematics and potential of narrative writing which must be dealt with in one way or another”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 6-7.

³³ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica e Paulus, 2003, p. 29.

³⁴ MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 28-29.

³⁵ TUÑÍ VANCELLS, José O. *O Testemunho do Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 9.

³⁶ “Ma unici, e perciò in se stessi non reiterabili, sono pure i racconti apostolici che recano la testimonianza canonica di quell’evento rivelatorio-salvifico unico e non reiterabile. ‘Il Vangelo letterario è la forma, divenuta testo, dei racconti in cui le più antiche comunità cristiane hanno narrato l’umanità di Dio come storia di Gesù Cristo’”. MANNUCCI, Valerio. *Giovanni il Vangelo narrante*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997, p. 29.

2.2.1 Relação e envolvimento entre o mundo do autor e do leitor

O texto abre uma visão de mundo. É como uma janela que torna possível ao leitor descobrir o mundo do autor. Importante também, é que o texto não pode ser lido de modo fracionado, mas como um todo. Pois só assim será possível compreender o que deseja comunicar.

As palavras e os acontecimentos narrados têm por objetivo criar sentimentos no leitor, afim de que ele se envolva e se identifique, comprometendo-se com aquilo que está sendo dito. Isto tornará possível uma resposta ou pelo menos disporá o leitor a concordar com as afirmações propostas pelo autor.

Esta sensibilização tem por objetivo levar o leitor a repensar o seu modo de viver e o mundo no qual vive de acordo com aquelas idéias comunicadas pelo texto. O texto quer sensibilizar o leitor para provocar um comprometimento.

O narrador transmite ao leitor a perspectiva do autor e manda sinais que estabelecem expectativas, distância e intimidade, e poderosamente influenciam o senso de identificação e envolvimento do leitor. As reivindicações do narrador e as normas do relato cortejam, acenam e desafiam o leitor a acreditar que a história narrada, seu mundo narrativo e seu personagem central revelam algo profundamente verdadeiro sobre o mundo 'real' no qual o leitor vive³⁷.

Deste modo ocorrerá uma relação entre dois mundos, pois o mundo do autor influenciará o mundo do leitor. Isto acontecerá na medida em que o leitor buscar respostas aos problemas de seu mundo, de sua vida. Respostas para problemas que em muitos casos sequer foram cogitados, mas levará em conta os princípios sugeridos pelo texto. Em outras palavras, o autor real deseja que o leitor veja o mundo do seu ponto de vista. E mais, questione-se sobre seus valores e decisões, a fim de confrontá-los com os do mundo do texto.

Pelo menos originariamente, é a criação literária do evangelista, que é manipulada com o propósito de conduzir os leitores a 'ver' o mundo como o evangelista o vê, de modo que, ao ler o evangelho, eles serão forçados a testar

³⁷ "The narrator conveys the author's perspective to the reader and sends signals which establish expectations, distance and intimacy, and powerfully affect the reader's sense of identification and involvement. The narrator's claims and the norms of the story woo, beckon, and challenge the reader to believe that the story, its narrative world, and its central character reveal something profoundly true about the 'real' world in which the reader lives". CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 4.

suas percepções e crenças sobre o mundo ‘real’, em comparação à perspectiva do mundo do evangelista que se encontraram no evangelho³⁸.

O modo de comunicação entre os dois mundos se dá por relação direta e pela leitura do texto. Sem isto, não se compreende o que o autor real deseja transmitir. A leitura é o veículo de comunicação entre o autor e o leitor.

2.2.2 Estrutura Testemunhal

O autor deseja comprometer o leitor com o texto. Há uma relação vital por meio da qual se deseja isto. O quarto Evangelho está organizado por meio de uma estrutura testemunhal, para que o leitor receba o testemunho a respeito da pessoa de Jesus Cristo, e, diante dela, possa aderir ou não.

Esta estrutura é percebida no texto de Jo 1,19 e 21, 24, que fazem inclusão:

Jo 1,19: Καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ Ἰωάννου

Jo 21,24: Οὗτός ἐστιν ὁ μαθητὴς ὁ μαρτυρῶν

As duas frases acima estão compostas num paralelismo quiástico³⁹. A estrutura geral das frases é paralela, enquanto que o quiasmo afeta a ambos os sujeitos. “A semelhança das expressões e seu contexto literário chave nos indicam, portanto, que nos encontramos diante de uma inclusão que abarca todo o Evangelho”⁴⁰. Ou seja, todo o texto do quarto Evangelho diz respeito ao testemunho sobre a pessoa de Jesus Cristo.

Esta estrutura se forma por meio de três testemunhos principais: o testemunho de João Batista, que se situa entre Jo 1,19–10,42; o testemunho do Discípulo Amado que se situa entre Jo 13,1–21,25 e o testemunho do Pai⁴¹ que está no centro, entre as duas testemunhas Jo 11,1–12,50.

³⁸ “Primarily at least, it is the literary creation of the evangelist, which is crafted with the purpose of leading readers to ‘see’ the world as the evangelist sees it so that in reading the gospel they will be forced to test their perceptions and beliefs about the ‘real’ world against the evangelist’s perspective on the world they have encountered in the gospel”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 4-5.

³⁹ SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 515, 2005.

⁴⁰ “La similitud de las expresiones y su contexto literario clave nos indican, por tanto, que nos hallamos ante una inclusión que abarca el entero Evangelio”. SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 515, 2005.

⁴¹ SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 524, 2005.

2.3 ENREDO E PERSONAGENS

Numa narrativa sempre há uma relação mútua entre personagens e enredo⁴². São partes integrantes e essenciais do texto escrito. Para uma melhor compreensão serão estudados separadamente.

2.3.1 Enredo

Assume-se neste estudo a tese de que os Evangelhos e de modo especial o quarto Evangelho possui um enredo. Pois

não só os evangelhos têm enredos, mas o enredo é, de certo modo, a interpretação da narrativa dada pelo evangelista, e nenhum deles poderia evitar – ou, no que concerne ao assunto, quis evitar – interpretá-la. Eles escreveram precisamente a fim de propor as suas interpretações da narrativa do evangelho. Enredo e personagens são ambos os meios pelos quais eles efetuaram esta tarefa e condições impostas sobre todo escritor de literatura narrativa⁴³.

De fato, o modo como o autor relata a história é o seu modo de compreendê-la. Assim, se o quarto Evangelho, mais do que qualquer outro, usa o vocábulo “testemunho”, pode-se compreender que no enredo do quarto Evangelho realmente haja um destaque todo especial ao tema do testemunho⁴⁴.

Nota-se que no quarto Evangelho os eventos são colocados em ordem diversa. Provavelmente o autor do quarto Evangelho elaborou de modo diverso o material tradicional, sendo assim responsável pela sucessão dos eventos estabelecidos no texto do quarto Evangelho.

Embora não seja certo que o evangelista tenha alterado material tradicional no qual havia uma seqüência estabelecida, correspondente àquela dos evangelhos sinóticos, é ao menos provável que ele seja responsável por aquela seqüência de

⁴² Cf. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 79.

⁴³ “Not only do the gospels have plots, but the plot is, in a sense, the evangelist's interpretation of the story, and none of them could avoid – or for that matter wanted to avoid – interpreting it. They wrote precisely in order to propound their interpretations of the gospel story. Plot and characterization are both means by which they fulfilled this task and requirements imposed upon every writer of narrative literature”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 86.

⁴⁴ SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 511, 2005.

eventos estabelecida no evangelho. Segundo, os diálogos de João são notadamente mais planejados e menos realísticos que aqueles dos sinóticos⁴⁵.

Ser menos realístico não significa necessariamente ter menor valor ou ser uma invenção. Antes diz respeito à maior elaboração teológica da parte da comunidade joanina e do autor real.

As características do enredo são a sucessão, a causalidade, a unidade e o poder afetivo de uma narrativa⁴⁶. Desse modo, no texto do quarto Evangelho, há uma sucessão de eventos. Estes eventos estão unidos num todo coerente e há uma causa pelos quais eles ocorrem. Há a encarnação do *Lógos* e há um poder afetivo (aceitação ou rejeição de Jesus) na medida em que se busca envolver o leitor a tomar partido diante dos personagens. O conflito entre fé e rejeição de Jesus, que se manifesta por meio dos personagens da narrativa, procura envolver o leitor.

No Evangelho de João, Jesus, que é descido do mundo de cima, é desconhecido exceto por um pequeno número de privilegiados. À medida que se esforça em cumprir sua missão, “aventuras” menores preliminares (isto é, sinais e conflitos com oponentes) começam a revelar sua identidade. Ele se defronta com uma luta crucial, sua própria morte, a qual aceita e por meio desta consuma sua incumbência com êxito: “Está consumado” (19,30). Embora o triunfo tome a forma de aparente derrota, ele é reconhecido por seus seguidores como “meu Senhor e meu Deus” (20,28)⁴⁷.

Antes dos textos narrados pelos evangelistas, pode-se afirmar a existência de coleções de relatos⁴⁸ que se foram formando por meio da tradição oral dos apóstolos e seus discípulos. A tarefa dos evangelistas foi a de unir estes diversos materiais em um todo

⁴⁵ “Although it is far from certain that the evangelist altered traditional material in which there was a set sequence which corresponded to that of the synoptic gospels, it is at least probable that he is responsible for the sequence of events established in the gospel. Second, John’s dialogues are noticeably more contrived and less realistic than those of the synoptics”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 86.

⁴⁶ CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 80.

⁴⁷ “In the Gospel of John, Jesus, who has descended from the world above, is unrecognized except by a privileged few. As he strives to fulfill his mission, preliminary minor ‘adventures’ (i.e., signs and conflicts with opponents) begin to reveal his identity. He is faced with a crucial struggle, his own death, which he accepts and thereby finishes his task successfully: ‘It is finished’ (19:30). Although triumph takes the form of apparent defeat, he is recognized by his followers as ‘my Lord and God’ (20:28)”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 83.

⁴⁸ Haveria coleções de parábolas, curas, milagres, coleções de *lógia*, do relato da paixão. TUÑÍ VANCELLS, José O. *O Testemunho do Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 8. Embora R. Schnackenburg, no quarto Evangelho, aceite só a fonte dos sinais já posta por escrito. Ele dá a entender que, na formulação escrita de seu texto, o autor deixaria de usar algumas formulações já cunhadas e algumas unidades de sentenças Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según San Juan: Versión y comentario*. Barcelona: Herder, 1980, p. 103.

coerente. Além disso, os evangelistas procuraram infundir um sentido aos eventos relatados e empenham-se em convencer o leitor de que este sentido estava desde o princípio subentendido nos eventos.

Para estabelecer coerência interna e conduzir o significado da história, o evangelista selecionou, configurou e organizou material a fim de que sua seqüência estabelecesse uma certa progressão e causalidade. Ação e diálogo foram usados para estabelecer vários temas ou *Leitmotiv* que ocorrem periodicamente nos evangelhos do começo ao fim, e o narrador e os personagens foram feitos para cooperar na condução do significado da história⁴⁹.

Por isso, não apenas os Evangelhos têm um enredo, mas o enredo é o modo como o evangelista compreende e transmite a história. Todos os evangelistas apresentam uma interpretação de acordo com o seu ponto de vista. Mas afinal, o que é característico para o quarto Evangelho?

Diferentemente dos sinóticos, o leitor no quarto Evangelho sente-se privilegiado em relação aos personagens. Isto ocorre porque enquanto que os personagens vão descobrindo quem é Jesus ao longo do relato, o leitor já o sabe desde o Prólogo. Chama a atenção o fato de que o texto não perde o interesse por isso. O leitor é envolvido na trama no sentido de observar quais serão as diferentes reações dos personagens da narrativa. O texto acaba por provocar no leitor um acompanhamento nas reações de alguns dos personagens, por simpatia, e acaba desejando que se saiam bem.

O enredo do quarto Evangelho está fundamentado na tarefa de Jesus que é a de revelar o Pai dando testemunho da verdade e tirar o pecado do mundo⁵⁰. Provavelmente entre ambas as tarefas haverá uma correlação, visto que têm o mesmo fim. Jesus como o Cordeiro de Deus (cf. Jo 1,29.36) morre na cruz para tirar o pecado do mundo. E é também em sua morte na cruz, na sua glorificação (cf. Jo 3,14-18) que Jesus manifesta quem é o Pai.

Para tal o quarto Evangelho apresenta um enredo no qual estabelece relações entre Jesus e os demais personagens da narrativa. Um enredo é um jogo de regras que determinam as sucessões de eventos para causar uma determinada resposta afetiva.

⁴⁹ “To establish internal coherence and convey the significance of the story, the evangelists selected, shaped, and arranged material so that its sequence established a certain progression and causality. Action and dialogue were used to establish various themes or motifs which recur throughout the gospels, and the narrator and characters were made to cooperate in conveying the meaning of the story”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 85.

⁵⁰ CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 88.

Esta definição é totalmente compatível com o quarto Evangelho, pois o autor quer levar o leitor a crer em sua tese: Jesus é o Filho de Deus (cf. Jo 1,34.49; 3,18; 10,36; 11,4.27; 19,7; 20,31). O autor comunica isso por meio do enredo, relacionando os diferentes personagens de acordo com a idéia principal, ou com os objetivos principais do texto. Um dos objetivos principais do quarto Evangelho teria a ver com o vocábulo “testemunho”, pois, como foi visto, o quarto Evangelho apresenta uma estrutura testemunhal.

Para tal, criará um drama envolvendo o leitor. Isto se dá por exemplo, após o discurso do pão da vida (Jo 6), depois do qual muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele (Jo 6,66). Ou como no caso do cego de nascença (Jo 9), quando é evidente o prodígio realizado. Mas porque Jesus o fez num sábado, os judeus o rejeitam (cf. Jo 9,16). Cria-se um ambiente emocional, afetivo, no sentido de descobrir se, enfim, eles vão reconhecê-lo na pretensão do autor de que este é o Verbo de Deus, aquele que no princípio estava junto com Deus? E o leitor vai ter condições de formar uma opinião própria a este respeito, terá de se fazer a pergunta e responder a si próprio se Jesus é realmente o Filho de Deus ou não.

Este envolvimento se dá também pelas diferentes reações apresentadas pelos diferentes personagens, pois o autor do quarto Evangelho nos apresenta certos traços de seus personagens que mostram os seus sentimentos e suas reações. Na medida em que o leitor está numa posição privilegiada em relação aos personagens, ele acaba se envolvendo com o relato. Além do mais, o leitor conta com os juízos de valor que o narrador do quarto Evangelho faz a respeito dos personagens, sobre as suas atitudes e ações a respeito de Jesus. Tudo isso cria condições para que o leitor acabe por concordar ou rejeitar o seu ponto de vista. E o que é o mais importante, cria uma relação vital com o texto.

João usa com muito gosto ambos os procedimentos: ama “fazer ver” os seus personagens em ação, e “fazer escutar” os diálogos que Jesus têm com eles, mantendo uma narração mais distanciada. Mas, muito mais do que os outros evangelistas, ama também entrar no mérito de uma valoração específica das suas atitudes, recorrendo ao uso dos comentários narrativos, ou entregando-se ao ponto de vista de Jesus que valoriza ou desaprova certas atitudes dos personagens⁵¹.

⁵¹ “Gv usa volentieri entrambi i procedimenti: ama ‘far vedere’ i suoi personaggi in azione, e ‘far ascoltare’ i dialoghi che Gesù intrattiene con loro, mantenendo una narrazione più distanziata. Ma più degli altri evangelisti ama pure entrare nel merito di una valutazione specifica dei loro atteggiamenti, ricorrendo all’uso dei commenti narrativi, oppure affidandosi al punto di vista di Gesù che apprezza o biasima certi atteggiamenti dei personaggi”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 37.

A tarefa de testemunhar, de revelar o Pai, que é tarefa de Jesus, acaba por se estender aos apóstolos. O autor do quarto Evangelho a estende ao leitor. Assim, como Jesus deu testemunho do Pai e os apóstolos dão testemunho de Jesus Cristo. O leitor depois de responder afirmativamente à pergunta sobre a filiação divina de Jesus, também estará em condições de dar testemunho por meio de sua vida.

Pela alusão ao trabalho futuro dos discípulos e à escrita do evangelho, ele faz uma ponte sobre o abismo entre a história e o leitor. A história pode pintar um passado ideal, mas o presente é relatado àquele passado de tal modo que a história se torna determinante para o presente do leitor⁵².

Abaixo apresenta-se um esquema que pode facilitar a compreensão do que foi dito até agora. Ele é elucidativo por comparar a missão dos discípulos com a de Jesus⁵³:



2.3.2 Personagens

Toda narrativa possui um enredo e esta é composta por personagens. Estes últimos são fundamentais para o bom êxito do texto, pois é por meio deles que o leitor entra em contato com a narrativa.

Personagens e enredo são interdependentes⁵⁴. Haverá uma relação entre ambos. O enredo condicionará os personagens. Os personagens serão construídos tendo em vista o enredo.

⁵² “By alluding to the disciples’ future work and the writing of the gospel, it bridges the gap between the story and the reader. The story may depict an ideal past, but the present is related to that past in such a way that the story becomes determinative for the reader’s present”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 96-97.

⁵³ TUÑI VANCELLS, José O. *O Testemunho do Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 163.

⁵⁴ Cf. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 24.

Um personagem é seguido na seqüência do enredo, lendo e relendo, memorizando, parafraseando e unindo todos os textos onde ele intervém – como também aqueles nos quais é invocado (independentemente do fato que esteja explicitamente presente). Só assim pode ser contemplado como figura global⁵⁵.

Todavia, para se compreender o personagem intervém também o ponto de vista do leitor. Porque o autor não apenas constrói um personagem, mas este é recebido pelo leitor, que o reelabora⁵⁶ de acordo com suas idéias e que se projeta no que diz respeito à relação do personagem com Jesus, no caso do quarto Evangelho.

No quarto Evangelho o personagem passa a ter uma existência própria, ou seja, ele não é apenas um ser humano real que conviveu e se encontrou com Jesus, mas passa a ter uma existência verbal. E esta existência influencia a vida do leitor. A leitura torna possível a relação com o personagem. O leitor, por meio da leitura, sensibilizar-se-á para constatar se está ou não agindo como aquele personagem. A construção do personagem tem o objetivo de atingir o leitor.

A sua existência é estritamente ancorada no texto (é uma construção textual), é existência verbal e não real. E, apesar disso não se identifica com a materialidade do escrito. (...) Antes, é uma construção do texto; melhor ainda: uma construção configurada no e através do texto...⁵⁷

Para a Sagrada Escritura os personagens são importantes enquanto figuras de fé⁵⁸. Eles são apresentados de acordo com a estrutura narrativa da obra. No quarto Evangelho, os personagens por si próprios não parecem ser muito importantes. Aparentemente eles foram construídos para se relacionarem com Jesus e auxiliarem a manifestar ao leitor quem ele é. Quaisquer personagens secundários trazem consigo praticamente uma única característica, e apenas Jesus aparece no texto de modo bem elaborado. Os demais praticamente só ocorrem para que o autor do quarto Evangelho possa apresentar a pessoa de Jesus por meio da relação destes com ele.

⁵⁵ “Un personaggio va seguito sul filo dell’ intreccio, leggendo e rileggendo, memorizzando, parafrasando e collegando tutti i testi dove egli interviene – come pure quelli dai quali viene evocato (independentemente dal fatto che sia esplicitamente presente). Solo così può essere contemplato come figura globale”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 25-26.

⁵⁶ VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 21.

⁵⁷ “La sua esistenza è strettamente ancorata al testo (è ‘un costruito testuale’), è esistenza verbale e non reale. E tuttavia non si identifica con la materialità dello scritto. (...) Piuttosto, è una costruzione del testo; meglio ancora: una costruzione configurantesi nel e attraverso il testo...” VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 22-23.

⁵⁸ VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 29.

A maioria dos personagens lhe aparece tão brevemente que é difícil formar uma impressão deles como “seres autônomos”. Somente Jesus aparece freqüentemente ou o suficiente para receber um desenvolvimento multifacetado substancial. Quando qualquer um dos personagens minoritários carrega uma impressão de personalidade, é usualmente a personificação de uma feição particular: Tomé duvida, Pilatos luta com as reivindicações da verdade e as conveniências políticas, Pedro é impulsivo, o Discípulo Amado é perceptivo⁵⁹.

No Antigo Testamento, os personagens se desenvolvem, progridem, amadurecem. Basta-nos pensar em Jacó, antes e depois de sua viagem em busca de uma esposa (cf. Gn 32,1), também em Jonas que, contrariado, aceita que Deus salve os ninivitas por meio de sua pregação (Jn 3,3). Todavia, no quarto Evangelho o personagem de Jesus não muda, mas permanece estático⁶⁰.

Poder-se-ia, pois, classificar os personagens da seguinte forma: a) completos desde a sua origem: aqueles que são apresentados no texto já com um retrato inicial completo, no quarto Evangelho, o João Batista; b) personagens emergentes na ação: são aqueles que têm uma representação inicial vaga, mas que vão sendo definidos enquanto reagem a eventos posteriores, tais como a Samaritana e o Discípulo Amado; c) personagens radicalmente transformados: em razão da mudança e desenvolvimento do personagem, seu retrato inicial só tem valor enquanto referência para se constatar a situação final, tal como Nicodemos⁶¹.

Como já foi visto, os personagens parecem ter a pretensão de levar o leitor a por diante de si uma decisão sobre a pessoa de Jesus Cristo. Assim como eles manifestam diversas posturas diante de Jesus, as pessoas ao lerem o texto do quarto Evangelho são estimuladas também a assumir uma postura de vida. Poderia ser como uma enquete na qual se pergunta ao leitor quem é Jesus para ele. Diante das reações dos personagens o leitor também faz a sua opção a respeito de Jesus Cristo. O texto do quarto Evangelho apresenta uma moldura ou ambiente literário que tem em vista favorecer esta opção: para que vós creiais: ἵνα καὶ ὑμεῖς πιστεύ[σ]ητε. (Jo 19,35; 20,31)⁶².

⁵⁹ “Most of the characters in it appear so briefly that it is difficult to form an impression of them as ‘autonomous beings’. Only Jesus appears frequently or long enough to receive substantial multi-faceted development. When any of the minor characters conveys an impression of personhood it is usually the personification of a single trait: Thomas doubts, Pilate wrestles with the claims of truth and political expediency, Peter is impulsive, the Beloved Disciple is perceptive”. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 102.

⁶⁰ CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 103.

⁶¹ Cf. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 33-34.

⁶² VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 47.

O fato de que o quarto Evangelho usa πιστεύω em maior quantidade do que os sinóticos, noventa e oito vezes presente no quarto Evangelho⁶³, parece solicitar um constante processo de identificação e ou afastamento do leitor a respeito dos personagens. Ou seja, na leitura do texto, se é convidado a dar uma resposta diante de Jesus. Essas possíveis respostas diante de Jesus são as respostas apresentadas pelos diferentes personagens. Elas podem ser as seguintes:

1) a resposta de rejeição ou de incredulidade, representada essencialmente pelos judeus; 2) a resposta de aceitação sem compromisso público, representada por aqueles que crêem em segredo; 3) a aceitação de Jesus enquanto autor de sinais e de prodígios, representada pelas multidões reunidas no Templo de Jerusalém e na ocasião da multiplicação dos pães na Galiléia; 4) a fé nas palavras de Jesus, representada pela Samaritana, pelo funcionário real e pelo cego de nascença; 5) o empenho, apesar dos mal entendidos, representado pelos discípulos que seguem Jesus, mas que mostram de não ter compreendido a revelação do Pai através dele (Felipe), a necessidade de sua morte (Pedro), ou a realidade da sua ressurreição (Tomé); 6) a figura dos discípulos exemplares: sobretudo pelo Discípulo amado, que é amado por Jesus, que crê e dá um testemunho verdadeiro; 7) a resposta da deserção: como os discípulos que se afastam de Jesus na Galiléia e por Judas⁶⁴.

No fim, é possível ampliar a opção do personagem ao próprio leitor, para que avalie novamente a sua opção de fé. Dessa forma, ele próprio – o leitor – poderá tornar-se uma testemunha.

No mundo narrativo de João a individualidade de todos os personagens, à exceção de Jesus, é determinada pelo seu encontro com Jesus. Os personagens representam uma continuidade de respostas a Jesus que exemplificam que o leitor pode dividir e as respostas que se pode dar à imagem de Jesus representada no evangelho. Na sua caracterização, ainda mais acentuada em relação aos personagens sinóticos, os personagens joaninos são, contudo, particulares aspectos de sujeitos empenhados numa escolha, que por sua vez,

⁶³ BARTH, Gerhard. πίστις πιστεύω. In BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia Editrice 2004, p. 952.

⁶⁴ “1) La risposta del rifiuto o dell’incredulità, rappresentata essenzialmente dai Giudei; 2) la risposta dell’accettazione senza impegno pubblico, rappresentata da quelli che credono in segreto; 3) l’accettazione di Gesù in quanto autore di segni e di prodigi, rappresentata dalle folle riunite al tempio a Gerusalemme e in occasione della moltiplicazione dei pani in Galilea; 4) La fede nelle parole di Gesù, rappresentata dalla Samaritana, dal funzionario regale e dal cieco nato; 5) l’impegno, nonostante tutti i malintesi, rappresentato dai discepoli che seguono Gesù, ma che mostrano di non avere compreso la rivelazione del Padre attraverso di lui (Filippo), la necessità della sua morte (Pietro), o la realtà della sua risurrezione (Tommaso); 6) La figura dei discepoli esemplari, rappresentata soprattutto dal Discepolo amato, che è amato da Gesù, che crede e dà una testimonianza veridica; 7) la risposta della defezione, rappresentata dai discepoli che si allontanano da Gesù in Galilea e da Giuda”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 44.

empenham a um leitor ao discernimento e o convidam a avaliar a própria opção de fé⁶⁵.

Reportando ao que já foi dito, foi possível constatar que o texto é escrito para influenciar o leitor. Notou-se também que a narrativa apresenta um papel fundamental nos Evangelhos. E que o quarto Evangelho apresenta características peculiares. O texto do quarto Evangelho foi composto com o objetivo de comprometer o leitor com o testemunho apresentado sobre a pessoa de Jesus Cristo por meio de uma estrutura testemunhal e que o enredo e os personagens são elaborados para que o próprio leitor reflita sobre a sua adesão a pessoa de Jesus. Este questionamento tem por objetivo conduzir o leitor a aceitar o testemunho que os personagens expõem sobre Jesus. Por fim, esta adesão levará o leitor à fé e ele próprio poderá tornar-se testemunha de Jesus Cristo.

⁶⁵ “Nel mondo narrativo di Gv l’individualità di tutti i personaggi, ad eccezione di Gesù, è determinata dal loro incontro con Gesù. I personaggi rappresentano una continuità di risposte a Gesù che esemplificano che il lettore può condividere e risposte che ci si può dare all’immagine di Gesù raffigurata nel vangelo. Nella loro caratterizzazione anche più accentuata rispetto ai personaggi sinotici, i personaggi giovannei sono, tuttavia, particolari modi di soggetti impegnati in una scelta, che a loro volta quindi impegnano il lettore ad un discernimento e lo sollecitano a misurare la propria opzione di fede”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 43.

3. PERSONAGENS QUE DÃO TESTEMUNHO

No capítulo anterior foi possível constatar que o texto do quarto Evangelho está estruturado para envolver seu leitor e comprometê-lo com a pessoa de Jesus. Para tal realizam um papel fundamental os personagens do texto e o enredo. Pois é por meio deles que o leitor do quarto Evangelho relaciona-se com Jesus. Ao assumir algumas reações dos personagens como próprias, ele alcança o objetivo proposto pelo autor que é o de fazer com que o leitor se torne um fiel perseverante, crente na identidade messiânica e filial de Jesus, Filho de Deus (cf. Jo 20,31).

Deste modo, é o momento de estudar o testemunho dos personagens do quarto Evangelho a respeito da pessoa de Jesus. De forma que, assim como os personagens apresentaram seu testemunho sobre Jesus, o leitor também seja capaz de fazer o mesmo.

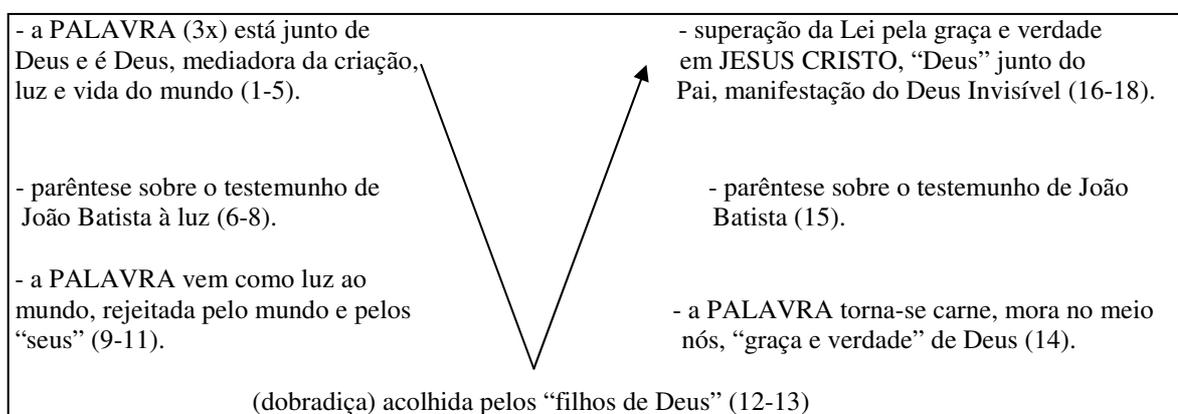
São mais de uma dezena os personagens do quarto Evangelho, não é possível estudar todos num trabalho como este. Por isto, concentrar-se-á a atenção sobre dois personagens que se destacam e que parecem ser complementares no seu ato de manifestar seu testemunho sobre a pessoa de Jesus: João Batista e o Discípulo Amado.

Já se viu que João Batista não apresenta um crescendo em sua relação com Jesus, enquanto que parece que o Discípulo Amado está colocado como modelo para todos os discípulos. Além do que no grande “processo com os judeus” que é o quarto Evangelho, “foi o Batista escolhido como a mais importante testemunha a favor de Jesus como Messias e como Filho de Deus”¹. Desse modo parecem ser os personagens mais adequados para este estudo.

¹ BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 127.

3.1 TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA

Ao iniciar a leitura do quarto Evangelho, se é surpreendido com os versículos seis a oito, os quais parecem ser uma interpolação no texto do Prólogo. A narrativa fala sobre o *Lógos* e, de repente, trata-se de João Batista nos versículos citados e se retorna novamente ao tema do *Lógos*. Depois, no versículo quinze, há nova uma interrupção sobre o tema do *Lógos* e se trata outra vez do testemunho de João Batista. Poder-se-ia pensar num acréscimo posterior, mas esta explicação só seria adequada se esclarecesse o motivo pelo qual este acréscimo foi posto justamente aqui.



No esquema acima², defende-se a idéia de que o Prólogo é um hino composto por um díptico composto por dois painéis. A ligação entre os painéis se dá por aqueles que acolhem o *Lógos* e se tornam “filhos de Deus”, como se pode ver pela ilustração do referido livro.

Deste modo o que num primeiro momento pareceria colocado sem propósito no texto do Prólogo, foi pensado para ser colocado como um testemunho no sentido jurídico do termo. Como ao longo da história da salvação, Deus foi abrindo processos contra o seu povo (Is 43,10)³. No texto do Prólogo o testemunho de João Batista está colocado para ser um testemunho da presença do *Lógos* no mundo. O uso do substantivo μαρτυρία no acusativo, reporta ao que foi afirmado no primeiro capítulo deste trabalho, sobre o sentido jurídico para esta palavra e, em especial, um testemunho sobre a pessoa de Jesus Cristo.

Aqui se nota uma diferença fundamental entre o quarto Evangelho e os sinóticos. Nos sinóticos, João é enviado para preparar os caminhos, ele é, sobretudo, o “precursor”; já no quarto Evangelho esta característica desaparece e se ressalta a categoria de

² KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 75.

³ GUILLET Jacques. Processo. In: LEÓN-DUFOUR, Xavier (dir.) *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 820-821.

“testemunha”. O quarto Evangelho nada afirma sobre as roupas usadas por João Batista, nem tampouco ao alimento que o sustenta como Marcos: “João se vestia de couro de camelo e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre” (Mc 1,6). Além disso, apenas no quarto Evangelho João Batista manifesta a consciência de ser enviado por Deus (o Pai), como se pode ler: “Eu não o conhecia, mas, aquele que me enviou para batizar com água...” (Jo 1,33a).

Diferentemente dos sinóticos, Jo não contém dados biográficos sobre ele; a única coisa que interessa é o seu testemunho a respeito de Jesus. De fato, ao passo que nos sinóticos João Batista é o precursor, aqui sua função se limita à de testemunha⁴.

No Prólogo, o autor do quarto Evangelho está apresentando ao leitor aquilo que ele pretende mostrar ao longo de toda a narrativa. Parece querer mostrar ao leitor que começou o “processo judicial” entre o mundo e o *Lógos*. Se ele puder ser compreendido desta forma, João Batista, no quarto Evangelho será um personagem de destaque, pois é uma testemunha autorizada entre o *Lógos* e a humanidade.

O Prólogo apresenta João Batista como uma testemunha por excelência. Pois ele

atualiza toda a tradição profética que o precedeu, todos os anúncios feitos pelos profetas da salvação de Deus que vêm até o homem. Nos vv. 6-8 do Prólogo, ele também representa numa figura típica todos os “testemunhos” que, no curso da história, foram encarregados de atestar a presença no mundo da luz divina⁵.

O testemunho de João é, portanto, um modelo e uma referência que sintetiza e que reelabora tudo o que foi dito no AT sobre a presença da luz divina. Este testemunho, ao longo do quarto Evangelho e da história da humanidade encontrará rejeição (cf. Jo 1, 11) ou acolhida (cf. Jo 1,12).

Como parte do “programa” do quarto Evangelho, o Prólogo, em sua estrutura dípica, conduz o leitor a um testemunho duplo de João Batista. O testemunho sobre a Luz seria um testemunho meramente indicativo (cf. Jo 1,6-8). Indicaria a presença da luz. Na segunda parte do Prólogo (Jo 1,15), o testemunho de João é sobre a pessoa de Jesus Cristo que ele próprio identificou após o batismo⁶.

⁴ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 282.

⁵ LEÓN-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 79.

⁶ LEÓN-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 79.

Esta divisão do Prólogo em duas partes, o testemunho da luz e o testemunho de Jesus Cristo, dirige aos dois testemunhos de João Batista apresentados no capítulo primeiro. Em Jo 1,19-28, num contexto jurídico, (pelo envio de sacerdotes e levitas da parte dos judeus para interrogá-lo), João Batista parece também não saber de quem dá testemunho. Apenas diz que no meio deles está alguém do qual não é digno de desatar a correia da sandália. É somente no dia seguinte (τῆ ἐπαύριον) de Jo 1,29 que ele identificará aquele que vem, do qual ele já deu testemunho, com a pessoa de Jesus. Foi só a partir de Jo 1,29 que João Batista identificou Jesus com aquele do qual antes ele dava testemunho.

3.1.1 Os dois dias

Esquemáticamente, pode-se constatar que o testemunho de João Batista está posto numa moldura de dois dias⁷. E a relação entre o texto do Prólogo e os dois testemunhos de João Batista são as seguintes:

Jo 1,6-8	primeiro dia =>	Jo 1,19-28;
Jo 1,15	segundo dia =>	Jo 1,29-34.

3.1.1.1 Primeiro dia

A expressão “este foi o testemunho de João”: Καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ Ἰωάννου (Jo 1,19), parece indicar o caráter oficial ou solene do primeiro testemunho de

⁷ Mantém-se esta perspectiva, apesar da posição de M. Làconi (LÀCONI, Mauro. *Il racconto di Giovanni*. Assisi: Cittadella Editrice. 1993, p. 40.), na qual este autor apresenta um tríplice testemunho do Batista, acrescentando o encontro com os primeiros discípulos (Jo 1,35-36). Pois ali também se usa a expressão no dia seguinte: τῆ ἐπαύριον. Para R. Brown, o testemunho de João Batista se dá em três dias, e o terceiro dia simplesmente amplificaria o esquema de Jo 1,6-8 (BROWN, Raymond, Edward. *El Evangelio Segun Juan I-XII*. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1979, p. 221-222.). Apesar desta posição, pensa-se que em Jo 1, 35-42, não se apresente o testemunho de João Batista a respeito de Jesus, pois o próprio R. Brown afirma que o testemunho reiterado de Jo 1,36 já não tem valor de revelação em si, sua intenção é começar uma reação em cadeia, cujo resultado final será que os discípulos do Batista se façam discípulos de Jesus (p. 259). Justifica-se ainda o fato desta perícopie não fazer parte da estrutura pelo fato de não se utilizar mais nem μαρτυρέω, nem μαρτυρία, no restante do capítulo primeiro. Pensa-se que as expressões: τῆ ἐπαύριον (No dia seguinte) e ἀμνὸς τοῦ θεοῦ (Cordeiro de Deus) somente sirvam de ligação ao testemunho de João Batista com o seguimento de Jesus realizado pelos discípulos de João Batista. Uma posição de acordo com o objetivo deste texto é de J. Ashton no momento que afirma que a versão atual de 1,19-51 é dividida naturalmente em duas partes: (1) vv. 19-34 (testemunho) e (2) vv. 35-51 (descoberta). ASHTON, John. *Comprendere il quarto Vangelo*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000, p. 273.

João Batista. Lê-se neste mesmo versículo que os judeus (provavelmente o Sinédrio) enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o interrogarem. De certa forma, o autor do quarto Evangelho, por meio do testemunho de João Batista, abre o processo que os judeus farão contra o próprio Jesus, que culminará com a sua condenação à morte.

O evangelista quer descrever o itinerário da descoberta de João. Este se diminui primeiro para declarar que alguém está ali, desconhecido de todos (1,19-27). No dia seguinte, porém, ele designa Jesus, pelo qual o império do pecado chega ao fim; ele diz a seguir o modo pelo qual reconheceu o Messias e, através disso, compreendeu melhor o sentido da própria missão (1,29-31). Enfim, ele “testemunha”: Jesus, sobre o qual demorou o Espírito, é Aquele que batiza no Espírito Santo, é o Filho de Deus (1,32-34)⁸.

No seu testemunho em Jo 1,20 diz “não ser o Cristo”. Algo importante desta afirmação é a expressão usada por João Batista: ἐγὼ οὐκ εἰμὶ ὁ χριστός: “Eu não sou o Cristo” (Jo 1,20). Esta expressão pode ser percebida em contraste com as afirmações de Jesus no quarto Evangelho, nas quais se usa a expressão “eu sou” do AT atribuídas a Javé. Como por exemplo em Jo 6,35: “Eu sou o pão da vida”; ou em Jo 8, 24 “porque se não crederdes que EU SOU”⁹ ou ainda em Jo 8,27: “Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que EU SOU”.

A expressão solene de Jo 1,20 poderia ainda significar uma expressão solene contra seitas batistas que veriam em João Batista o Messias:

Não é improvável que o evangelista, ao transmitir de forma tão forte a resposta do Batista, reflita uma intenção polêmica contra certas seitas batistas que tinham o Batista pelo Messias ou como um personagem tal cujo batismo era necessário¹⁰.

João Batista não é o Messias, mas apresenta um papel importante no quarto Evangelho. Humanamente falando, ele é a testemunha por excelência.

Ao dizer: “Eu não sou o Cristo”, João parece responder ao lado da questão, mas sua resposta é pertinente, porque revela de modo abrupto o verdadeiro objetivo da entrevista, que continuará a propósito de Jesus na boca dos judeus (7,26s.31.41s; 10,24; 12,34). João desloca imediatamente a atenção sobre a

⁸ LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 124.

⁹ O detalhe em maiúscula EU SOU é da tradução portuguesa da Bíblia de Jerusalém.

¹⁰ No es improbable que el evangelista, al transmitir en esta forma tan rotunda la respuesta del Bautista, refleje una intención polémica contra ciertas sectas bautistas que tenían al Bautista por el Mesías o por un personaje tal que su bautismo era necesario. TUYA, Manuel de. *Evangelio di Juan*. In: TUYA, Manuel de. *Bíblia Comentada V: Libro de los Evangelios (2º)*. Madrid: La editorial Católica, 1971, p. 258.

identidade do Messias; ele orienta indiretamente para Aquele que vem e que ele espera¹¹.

Os judeus enviaram sacerdotes e levitas para certificar-se se João Batista não seria o Messias. Por isto, sua resposta é direta. Vai ao âmago da questão. Foi para saber se João Batista era o Messias, que os sacerdotes e levitas fizeram a pergunta.

Mais do que nos sinóticos, no quarto Evangelho ocorre um redimensionamento do personagem João Batista¹². É lhe dado um destaque maior. Por isso, é ele próprio que afirma “não ser o Cristo”. Seu objetivo é testemunhar, manifestar o Messias na pessoa de Jesus. Desta forma, diferentemente dos sinóticos, João Batista não é o pregador inflamado a afirmar que “o machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo” (Mt 3,10). Mas é a “testemunha”, aquele que manifesta a presença do Messias, do Salvador. Sua missão não é chamar a atenção sobre si, ou amedrontar seus ouvintes. Apenas quer alertá-los sobre a presença do Verbo do qual ele apenas é a voz (cf. Jo 1,23). A sua grandeza está no fato de ser aquele que manifesta a presença do Messias a Israel pelo testemunho.

Em si, não tem personalidade nem está chamado sequer a crer; deve apenas induzir, mediante o seu testemunho, os homens a crer no autêntico revelador. Nem tampouco é revelador, no sentido do evangelho, mas um servo do revelador. Existe um laço entre Deus e o Batista, mas este aponta necessariamente para Jesus¹³.

Mas ocorre uma nova pergunta: por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta? (Jo 1,25). Esta pergunta parece ser um artifício literário do quarto Evangelho a fim de realizar um contraste entre a pessoa de João Batista e o próprio Jesus.

João Batista batiza com água, mas virá alguém, que eles não conhecem – pois isto só é possível para quem recebe uma revelação do alto (cf. Jo 1,33) – que é maior do que ele. João Batista destaca a presença de Cristo. Logo após narra-se que João batizava do outro lado do Jordão. João Batista prepara o fim da espera de Israel. Aqui ele ainda não identificou o Messias. No entanto, ele está seguro de que Ele [Messias] está presente. A

¹¹ LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 126.

¹² J. Blank afirma que os textos do quarto Evangelho refletem um estado mais avançado sobre a reflexão da função e do papel e missão escatológica de Jesus e de João Batista. BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 124.

¹³ CALLE, Francisco de la. *Teologia do Quarto Evangelho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 47.

presença do Messias vai realizar o passado de Israel. O que falta é identificar Aquele que vem. Esse vai ser o sentido do segundo dia.

3.1.1.2 Segundo dia

No segundo dia, ou no dia seguinte Jo 1,29 (τῆ ἐπαύριον), os enviados dos judeus desapareceram. Já não há mais nada oficial, dramático ou polêmico. Apenas se faz um anúncio do *Kerygma* Cristológico: o anúncio sobre a pessoa de Jesus. É um anúncio que chama a atenção, visto que são poucas as vezes que este título soteriológico de Cordeiro de Deus é aplicado a Jesus. A expressão é usada apenas em Jo 1,29.36, At 8,32 e 1Pd 1,19¹⁴.

Na perícopa do segundo dia (Jo 1,29-34), se apresenta uma continuação do testemunho iniciado por João Batista no primeiro dia (Jo 1,19-28). Aqui se completa a resposta de João Batista aos judeus, embora pareça que eles não estejam presentes. João aperfeiçoa o testemunho manifestado no primeiro dia. De fato, agora ele já sabe de quem deve dar testemunho porque viu o Espírito descer e permanecer sobre Jesus. Sobre aquele o qual descesse o Espírito ele sabia que seria o Messias. Mas não havia lhe sido manifestado antes do momento oportuno.

Provavelmente João Batista não afirmou tal e qual com as palavras que estão no versículo vinte e nove (Jo 1,29), pois estas já são uma releitura cristã, provavelmente posta na boca de João Batista¹⁵. Apesar desta possibilidade não são menos importantes as suas palavras nem seu testemunho pode ser inferiorizado por causa disto. No primeiro dia, desmentia a visão popular a respeito de que ele fosse o Messias. Afirma apenas que veio preparar os caminhos. Mas agora anuncia corajosamente não apenas a identidade do Messias (quem ele é?, no caso Jesus), mas anuncia também aquilo que as pessoas de seu tempo e os leitores não poderiam captar por si mesmo, a sua condição de preexistência, a sua divindade.

¹⁴ Cf. SANTOS, Dom Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 278.

¹⁵ É importante ter presente que na afirmação da parte de João Batista de que Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, o texto faz este personagem “dizer coisas das quais não tinha nem podia ter conhecimento”. BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 136. Desse modo são colocadas palavras cristãs em sua boca.

3.1.2 Último Testemunho de João Batista¹⁶

Os discípulos de João com um judeu (μετὰ Ἰουδαίου Jo 3,25) discutem a respeito da purificação (talvez sobre o próprio batismo). “O episódio (...) tem como função provocar o testemunho final de João”¹⁷.

Os discípulos de João Batista manifestam a seu mestre sua constatação pelo fato de que todos vão àquele do qual ele, João Batista, deu testemunho. “Percebe-se aqui um traço inconfundível de inveja e de competição”¹⁸. O quarto Evangelho serve-se deste ciúme¹⁹ a fim de prestar um esclarecimento.

Quando João Batista responde (ἀπεκρίθη Ἰωάννης καὶ εἶπεν Jo 3,27), não se faz uso do pronome **αὐτός**. Esta ausência remete a uma assistência maior do que seus interlocutores imediatos. É importante também chamar a atenção de que o verbo rege todo o discurso seguinte. Este último testemunho de João Batista parece ser um testemunho solene, de modo a confirmar os testemunhos anteriores e conduzir os leitores a crerem na pessoa de Jesus.

Chama a atenção o fato de que seus discípulos não digam: aquele que batizaste, mas sim, aquele “de quem deste testemunho” (ὃ σὺ μεμαρτύρηκας Jo 3,26)²⁰. De fato, se os discípulos falassem: aquele que batizaste; isto talvez levasse a pensar que João fosse maior. É interessante notar que em Marcos não há problema algum no fato de João Batista batizar Jesus Mc 1,9; Lucas o põe de relance (Lc 3,21) e recorda-se a solução apresentada por Mateus, que apresenta expressamente o batismo de Jesus da parte de João Batista. Mateus põe na boca de João Batista palavras que deixam claro que Jesus é superior a ele: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim?” (Mt 3,14). O fato do quarto

¹⁶ Neste último testemunho, usar-se-á como referência unicamente a Jo 3,22-30. Há autores, como X. LEÓN-DUFOUR, que defendem que o texto de Jo 3,31-36, deve permanecer como palavras de João Batista (em LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 250.). No entanto, parece que está mais de acordo com o texto, e “são mais fortes os argumentos a favor de que é Jesus o que fala” (son más fuertes los argumentos a favor de que es Jesús el que habla), como afirma R. Brown em BROWN, Raymond Edward. *El Evangelio segun Juan I-XII*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 360. Neste estudo, preferiu-se optar por esta segunda solução. Uma outra hipótese, de que no texto de Jo 3,31-36 é o evangelista quem fala, é apresentada por GALIZZI, Mario. *Vangelo secondo Giovanni*. Commento esegetico-spirituale. Torino: Editrice Elle Di Ci, 1992, p. 55.

¹⁷ LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 248.

¹⁸ BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 294.

¹⁹ “A concorrência entre o movimento de Jesus e o do Batista durou enquanto existiam discípulos do Batista. Somente com o desaparecimento total dos discípulos do Batista pelos fins do século II d.C. é que cessaram por completo as oposições com os discípulos de João”. BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 123.

²⁰ Neste caso, o uso do perfeito do indicativo do verbo μαρτυρέω: μεμαρτύρηκας, quer provavelmente indicar que ele deu testemunho, mas também que ele continua dando testemunho.

Evangelho não apresentar o batismo de Jesus da parte de João Batista, provavelmente seja uma prevenção anti-batista²¹. O quarto Evangelho opta por uma expressão coerente com a sua estrutura: aquele “de quem deste testemunho” (Jo 3,26). Pode-se afirmar ainda que “João não fala de fato de um batismo, porque Jesus é o Cordeiro e, portanto, Cordeiro sem mancha através do qual pode ocorrer a remissão dos pecados”²².

Percebe-se que João Batista está totalmente empenhado na realização da promessa. Ele está a serviço do cumprimento das Escrituras. Não quer chamar a atenção sobre si. Com seu testemunho ele quer conduzir seus discípulos e até mesmo os leitores a aproximarem-se de Jesus. “No quarto Evangelho seu testemunho está mais detalhado e definido do que em Marcos”²³. O quarto Evangelho “apresenta a João Batista unicamente na qualidade de testemunha de Jesus”²⁴.

João Batista procura ainda educar os seus discípulos a compreender a sua missão. Diz a eles que “Um homem nada pode receber a não ser que lhe tenha sido dado do céu” (Jo 3,27). Ora, desde o primeiro testemunho já havia dito aos judeus que não era o Messias. Mas seus discípulos parecem não querer acreditar nisto. Desejam que seu mestre permaneça como uma pessoa de destaque. No entanto, João Batista reafirma a eles seu testemunho. Ele apenas foi enviado diante do Cristo (cf. Jo 3,28).

Neste último confronto entre os discípulos de João Batista a respeito da pessoa de Jesus, e o papel de seu mestre, chama a atenção de que a superioridade não está naquilo que eles fazem. No presente momento ambos estão batizando. Entretanto João Batista é o amigo do esposo, enquanto que Jesus é o esposo que vem receber sua noiva.

²¹ De acordo com R. Brown, é legítimo suspeitar de que algumas das negativas do quarto Evangelho acerca de João Batista tenham a intenção de refutar certas pretensões dos partidários deste a respeito de seu mestre. BROWN, Raymond, Edward. *El Evangelio Segun Juan I-XII*. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1979, p. 77. R. Kysar apresenta uma outra hipótese na qual “o evangelista esteja replicando a uma acusação levantada pelos chefes dos judeus contra os cristãos”. (“l’evangelista stia replicando ad una accusa sollevata dai capi giudaici contro i cristiani”). KYSAR, Robert. *Giovanni: Il Vangelo indomabile*. Torino: Claudiana, 2000, p. 66.

²² “Giovanni non parla affatto di un battesimo, perchè Gesù è l’Agnello e dunque Agnello senza macchia attraverso il quale può avvenire la remissione dei peccati”. ATTINGER, Daniel. *Evangelo secondo san Giovanni*. Roma: Nuove Frontiere, 1993, p. 31.

²³ En el cuarto Evangelio su testimonio está más detallado y definido que en Marcos. DODD, C. H. *Interpretación del cuarto Evangelio*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978, p. 294.

²⁴ Juan presenta a Juan Bautista únicamente en calidad de testigo de Jesús. BROWN, Raymond Edward. *El Evangelio Segun Juan I-XII*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 77.

3.1.3 Conteúdo do Testemunho

Constatou-se a coerência do personagem de João Batista com a estrutura testemunhal do quarto Evangelho. Ele atua e dialoga de modo a apresentar a pessoa de Jesus Cristo aos seus interlocutores e aos leitores do texto. De modo que é preciso analisar o conteúdo do testemunho que João Batista dá de Cristo. Foram três os testemunhos apresentados: o testemunho dado nos dois dias (Jo 1,19-28 e Jo 1,29-34), mais o último testemunho de João (Jo 3,25-30), antes de sua prisão (cf. Jo 3,24). Resumidamente, pode-se dizer que, no quarto Evangelho, há um auto-rebaixamento de João Batista e o anúncio da divindade de Cristo²⁵.

3.1.3.1 Auto-rebaixamento

Nota-se que João Batista não pretende ser maior de quem ele é. Poderia facilmente ser confundido com o Cristo. E quando é interpelado, deixa claro que não é o Cristo (Jo 1,20.28). O texto do quarto Evangelho tem interesse em desmentir a crença a respeito da messianidade de João Batista pela boca dele próprio.

Ele não se tem por um grande personagem, apenas foi enviado a cumprir a sua missão e procura segui-la à risca. Ele é a voz do que clama no deserto (1,23). Ele batiza com água (1,26). Vem alguém do qual ele não é digno de desatar a correia da sandália (1,27). Assume, portanto, sua inferioridade em relação àquele que vem. Está consciente de sua missão, sabe que não é o Messias, nem pretende tomar o seu lugar. Quer levar outros a descobrir o Messias. Não quer conduzir ninguém a si. A forma pela qual o quarto Evangelho apresenta esta negativa na boca de João Batista é significativa: “Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo”. (καὶ ὡμολόγησεν καὶ οὐκ ἡρνήσατο, καὶ ὡμολόγησεν ὅτι ἐγὼ οὐκ εἰμὶ ὁ χριστός) (Jo 1,20). A forma solene pela qual o narrador apresenta isto leva a pensar que havia os que pensavam que João Batista fosse o Messias. Deste modo, para levá-los a acreditar que ele não é o Messias, apresenta a negação da condição de Messias na boca do próprio João Batista. Além do que se usa ἐγὼ οὐκ εἰμι numa clara referência ao ἐγὼ εἰμι de Jesus, o que remete à revelação do nome de Deus a

²⁵ Sobre o nível cristológico do testemunho de João Batista ver MINCATO, Ramiro. O Título “Filho de Deus” em Jo 1,29-34: estrutura e teologia da perícopa. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 150, p. 839-854, dez. 2005.

Moisés no episódio da sarça ardente (cf. Ex 3,14). Na Septuaginta: ἐγὼ εἰμι ὁ ὢν (Ex 3,14).

A resposta de João Batista esclarece a dúvida principal. Ele não é o Messias. No entanto, sua atividade teve uma significativa repercussão, de modo que os enviados dos judeus lhe pedem que diga quem é. João Batista responde negativamente às perguntas que lhe interrogam se ele seria Elias ou o profeta. De acordo com Ml 3,22ss, Elias deveria preparar a vinda do dia do Senhor. Ele anuncia a chegada do Messias que fará uma nova Aliança, por isto João Batista não se identifica com Elias. Renuncia a qualquer papel de precursor escatológico (do fim dos tempos). Quando perguntam a ele se é o profeta sua resposta também é negativa, seu papel é o de anunciar a chegada do Messias. Não será João que irá manifestar a vontade divina. No entanto,

há ainda uma razão mais profunda para a atitude de João: ele não se atribui nenhuma função que possa centrar a atenção em sua pessoa. Suas três respostas são meramente negativas, e quando lhe pedem que se defina positivamente evita dizer inclusive “eu sou”. João não busca sua glória, não vem em seu próprio nome, por isso não o aceitam. Sua missão é meramente um testemunho; ele não busca manifestar-se, veio para que Jesus se manifeste a Israel (1,31)²⁶.

A negativa de João Batista leva seus interlocutores a lhe pedirem com maior clareza uma definição acerca de si mesmo. “Que dizes de ti mesmo?” (Jo 1,22). Desejam que ele lhes diga o que pretende com a sua atividade, qual é o seu objetivo. Sua resposta usa apenas ἐγὼ, sem εἰμι (cf. Jo 1,23) ele é “a voz do que clama no deserto. Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías” (Jo 1, 23). Ao afirmar que é a voz, João Batista usa um termo que supõe ouvintes. Denuncia os dirigentes judeus de desviarem o caminho do Senhor, uma vez que só ouvem a Lei de Moisés (cf. Jo 1,17; 5,45; 10,34). João Batista “os exorta somente a retirar os obstáculos que eles mesmos puseram”²⁷. João Batista busca, por meio de seu batismo, endireitar os caminhos do Senhor que os dirigentes do povo “entortaram”. João Batista veio para pôr as coisas em ordem. Sua resposta deixa

²⁶ “hay aún una razón más profunda para la actitud de Juan: él no se atribuye ninguna función que pueda centrar la atención en su persona. Sus tres respuestas son meramente negativas, y cuando le piden que se defina positivamente, evita decir incluso ‘yo soy’. Juan no busca su gloria, no viene en su propio nombre, por eso no lo aceptan. Su misión es meramente un testimonio; él no busca manifestarse, ha venido para que Jesús se manifieste a Israel (1,31)”. MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *El Evangelio de Juan: Análisis Lingüístico y comentario exegético*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, p. 93.

²⁷ “Juan niega a los dirigentes toda misión preparatoria; los exhorta solamente a quitar los obstáculos que ellos mismos han puesto”. MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *El Evangelio de Juan: Análisis Lingüístico y comentario exegético*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, p. 95.

os enviados numa situação de perplexidade. Acabam por reagir quase com uma acusação. “E por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?” (Jo 1,25).

Sua resposta: “Eu batizo com água. No meio de vós, está alguém que não conheceis, aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correia da sandália” (Jo 1,26s). Ele, João Batista, apenas batiza com água, mas há alguém maior. Este não poder desatar a correia da sandália é uma alusão à lei do levirato. Quando alguém tinha o direito de exercer a lei do levirato e não o fazia, “a perda do direito consistia em desatar a sandália”²⁸. Ele não é o esposo, mas veio preparar o caminho para o esposo de Israel, que já está entre eles, mas que eles ainda não descobriram. Suas palavras fazem crescer a expectativa, pois a espera acabou. Ele já está presente. Mas suas palavras são como que uma acusação, porque eles não estão dispostos a conhecê-lo.

No segundo dia, Jesus se aproxima e João o reconhece e o aponta como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29). Seu auto-rebaixamento consiste em reconhecer a libertação que Deus vai efetuar como novo Êxodo por meio da morte do Cordeiro, de Jesus. Não é ele, João Batista, quem libertará o povo de Deus do pecado, mas é Jesus. Assume a sua missão. Ele apenas batiza com água. Não dá o Espírito Santo.

João afirma também ser o amigo do esposo (cf. Jo 3,29). Jesus é o esposo a quem o povo está destinado. Esta afirmação está em consonância com a tradição de Israel, na qual o amigo do esposo prepara tudo para as bodas. Ele cuida dos festejos e se preocupa em preparar a noiva. O povo é a noiva, João Batista tem a missão de preparar um povo bem disposto. A alegria do amigo se dá pelo fato de que o esposo despose a noiva. Essa é a alegria de João Batista. Ele não é o personagem principal, mas ele cumpre a sua missão na medida em que as pessoas estão se aproximando de Jesus (Jo 3,26). Seu empenho foi o de preparar o povo (noiva) para as núpcias. Ele conseguiu, todos vão a Jesus. Ele está diminuindo, mas nem por isso é alguém triste ou frustrado. Sua alegria é completa, pois cumpriu a missão para a qual foi chamado, apresentou seu testemunho sobre Jesus Cristo com plena fidelidade. Realizou o plano que Deus tinha para a sua vida. Sua missão era provisória, mas foi fiel a ela.

²⁸ “La pérdida del derecho consistía en desatar la sandalia”. MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *El Evangelio de Juan: Análisis Lingüístico y comentario exegético*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, p. 98.

3.1.3.2 Divindade de Cristo

João Batista, em seu testemunho, busca aproximar o povo de Israel daquele que vem. No início não sabe quem é. Depois se esclarece para ele quem é o enviado do Pai (cf. Jo 1,33).

O Batista deve, pois, dar testemunho convincente a favor de Jesus como Messias dos últimos tempos, como Filho de Deus e como revelador; e quando manda seus próprios discípulos seguirem a Jesus, mostra com isto – contra os seus próprios seguidores e contra os judeus – o que, segundo ele, deveria acontecer de fato, isto é, que todos deveriam chegar a crer em Jesus²⁹.

a) Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Este título, usado por João Batista no quarto Evangelho, não é utilizado pelos sinóticos. Provavelmente, o autor do quarto Evangelho está a fazer uma releitura da tradição judaica no que diz respeito ao desaparecimento do pecado, como em Is 11,9: “Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo o meu santo monte, porque a terra ficará cheia do conhecimento de Javé, como as águas enchem o mar”.

O Cordeiro de Deus poderia se identificar com o Servo do Senhor de Is 53³⁰. Uma segunda possibilidade seria a de que o Cordeiro de Deus fosse o cordeiro vitorioso do Apocalipse³¹. Na leitura mais corrente se aceita o reconhecimento do Cordeiro de Deus como o verdadeiro cordeiro pascal, neste caso, João Batista faria alusão à libertação que Deus vai realizar por meio deste homem. Assim como o Senhor libertou os hebreus do Egito, de igual modo libertará o mundo do pecado, esta libertação é “atual e escatológica”³². Todavia, no quarto Evangelho, pode-se usar tanto a imagem do servo sofredor quanto a do cordeiro pascal, pois parece que quis fazer ambas as alusões³³.

No texto do quarto Evangelho, ao se ler Jo 19,36 “Nenhum osso lhe será quebrado”. Pode-se constatar que há uma relação de continuidade entre o testemunho de Jo 1,29 e o fato de que no cordeiro pascal do AT se diz “não quebrareis osso algum” em Ex 12,46. Assim como no AT o sangue do cordeiro liberta da morte os filhos dos hebreus, assim, Jesus é o Cordeiro de Deus que vai libertar o mundo do pecado.

²⁹ BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 125.

³⁰ SANTOS, Dom Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 278.

³¹ LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 137.

³² LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 138.

³³ BROWN, Raymond, Edward. *El Evangelio Segun Juan I-XII*. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1979, p. 243.

No caso de Jesus crucificado, João faz recurso precisamente a uma circunstância secundária do cordeiro hebraico para provar que Jesus é o verdadeiro Cordeiro pascal. Há uma relação de semelhança entre os ossos do cordeiro hebraico e as pernas de Jesus, mas não é isto que apresenta interesse para João: para ele é de máxima importância que Jesus é o verdadeiro Cordeiro pascal³⁴.

Jesus se contrapõe ao pecado do mundo (Jo 1,29). Aqui há uma concepção teológica e não moralística a respeito do pecado. “Negar-se em reconhecer Jesus será a consequência e a prova de uma atitude de pecado já existente”³⁵. Rejeitar o testemunho a respeito da pessoa de Jesus significa dizer que se permanece no pecado. Não significa que os que crêem não tenham pecados. Mas a fé em Cristo torna possível àqueles que crêem fazer a “caminhada do novo Êxodo” não mais agora saindo do Egito e sim por meio da libertação do pecado. “Temos aqui a visão joânica que encara o pecado basicamente como falta de fé”³⁶. O pecado do mundo significa assim manter-se nesta situação de descrença, por rejeitar o testemunho sobre o Cordeiro que Deus envia para libertar a humanidade.

b) “Depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim” (Jo 1,30). “Eu não o conhecia, mas para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água” (Jo 1,31). “João Batista que tão silencioso se mostrou em relação ao seu próprio papel, se torna muito loquaz quando se trata de dar testemunho em favor de Jesus”³⁷.

Esta afirmação é surpreendente, pois o texto do quarto Evangelho atribui a João Batista a compreensão cristã da preexistência do *Lógos*³⁸. Esta compreensão da pessoa de Jesus torna possível a João Batista – e ao leitor também – compreender melhor a sua própria missão. De fato, foi para que o *Lógos* fosse manifestado que ele – João Batista –

³⁴ “Nel caso di Gesù crocifisso, Giovanni fa ricorso precisamente ad una circostanza secondaria dell’agnello ebraico per provare che Gesù è il vero Agnello pasquale. C’è un rapporto di somiglianza fra le ossa dell’agnello ebraico e le gambe di Gesù, ma non è questo che ha interesse per Giovanni: per lui è di massima importanza che Gesù è il vero Agnello pasquale”. LYONNET, Stanislao. *Il Nuovo Testamento alla luce dell’Antico*. 2. ed. Brescia: Paideia Editrice. 1977, p. 91-92. Com esta explicação concorda também RAVASI, Gian Franco. *Il Vangelo di Giovanni/2*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1990, p. 109.

³⁵ “Negarse a reconocer a Jesús será la consecuencia y la prueba de una actitud de pecado ya existente”. MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *El Evangelio de Juan: Análisis Lingüístico y comentario exegético*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, p. 104.

³⁶ BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 141.

³⁷ “Juan Bautista, que tan taciturno se ha mostrado acerca de su propio papel, se vuelve muy locuaz cuando se trata de dar testimonio a favor de Jesús”. BROWN, Raymond, Edward. *El Evangelio Segun Juan I-XII*. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1979, p. 237.

³⁸ R. Schnackenburg afirma que a afirmação de João Batista é uma interpretação cristã de seu testemunho sobre o Messias. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según san Juan. Versión y comentario*. Tomo Primero. Barcelona: Editorial Herder, 1980, p. 328.

foi enviado a batizar com água. Neste trecho, Jesus pode ser identificado com o *Lógos* do Prólogo (cf. Jo 1,15). Há dessa forma um destaque sobre a pessoa de Jesus: “O caminho do *Lógos*-Cristo, da preexistência à encarnação é próprio e exclusivo dele; com isso não se faz senão destacar a singularidade do redentor e portador da vida”³⁹.

Provavelmente João Batista não possuía esta compreensão cristã da preexistência do *Lógos*. Apesar disso, o texto de Jo 1,30 nos apresenta João Batista manifestando o seu testemunho no sentido cristão. Se aceita a afirmação de que o autor do texto (evangelista) faça uma interpretação explicativa:

A base e o direito para isso ele os obteve do testemunho do Batista sobre a superioridade de Jesus, que para ele conduzia em última conseqüência à idéia da preexistência. Também era para ele coisa certa que o Batista entendeu a condição de Messias de Jesus num sentido mais elevado do que era possível para os judeus, e isto por razão do voto dado por Deus em seu favor⁴⁰.

Aparentemente, João Batista é anterior a Jesus. De fato, ele começou sua atividade antes da vida pública de Jesus, como afirmam os textos dos Evangelhos (Mc 1,2; Mt 3,1-2.13). A anterioridade indicaria um papel superior. No entanto, apesar das exterioridades, Jesus é anterior a ele, João Batista.

c) Viu o Espírito descer e permanecer sobre ele.

“Vi o Espírito descer, como uma pomba vindo do céu, e permanecer sobre ele” (Jo 1,32). João Batista não possui o Espírito. O Espírito permanece sobre Jesus. Ele é o Filho de Deus, eu [João Batista] não.

O conhecimento de João Batista a respeito da pessoa de Jesus começa a atingir o seu ponto mais alto quando vê descer e permanecer o Espírito sobre Jesus. A distância entre João Batista e aquele de quem ele dá testemunho é tão grande que ele nem sequer o conhecia (cf. Jo 1,32). Neste momento ele começa a perceber quem é a pessoa do Messias. Jesus é o Messias, é o enviado de Deus. No entanto, não é apenas um mensageiro, porque o Espírito permanece sobre ele. Se o Espírito apenas descesse e não estivesse mais com ele, Jesus seria apenas mais um enviado de Deus como os profetas do AT. No entanto, o fato

³⁹ “El camino del *Logos*-Cristo, de la preexistencia a la encarnación, es propio y exclusivo de él; con ello no se hace sino destacar la singularidad del revelador y portador de vida”. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan*. Versión y comentario. Tomo Primero. Barcelona: Editorial Herder, 1980, p. 338.

⁴⁰ “La base y el derecho para ello los obtuvo él del testimonio del Bautista sobre la superioridad de Jesús, que para él conducía en última consecuencia a la idea de la preexistencia. También era para él cosa cierta que el Bautista entendió la condición de Mesías de Jesús en un sentido más elevado de lo que era posible a los judíos, y esto por razón del voto dado por Dios en su favor”. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan*. Versión y comentario. Tomo Primero. Barcelona: Editorial Herder, 1980, p. 327.

do Espírito permanecer sobre Jesus, mostra que ele não apenas recebe o Espírito. Ele também é capaz de comunicar o Espírito, por não batizar apenas com água, mas com o Espírito Santo. Este Espírito que santificará e que tornará possível aos homens serem filhos de Deus.

d) Ele é o Filho de Deus.

Esta frase é uma consequência dos acontecimentos anteriores. Depois de tudo o que ocorreu, João Batista se tornou capaz de concluir que está diante do Filho de Deus, ou como na tradução portuguesa da Bíblia de Jerusalém, do Eleito de Deus. Neste caso, diante do texto grego de Jo 1,34 (κάγω έώρακα και μεμαρτύρηκα ότι οὗτός έστιν ό υἱός του θεοῦ, da 27^a. ed. da Nestle-Aland), decidiu-se usar a tradução de Filho de Deus ao invés de Eleito⁴¹, não obstante a tradução portuguesa da Bíblia de Jerusalém.

Diferentemente dos sinóticos que indicam a filiação divina da parte de Jesus por meio da voz do Pai (cf. Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22), no quarto Evangelho, a palavra sobre a filiação divina é proferida por um homem, por João Batista. Nesta expressão, João Batista culmina o seu testemunho: κάγω έώρακα και μεμαρτύρηκα ότι οὗτός έστιν ό υἱός του θεοῦ. (Jo 1,34). No quarto Evangelho

o acontecimento da revelação é apresentado no segundo plano, isto é, do modo como fora interiorizado pela Testemunha. Essa modificação depende, sem dúvida, da orientação global do texto, que gira sobre o testemunho de João, mas podemos também discernir aí uma convicção joanina: a acolhida da fé transforma o crente no mais íntimo do seu ser⁴².

João Batista relaciona-se com o Revelador e acolhe a manifestação divina. Isto permite com que ele próprio se torne um anunciador da Revelação recebida. A expressão: “Filho de Deus” é um resumo do testemunho apresentado da parte de João Batista sobre Jesus.

⁴¹ R. Schnackenburg indica que parece merecer a preferência o vocábulo έκλεκτός (eleito) ao invés de υἱός. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan*. Versión y comentario. Tomo Primero. Barcelona: Editorial Herder, 1980, p. 342. G. Segalla afirma que para aqueles que escolhem filho se torna difícil explicar o surgimento de eleito. SEGALLA, Giuseppe. *Giovanni*. Versione – Introduzione – Note. Torino: San Paolo, 1998, p. 153.

⁴² LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo, Loyola, 1996, p. 142-143. Neste texto citado acima, há dois níveis de compreensão, porque o “título de ‘Filho de Deus’ possui, ao mesmo tempo, um sentido compreensível aos judeus, e um sentido propriamente cristão”. MINCATO, Ramiro. O Título “Filho de Deus” e os dois níveis do quarto Evangelho. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 36, n. 154, p. 903, dez. 2006.

e) Ele é o esposo.

A imagem bíblica do esposo é usada pelos profetas, sobretudo por Oséias. Deus é o esposo que desposou Israel, a esposa infiel. Quando da vinda de Jesus, João Batista o chama de esposo, porque ele é aquele a quem o povo de Deus, a quem Israel pertence. João Batista apenas preparou as núpcias. Ele é o amigo do noivo. A união será com o Filho de Deus, Jesus que agora está presente, indicado pelo testemunho de João Batista. Seu último testemunho sobre Jesus usa esta imagem:

O verdadeiro Israel foi solenemente prometido em casamento a Deus, e agora Jesus vem para reclamar sua noiva. Nos casamentos judeus, o noivo vinha com seus amigos à casa da noiva para levá-la consigo para seu lar. Seu melhor amigo havia ficado de guarda, junto à porta da noiva para certificar-se de que ninguém tinha entrado antes de ele chegar. Como este amigo, João Batista ouviu o noivo chegar para buscar a Israel, sua noiva, e se alegra de poder sumir do cenário⁴³.

3.1.4 Finalidade do Testemunho

João Batista apresenta seu testemunho para levar Israel até o Messias, isto é, até Jesus. Já o texto do Prólogo conduz a esta compreensão, na medida em que afirma em Jo 1,7: ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι' αὐτοῦ. “a fim de que todos cressem por meio dele”.

O próprio João Batista afirma que veio para batizar, mas que vem alguém maior do que ele (cf. Jo 1,27). Não quer nada para si, nem se preocupa com os seus interesses. Vem para mostrar Jesus a Israel (cf. Jo 1,29.34; 3,28-30). Quer apenas cumprir a missão que recebeu (cf. Jo 3,28).

A expressão “todos vão a ele” (Jo 3,26) dos discípulos de João Batista indica certo desagrado. De igual modo indica algo que irá ocorrer, ou pelo menos, algo que Deus deseja que aconteça: ἀλλ' ἵνα καὶ τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ τὰ διεσκορπισμένα συναγάγῃ εἰς ἓν. “para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos” (Jo 11,52).

O seu modo de exprimir-se denota desapontamento, ressentimento, acusação no referir-se a Jesus: “aquele que era contigo do outro lado do Jordão, do qual deste testemunho; agora age de modo independente e com maior sucesso”. Não é que as pessoas tivessem deixado de se fazer batizar por João. A expressão havia muita água (3,23) onde João batizava sugere que muitos se dirigiam a ele.

⁴³ BROWN, Raymond Edward. *Evangelho de João e Epístolas*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 45-46.

Mas o sucesso de Jesus é tal que os discípulos de João exclamam: “todos vão a ele” (3,26). É uma frase fantástica! Não corresponde certamente à realidade, a menos que seja lida à luz do Ressuscitado, daquele que é “elevado da terra” (12,32), ou como previsão ou profecia: se continua assim, todos irão até ele, isto é aderirão a ele na fé⁴⁴.

De modo diverso de seus discípulos, João Batista fica feliz em receber a notícia. Usa a comparação do amigo do esposo, para que seus discípulos e os leitores possam compreender o seu papel, a sua missão. Ele é a voz que vem para aplinar os caminhos para a chegada do Messias. João Batista não veio para se exaltar e não quer se destacar. Ele não vem em nome próprio. Sua missão é a de apresentar o Messias para que Israel creia nele. Assim que o Messias é conhecido e “todos” o procuram, João Batista pode dar a sua missão por concluída. Completou a obra a qual veio realizar.

A sua alegria manifesta-se explicitamente em Jo 3,29: “Essa é a minha alegria e ela é completa!”. (αὕτη οὖν ἡ χαρὰ ἣ ἐμὴ πεπλήρωται.). Sua alegria é a de constatar por meio de seus discípulos que o seu trabalho não foi vão. Mas que a sua tarefa produziu fruto. Ele atingiu os objetivos para os quais foi enviado. Como Simeão que tomou Jesus em seus braços, neste momento, João Batista pode fazer suas as palavras dele: “Agora soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo...” (Lc 2,29). Sua missão está concluída. Tanto é verdade que João Batista não aparece mais no quarto Evangelho, somente enquanto citado por outros. Por fim, sua frase final: “É necessário que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30). Manifesta como que num resumo o que João Batista pretendia com seu testemunho. “Nesta breve frase fica condensada a apresentação joanina do Batista: todo voltado para a realização da Promessa, para o crescimento de Jesus que é a única coisa que importa, ele só existe em função de sua pessoa”⁴⁵.

⁴⁴ “Il suo modo di esprimersi denota disappunto, risentimento, accusa nei riguardi di Gesù: ‘colui che era con te oltre il Giordano, al quale tu gli hai reso testimonianza; ora agisce in modo del tutto indipendente e con maggior successo’. Non é che la gente avesse smesso di farsi battezzare da Giovanni. L’espressione c’era molta acqua (3,23) dove Giovanni battezzava suggerisce che molti si recavano da lui. Ma il successo di Gesù è tale che i discepoli di Giovanni esclamano: ‘Tutti vanno da lui’ (3,26). È una frase fantastica! Non corrisponde certo alla realtà, a meno che la si legga nella luce del Risorto, di colui che è stato ‘innalzato da terra’ (12,32), oppure come previsione o profezia: se va avanti così andranno tutti da lui, cioè aderiranno a lui nella fede”. GALIZZI, Mario. *Vangelo secondo Giovanni*. Torino: Editrice Elle Di Ci, 1992, p. 53.

⁴⁵ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 250.

3.1.5 João Batista batizou Jesus?

Para o quarto Evangelho não há problema em que Jesus receba o batismo de penitência, já que a finalidade do batismo de João Batista consiste unicamente em revelar a Israel aquele que há de vir. Não se trata portanto, que o batismo indique a superioridade de João Batista, antes indica o testemunho que ele dá a respeito da pessoa de Jesus Cristo.

O perdão dos pecados não se associa ao batismo de João Batista e a sua pregação de um batismo de penitência, como em Mc 1,4, senão que parece melhor ao Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Deste modo, João suprimiu de seu relato qualquer aspecto do batismo que poderia dar pé aos sectários para orgulharem-se⁴⁶.

3.2 O DISCÍPULO AMADO

Depois do estudo a respeito de João Batista, o interesse deste estudo se dirige ao Discípulo Amado. O Discípulo Amado é uma figura misteriosa. Ele não está presente em nenhum momento do livro dos sinais. Aparece somente a partir da segunda parte do quarto Evangelho, no livro da glória.

Sua primeira aparição ocorre na última ceia do Senhor (Jo 13,23). O fato de estar ao lado de Jesus, mostra que ele possui um lugar à parte no amor de Jesus e goza de seu favor. Pode-se destacar também sua amizade com Pedro. De fato, é por um pedido de Pedro que o Discípulo Amado procura saber de Jesus quem o irá trair. “Este discípulo tem com Jesus tanta intimidade como Jesus com o Pai”⁴⁷.

Encontra-se ainda no palácio do Sumo Sacerdote, é conhecido deste (Jo 18,15). Por sua intervenção, Pedro consegue entrar no pátio da casa do Sumo Sacerdote. Em relação ao Discípulo Amado destaca-se a fidelidade, inclusive ao pé da cruz (Jo 19,25-26), em

⁴⁶ “El perdón de los pecados no se asocia al bautismo de Juan Bautista y a su predicación de un bautismo de penitencia, como en Mc 1,4, sino más bien al Cordero de Dios que quita el pecado del mundo. De este modo, Juan ha suprimido de su relato cualquier aspecto del bautismo que pudiera dar pie a los sectarios para enorgullecerse”. BROWN, Raymond, Edward. *El Evangelio Segun Juan I-XII*. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1979, p. 246.

⁴⁷ “Este discípulo tiene con Jesús tanta intimidad como Jesús con el Padre”. BROWN, Raymond Edward. *El Evangelio Segun Juan XIII-XXI*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 816.

contraste com Pedro, personagem no qual parece desejar-se sublinhar a presunção e a fraqueza.

Ele é representado como o verdadeiro discípulo de Jesus, que o segue sem hesitação e de modo radical. Ele é o modelo do discípulo crente, que vê com mais clareza e está mais pronto que Pedro em reconhecer o Senhor (Jo 21,7). Além do que crê apenas ao ver os sinais da ressurreição deixados por Jesus (Jo 20,8).

3.2.1 O Discípulo Amado existiu?

R. Schnackenburg⁴⁸ apresenta a possibilidade da existência do Discípulo Amado como personagem fictício ou ainda como personagem real. Alguns autores, diante da idealização do Discípulo Amado, sugeriram que não seria um personagem real, mas fictício. “Teria sido inventado para representar o crente por excelência”⁴⁹. Todavia, os autores pesquisados são concordes em afirmar a existência do Discípulo Amado como um personagem real e verdadeiro⁵⁰.

3.2.2 Identidade do Discípulo Amado

Identificar o Discípulo Amado é algo difícil de ser realizado com absoluta certeza. O texto do quarto Evangelho procura evitar a identificação. O autor do texto do quarto Evangelho faz com que o Discípulo Amado permaneça no anonimato.

A tradição mais antiga, que remonta a Ireneu diz que “João, o discípulo do Senhor, aquele que tinha recostado a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia”⁵¹. Na História Eclesiástica, Eusébio afirma que “João,

⁴⁸ SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan*. Versión, comentario y índices. Tomo Tercero. Barcelona: Editorial Herder, 1980, p. 467-468.

⁴⁹ LOISY, A., 218; KRAGERUD, A. *Der Lieblingsjünger im Johannesevangelium*, Oslo, 1959 apud LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 223.

⁵⁰ R. Brown concorda com a afirmação de que o Discípulo Amado foi idealizado. Mas isto não contradiz o fato de ele ter sido personagem histórico e companheiro de Jesus. BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 32. M. Hengel defende que o fato de ser uma “figura ideal” não necessariamente é de todo destacada da história e puramente fictícia. (“una ‘figura ideale’ non necessariamente è del tutto staccata dalla storia e puramente fittizia). HENGEL, Martin. *La questione giovannea*. Brescia: Paideia Editrice, 1998, p. 203. X. León-Dufour afirma que o “Discípulo cuja morte perturbou a comunidade (21,20-23) pertence à história”. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 223.

⁵¹ IRENEU DE LIÃO, AH III, 1,1.

que reclinou no peito do Senhor (...) foi mártir e mestre, repousa em Éfeso”⁵². Isto permite compreender que provavelmente ocorreu uma confusão entre dois personagens distintos: João discípulo e João filho de Zebedeu. O mais verossímil é que a identificação entre ambos os personagens tenha ocorrido devido ao fato da ligação entre o apóstolo João e Pedro.

Em busca de respostas para a problemática do Discípulo Amado, apresentou-se a possibilidade da identificação deste com Lázaro, o qual Jesus amava (Jo 11,5). No entanto, se esta conjectura correspondesse à realidade, na refeição oferecida em Betânia, após a ressurreição de Lázaro, deveria ser usado o cognome Discípulo Amado em Jo 12,2.9. Alguns especialistas tentaram identificar o Discípulo Amado com Marcos⁵³. No entanto, rejeita-se esta hipótese. Rejeita-se também a identificação com Natanael, Tomé, Paulo ou um irmão de Jesus⁵⁴.

Alguns autores⁵⁵ afirmam que abandonaram a tese da identificação do Discípulo amado com João filho de Zebedeu. A princípio a identificação com João Filho de Zebedeu seria possível sem dificuldades, mas que, no entanto não se fez diretamente⁵⁶. O que pode ser um indício de que não se possa fazer esta identificação. É importante destacar que “o texto não impõe que o Discípulo seja o Apóstolo João”⁵⁷.

Deste modo busca-se uma outra alternativa. Uma possibilidade é a de que o Discípulo Amado seja João Presbítero⁵⁸. Apesar de toda a pesquisa realizada até agora, não há uma conclusão definitiva sobre o problema.

Com certa segurança pode-se dizer que o Discípulo Amado provavelmente era um antigo discípulo de João Batista. Jo 1,40 “André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram Jesus”. São dois os que seguem a Jesus. André é um deles. É possível presumir que o companheiro de André fosse o Discípulo Amado⁵⁹. Há uma teoria,

⁵² EUSÉBIO, HE V, 24,3.

⁵³ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 225.

⁵⁴ HENGEL, Martin. *La questione giovannea*. Brescia: Paideia Editrice, 1998, p. 203.

⁵⁵ BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 34. Aqui o autor afirma que R. Schnackenburg também o fez.

⁵⁶ HENGEL, Martin. *La questione giovannea*. Brescia: Paideia Editrice, 1998, p. 202.

⁵⁷ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 224.

⁵⁸ M. Hengel se define por esta hipótese e procura pontos de contato históricos que tornem possível uma relação entre o Discípulo Amado e João Presbítero. Ele defende a tese da identificação entre ambos. HENGEL, Martin. *La questione giovannea*. Brescia: Paideia Editrice, 1998, p. 299.

⁵⁹ J. Konings (em KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 263.) não concorda com esta identificação. Não obstante, ficar-se-á com a opinião de R. Brown, citada logo a seguir.

amplamente aceita, de que não podemos saber o nome do Discípulo Amado, embora possamos suspeitá-lo: Ele é um antigo discípulo de João Batista. Começou a seguir a Jesus na Judéia, quando o próprio Jesus estava bem próximo do Batista. Participou da vida de seu mestre durante a sua última estada em Jerusalém. Era conhecido do sumo sacerdote. Sua ligação com Jesus foi diferente da de Pedro, o representante dos doze⁶⁰.

3.2.3 Autor implícito do quarto Evangelho

Em Jo 21,24 se diz: “Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro”. Dessa forma, o Discípulo Amado é associado como se fosse ele próprio o compositor do texto do quarto Evangelho. Consequentemente, o narrador seria o Discípulo Amado, o autor implícito do texto.

No entanto, mais provável é que o nós (de “sabemos”) seja a comunidade joanina (ou ao menos alguns membros), que não foram testemunhas oculares, mas que receberam o testemunho do Discípulo Amado. O texto de Jo 21,24 apresenta o Discípulo Amado como narrador e é apresentado como o autor implícito. O autor real é provavelmente um membro da comunidade joanina. “No texto do evangelho verdadeiro e próprio encontramos somente o ‘discípulo que Jesus amava’, que o redator (ou os redatores) final identifica com o autor do evangelho”⁶¹.

X. León-Dufour apresenta um esquema para descrever a história do texto. Para ele,

na base encontra-se uma testemunha ocular que inspirou o autor propriamente (*Discípulo Amado?*); seu testemunho foi retomado e estofado por uma “escola”; essas primeiras tradições joaninas foram reunidas por um redator final⁶².

3.2.4 O testemunho do Discípulo Amado

Após estas explicações que se julgaram necessárias, analisar-se-á o testemunho do Discípulo Amado. Far-se-á por meio das ocorrências deste personagem no texto do quarto

⁶⁰ BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 35.

⁶¹ “Nel testo del vangelo vero e proprio troviamo soltanto il ‘discepolo che Gesù amava’, che il redattore (o i redattori) finale identifica con l’autore del vangelo”. HENGEL, Martin. *La questione giovannea*. Brescia: Paideia Editrice, 1998, p. 195.

⁶² A parte grifada em itálico é um acréscimo, este acréscimo é uma constatação. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. Vol. 4. São Paulo: Loyola, 1998, p. 227.

Evangelho. São cinco ocorrências explícitas e três menções prováveis⁶³. As ocorrências explícitas estão em Jo 13,23-26; 19,25-27; 20,2-10; 21,7; 21,20-24. As prováveis são Jo 1,40; 18,15 e 19,35. Estes textos estão transcritos em grego e em português no apêndice A. Será aceita a proposta de que todos os textos, inclusive os prováveis, correspondem ao Discípulo Amado. Dentre os textos do apêndice A, dizem respeito ao testemunho do Discípulo Amado os textos: Jo 1,40; 19, 25-27.35; 20,2-10; 21,20-24.

a) Jo 1,40:

Assumindo a idéia de que o Discípulo Amado seja um antigo discípulo de João Batista⁶⁴, pode-se ver em Jo 1,40: “André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram Jesus”. Este texto do quarto Evangelho é provavelmente uma recordação do Discípulo Amado sobre o seu primeiro encontro com Jesus. Seu primeiro encontro foi marcante, pois como diz em Jo 1,39: “permaneceram com ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente”.

b) Jo 19, 25-27; Jo 19,35:

A primeira perícopé diz respeito ao laço estabelecido entre a mãe de Jesus e o Discípulo Amado. A mãe de Jesus é confiada aos cuidados do Discípulo Amado. Este texto tem um sentido manifesto na preocupação de Jesus com o futuro de sua mãe. Mas também apresenta um sentido simbólico, pois se completou o tempo da espera do povo de Israel.

A cena oferece assim um sentido plenamente coerente com o todo do evangelho. O passado de Israel (simbolizado pela mãe de Jesus) desemboca no presente da mensagem evangélica (simbolizado pelo Discípulo), no qual ele se cumpre até o fim dos tempos. A cena ilustra de modo exímio a relação entre os dois Testamentos, que para o cristão são um só⁶⁵.

Maria se torna mãe do Discípulo Amado. Em continuidade com o pensamento vétero-testamentário, faz-se referência a Sião que voltará a gerar na era messiânica.

⁶³ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1996, p. 223.

⁶⁴ BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. 3a. Ed. São Paulo: Paulus, 1999, p. 35.

⁶⁵ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 106.

Diríamos que o quadro joânico em que a mãe de Jesus se converte em mãe do discípulo amado parece evocar os temas vétero-testamentários de Sião dando a luz a um povo novo na idade messiânica e de Eva com sua descendência⁶⁶.

Todavia, para o objetivo deste texto, é mais importante o uso que se apresentará em Jo 19,35. Para este estudo, o texto de Jo 19,25-27 é importante na medida em que permite definir quem é aquele que dá testemunho em Jo 19,35. A primeira perícopes deste item apresenta um sentido por si mesma como se pode constatar. Não obstante, para a compreensão do testemunho do Discípulo Amado, mais importante é o texto de Jo 19,35: καὶ ὁ ἑωρακῶς μεμαρτύρηκεν, καὶ ἀληθινὴ αὐτοῦ ἐστὶν ἡ μαρτυρία, καὶ ἐκεῖνος οἶδεν ὅτι ἀληθῆ λέγει, ἵνα καὶ ὑμεῖς πιστεύ[σ]ητε. “Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e aquele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais”. Isto se dá devido à relação que se pode estabelecer entre este trecho e a passagem de Jo 21,24: Οὗτός ἐστιν ὁ μαθητὴς ὁ μαρτυρῶν περὶ τούτων καὶ ὁ γράψας ταῦτα, καὶ οἶδαμεν ὅτι ἀληθῆς αὐτοῦ ἡ μαρτυρία ἐστίν. “Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que seu testemunho é verdadeiro”.

Em ambos os textos se apresenta um testemunho. A garantia do testemunho de Jo 21,24 se dá no grupo: o “nós” de sabemos. Já em Jo 19,35 a garantia do testemunho se dá por meio da “testemunha, ou Deus (ou Cristo), para quem a testemunha apelaria”⁶⁷. Aparentemente Jo 19,35 é uma adição realizada pelo redator eclesiástico⁶⁸. Este testemunho é importante, pois pode ser ligado ao testemunho de João Batista. Uma vez que em Jo 1,32-34 o testemunho que culmina na expressão Filho de Deus, também é precedido pelo verbo ver “E eu vi e dou testemunho que ele é o Filho de Deus” (Jo 1, 34). Constata-se uma ligação entre ambos os testemunhos. João Batista viu o Espírito descer e permanecer sobre Jesus e dá testemunho deste acontecimento que manifesta a Filiação divina de Jesus. Já o Discípulo Amado vê o sangue e a água e depois desta visão também está capacitado a dar testemunho. O testemunho dado pelo Discípulo Amado é digno de fé. “Se assim são evocados seus testemunhos, é porque o primeiro anunciou que Jesus

⁶⁶ “Diríamos que el cuadro joánico em que la madre de Jesús se convierte en madre del discípulo amado parece evocar los temas veterotestamentarios de Sión dando a luz un pueblo nuevo en la edad mesiánica y de Eva con su descendencia”. BROWN, Raymond Edward. *El Evangelio Segun Juan XIII-XXI*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 1223.

⁶⁷ BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1992, nota g, p. 2037.

⁶⁸ BROWN, Raymond Edward. *El Evangelio Segun Juan XIII-XXI*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 1246.

batizaria no Espírito (1,32-33) e o segundo reconheceu o dom do Espírito na água que jorrava do lado traspassado⁶⁹.

A água da qual o Discípulo Amado dá testemunho é um símbolo do Espírito. Já o sangue indica a vida. Uma interpretação plausível se dá quando se compreende este texto como um testemunho do fato de que Jesus entregou a sua vida para a salvação daqueles que crêem (cf. Jo 1,12 e Jo 20,31).

c) 20,2-10:

Maria Madalena faz a constatação de que o sepulcro está vazio. Pedro e o Discípulo Amado vão até o sepulcro. Eles correm, o Discípulo Amado chega por primeiro, no entanto, não entra. Pedro chega pouco depois e entra. Isto ocorre provavelmente porque o quarto Evangelho também conhece a tradição da aparição a Pedro e não poderia negar a posição especial do príncipe dos apóstolos. Apesar disto, o interesse do texto do quarto Evangelho está no Discípulo Amado porque o texto afirma que ele viu e creu.

Fica claro principalmente que o “outro discípulo” entra na câmara sepulcral e “vê” o que havia para ver no sepulcro vazio e “crê”. No fundo, não é necessário nenhum encontro com o ressuscitado. Sobre Pedro e sua reação não se diz uma só palavra. Mas podemos supor que não se exclui a sua fé. Nenhum dos dois discípulos precisa de um anjo mensageiro que lhe comunique a boa nova da ressurreição⁷⁰.

A arrumação das mortalhas do corpo de Jesus indica que o corpo não foi roubado. Esta ordem dos tecidos mortuários indica que, uma vez abandonados, pode manifestar que Jesus Cristo foi libertado dos laços da morte. Na ausência do Ressuscitado, o que ele consegue ver dos tecidos mortuários tem para o Discípulo Amado valor de sinal. O Discípulo Amado vê e sabe que Jesus venceu a morte. No entanto, X. León-Dufour chama a atenção para o fato de que “seria prematuro dizer que o Discípulo creu na Ressurreição; mas ele creu na glorificação celeste de Jesus”⁷¹. Já o texto do versículo nove é mais difícil: “Pois ainda não haviam compreendido que, conforme a Escritura, ele devia ressuscitar dos mortos” (Jo 21,9). Parece indicar que eles não acreditaram. Mas o que ocorreu provavelmente foi uma situação de expectativa e surpresa diante do estado no qual

⁶⁹ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 121-122.

⁷⁰ BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 3ª. parte. vol. 4/3. Col. Novo Testamento. Comentário e Mensagem. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 161.

⁷¹ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 152.

encontraram o túmulo e os tecidos mortuários. Neste momento, eles não conseguiram fazer a ligação entre a Escritura e o que estava se manifestando a eles.

d) 21,20-24:

Esta é a parte final do quarto Evangelho. O texto apresenta uma reflexão sobre o futuro do Discípulo Amado. O quarto Evangelho usa provavelmente um *lógion* de Jesus⁷². O redator final necessita esclarecer o sentido do texto. Pois provavelmente o texto está explicando o sentido das palavras de Jesus diante da morte do Discípulo Amado. Este *lógion* de Jesus teria sido considerado dentro da comunidade joanina como um sinal da subsistência física do Discípulo Amado até a segunda vinda de Cristo. Falecido este, é preciso repensar o que Jesus quis dizer. De fato o verbo μένω pode indicar permanecer ou ainda continuar a subsistir, a existir⁷³. Ao recordar e meditar este *lógion* de Jesus, os membros da comunidade joanina se sentiram autorizados a pensar que o Discípulo Amado permaneceria com vida até a Parusia⁷⁴. O texto corrige esta interpretação e apresenta um sentido mais profundo. Ele não diz respeito à subsistência física do Discípulo Amado. “A palavra de Jesus não se refere à pessoa física do Discípulo, mas à mensagem que o penetrava e que ele transmitiu”⁷⁵. De fato, hoje ainda usam-se expressões como: “Diz Camões em sua obra”. O autor se perpetua na obra que realizou. O Discípulo Amado permanece por meio dos ensinamentos que ele transmitiu.

Por fim, chega-se agora ao ponto mais importante do texto para a reflexão deste estudo. Jo 21,24: “Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que seu testemunho é verdadeiro”. O Discípulo que dá testemunho destas coisas é o Discípulo Amado, conforme se pode constatar pelo versículo vinte. Já as ações imputadas ao Discípulo Amado são a de testemunhar, que está no presente: ὁ μαρτυρῶν (testemunhar) e a de ὁ γράψας (escrever) que está no aoristo, portanto passado. “Dessas coisas” περὶ τούτων trata-se do conteúdo do quarto Evangelho. Faz-se desta forma uma conclusão do livro inteiro. Além do que junto com Jo 1,19 faz uma grande inclusão que abarca quase todo o quarto Evangelho⁷⁶.

⁷² LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 214.

⁷³ RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 302.

⁷⁴ Inclusive X. Léon-Dufour, usa esta inquietação como uma prova da existência do Discípulo Amado. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 215.

⁷⁵ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 215.

⁷⁶ SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 514-515, 2005.

Dessa forma, o Discípulo Amado permanece não fisicamente, mas como uma testemunha da revelação do Filho de Deus. O uso do tema do testemunho nesta conclusão indica a sua importância. Esta já pode ser constatada pela quantidade de vezes que é usada no quarto Evangelho⁷⁷.

Cabe também a pergunta sobre o objeto do testemunho do Discípulo Amado. Por Jo 21,24 pode-se ver que o testemunho do Discípulo Amado tem um conteúdo que abarca o quarto Evangelho inteiro. Portanto, todo o conteúdo do quarto Evangelho se baseia no testemunho manifestado pelo Discípulo Amado. O testemunho do Discípulo Amado abarca inclusive o testemunho de João Batista. Seu testemunho é sobre a pessoa do Filho de Deus que se revelou à humanidade por meio de testemunhas escolhidas.

O testemunho do evangelho, como o de Jesus, vai muito além do acontecido e da constatação de alguns fatos percebidos e de algumas palavras ouvidas. De fato, o quarto evangelho não dá testemunho dos gestos e das palavras de Jesus, mas antes daquilo que foi percebido nos gestos e nas palavras: a glória do Filho unigênito⁷⁸.

Compreende-se assim que o testemunho não é simplesmente de fatos e palavras que Jesus realizou. Mas este testemunho torna dignos de crédito as palavras, os sinais e toda a vida de Jesus, como comunicadores da glória do próprio Deus. Este que atuou no mundo por meio de seu Filho Jesus que veio a este mundo oferecer a salvação para que o mundo não seja condenado, mas “para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,17). Esta salvação é comunicada aos seres humanos por meio do testemunho que o quarto Evangelho apresenta. Para isto foi que João Batista e o Discípulo Amado apresentaram o seu testemunho: para manifestar a glória de Cristo para que os homens aceitem este testemunho, creiam e sejam salvos.

O testemunho do Discípulo Amado é, em princípio, um testemunho oral. Este testemunho é invocado sobre o texto escrito do quarto Evangelho pelo redator, a fim de o tornar digno de crédito. “Se μαρτυρῶν alude num primeiro momento a seu testemunho oral, se compreende que a redação invoque sua autoridade também para a obra escrita na qual entraram suas tradições e testificações orais”⁷⁹.

⁷⁷ Como foi visto no ítem 1.4 da dissertação, página 15, no qual se fez a análise da quantidade de vezes que os termos são usados.

⁷⁸ TUÑÍ VANCELLS, José O. *O testemunho do Evangelho de João: Introdução ao estudo do quarto Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 163.

⁷⁹ “Si μαρτυρῶν alude en primer término a su testimonio oral, se comprende que la redacción invoque su autoridad también para la obra escrita en la que han entrado sus tradiciones y testificaciones orales”.

Assim, o testemunho iniciado por João Batista é concluído neste versículo. Faz-se como que o fechamento do quarto Evangelho. Apenas no quarto Evangelho se diz que João Batista deu testemunho de Jesus Cristo, enquanto que nos sinóticos nada se diz a respeito. O texto do quarto Evangelho estabelece uma ligação entre o testemunho de João Batista e o do Discípulo Amado. O testemunho de João Batista, que além de seu testemunho explícito, apresenta reflexos em Jo 5,33-36 e Jo 10,41, no livro dos sinais. O testemunho do Discípulo Amado, que o plenifica, se manifesta no livro da glória a partir de sua primeira aparição em Jo 13. Parece importante uma rápida análise de Jo 11-12 para verificar se não há outro testemunho que possa realizar uma ligação entre ambos.

3.3 O TESTEMUNHO DO PAI

Pode-se constatar a estrutura testemunhal do quarto Evangelho. Verificou-se que João Batista e o Discípulo Amado, cada um numa seção do quarto Evangelho, apresentam seu testemunho a respeito da pessoa de Jesus. Mas parece que há um testemunho entre ambos. O quarto Evangelho, a fim de completar a estrutura testemunhal, põe no centro de seu texto, entre o testemunho de João Batista e o do Discípulo Amado o testemunho do Pai⁸⁰. Este testemunho une e dá sentido ao testemunho apresentados pelos dois personagens estudados.

Em todo o quarto Evangelho se nota uma relação íntima e profunda de Jesus com o Pai. É de fato o Pai que glorifica Jesus como se pode ler em Jo 8,54; 12,28 e 17,1. Assim, em Jo 11 e 12 ocorre o testemunho do Pai. Porém, este testemunho não é como os anteriores. De fato, o testemunho do Pai se dá por meio da glorificação do Filho⁸¹.

3.3.1 Manifestação do testemunho do Pai

Já se pode constatar que o testemunho do Pai se dá pela glorificação do Filho (Jo 11,4). Pela estrutura testemunhal do quarto Evangelho pode-se descobrir que os

SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan*. Versión, comentario y índices. Tomo Tercero. Barcelona: Editorial Herder, 1980, p. 462.

⁸⁰ SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 524, 2005.

⁸¹ Aqui não será estudado o testemunho do Espírito desenvolvido no capítulo quinze. O quarto Evangelho também trabalha o tema do Espírito Santo. Para este estudo o importante é reter que o Espírito Santo faz como que a memória do Filho e viver no Espírito é dar testemunho.

testemunhos de João Batista e do Discípulo Amado estão interligados por meio do testemunho do Pai. Além do que se constatou que o testemunho do Discípulo Amado diz respeito ao quarto Evangelho inteiro. Este testemunho do Pai é superior ao de João e do Discípulo Amado e se manifesta nos capítulos onze e doze. No primeiro, por meio da ressurreição (revivificação) de Lázaro, onde se percebe a ação do Pai na medida em que Jesus agradece a Ele [ao Pai] por tê-lo ouvido (Jo 11,41). No segundo, por meio da voz que vem do céu e que confirma a ação do Filho: “Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente!” (Jo 12,28c). São “palavras decisivas que marcam o ministério terreno de seu Filho com o selo divino”⁸². Esta ação do Pai já iniciou com o testemunho de João Batista, pois ele foi enviado para dar testemunho pelo Pai: “... aquele que me enviou para batizar com água...” (Jo 1,33).

3.4 O DUPLO LITERÁRIO E TESTEMUNHAL DE JOÃO BATISTA E DO DISCÍPULO AMADO

Em Jo 1,35-40 se apresenta um encontro de dois personagens com Jesus. É provável que o segundo personagem que deixa João Batista e passa a seguir a Jesus seja o Discípulo Amado. João Batista foi enviado pelo Pai a fim de dar testemunho sobre Cristo (Jo 1,33). Ao receber a herança da fé de João Batista e passar ele também a permanecer com Jesus, o Discípulo Amado continua o testemunho manifestado a respeito da pessoa de Jesus e o completa. Testemunho este que se conclui em Jo 21,24.

Uma proposta de ligação entre os personagens⁸³ afirma que os personagens João Batista e o Discípulo Amado devem ser tratados em chave de duplo literário. Esta proposta vai de acordo com o estudo realizado. Constata-se isto na medida em que ambos os testemunhos dizem respeito à pessoa de Jesus no quarto Evangelho. Numa leitura atenta pode-se constatar que as duas figuras possuem a mesma estrutura e um análogo conteúdo testemunhal. Um esclarecimento necessário diz respeito a como compreender o duplo literário. Poder-se-á assim esclarecer como podem estar unidos dois personagens diferentes.

⁸² “palabras decisivas que marcan el ministerio terreno de su Hijo con el sello divino”. SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, v. 86, fasc. n. 4, p. 526, 2005.

⁸³ VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato. *Credere Oggi*, Padova, ano XXIII, n. 5, 137, p. 88, settembre-ottobre 2003.

O duplo literário pode ocorrer de modo semelhante a um “paralelismo, mas mais estreito e completo, assim que entre dois personagens se estabelece uma relação de verdadeiro e próprio *alter ego*”⁸⁴. Um paralelismo já presente nos sinóticos se dá entre João Batista e Jesus, embora seja mais desenvolvido no quarto Evangelho. Mas é uma novidade do quarto Evangelho o paralelismo entre João Batista e o Discípulo Amado. Não apenas como um paralelismo, mas “nos termos de um verdadeiro e próprio duplo literário”⁸⁵. Dessa forma pode-se definir o duplo literário por

um fenômeno psicológico e literário rico e complexo, antropologicamente falando focalizável sobre o problema da identidade desdobrada ou reduplicada de um sujeito num outro si mesmo, lidando com a própria limitação, em jogo, portanto, entre dissolução e sobrevivência, entre fusão e marginalização, ou seja integração⁸⁶.

Ao considerar-se verossímil que o Discípulo Amado seja o personagem oculto de Jo 1,40, constatar-se-á uma relação entre João Batista e o Discípulo Amado. João Batista foi seu mestre. Em seu testemunho oral, o Discípulo Amado relatou muitas vezes o excepcional trabalho de preparação que João Batista realizou. Este testemunho, não só a respeito de João Batista, mas principalmente sobre a pessoa de Jesus Cristo foi recolhido pela comunidade. Por fim, o redator final (redatores?), que percebeu que também é testemunha, realizou uma sistematização do testemunho daquele que é o herói da comunidade⁸⁷.

Ambos os personagens, João Batista e Discípulo Amado estão colocados em dois livros diferentes dentro do quarto Evangelho. João Batista no livro dos sinais. O Discípulo Amado no livro da glória. Juntos fazem como que uma espécie de “moldura”. Isto se dá provavelmente com o objetivo de conferir autoridade à revelação apresentada. João Batista com seu testemunho, concede autoridade à história de Jesus, de sua encarnação. Já o Discípulo Amado, que se encontra na segunda parte do quarto Evangelho, pode conferir

⁸⁴ “parallelismo si fa più stretto e completo, così che tra due personaggi si stabilisce un rapporto di vero e proprio *alter ego*”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 178.

⁸⁵ “nei termini di un vero e proprio doppio letterario”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 179.

⁸⁶ “un fenomeno psicologico e letterario ricco e complesso, antropologicamente parlando focalizzabile sul problema dell’identità sdoppiata oppure reduplicata di un soggetto in un altro se stesso, alle prese con la propria limitazione, in gioco quindi tra dissoluzione e sopravvivenza, tra fusione ed emarginazione, ovvero integrazione”. VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato. *Credere Oggi*, Padova, ano XXIII, n. 5, 137, p. 90, settembre-ottobre 2003.

⁸⁷ BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 33.

autoridade ao testemunho escrito sobre a história de Jesus, manifestando principalmente o que ocorreu no mistério da Páscoa de Jesus.

Estes dois testemunhos são, portanto perfeitamente simétricos pelo seu papel determinante desenrolado “em moldura”, no início e na conclusão da história de Jesus, em vista de uma mais direta comunicação com o leitor, como também ao interno do enredo em relação ao acontecimento e aos seus personagens⁸⁸.

3.4.1 Características entre os personagens que indicam um duplo literário

Apresenta-se aqui algumas características para os personagens de João Batista e do Discípulo Amado que compõem o duplo literário⁸⁹. Indica-se que ambos contribuem para formar e consolidar um grupo ao redor de Jesus (dentro e fora do livro); as duas figuras possuem a mesma estrutura e um análogo conteúdo testemunhal, considerando uma série de ações que qualificam a sua posição e atitude testemunhal: “estar”, “ver” e “testemunhar”; o conteúdo do testemunho diz respeito à figura de Cristo contemplada na sua densidade messiânica-soteriológica. Pode-se dizer também que em ambos a sua última menção é acompanhada de uma confirmação da verdade de seu testemunho. A inovação do quarto Evangelho se dá na medida em que insere estas duas figuras testemunhais, pondo-as em paralelo.

Além disso, para ambos, a experiência da visão representa um ponto de chegada, um conhecimento que foi adquirido, o qual teve como ponto de partida uma repetida condição de ignorância cristológica.

O testemunho dos dois personagens – que por primeiro vencem a ignorância cristológica – é destinada a resolver e a fazer tornar supérflua tal pergunta para os outros personagens e mesmo para o leitor, para conduzi-lo a uma posse madura do conhecimento cristológico⁹⁰.

⁸⁸ “Questi due testimoni sono quindi perfettamente simetrici per il loro ruolo determinante svolto ‘in cornice’, all’inizio e alla conclusione della storia di Gesù, in vista di una più diretta comunicazione con il lettore, nonché all’interno dell’intreccio in rapporto alla vicenda e ai suoi personaggi”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del Quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 184.

⁸⁹ VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del Quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 184-187.

⁹⁰ “La testimonianza dei due personaggi – che per primi vincono l’ignoranza cristologica – è destinata a risolvere e a far diventare superflua tale domanda per gli altri personaggi e per lo stesso lettore, per condurli ad un maturo possesso della conoscenza cristologica”. VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del Quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 186.

Esta colocação transporta para o capítulo anterior, o dos personagens, que mostrava a importância do itinerário de fé destes para a pessoa do leitor. Por meio destes dois personagens se faz uma revelação cristológica por meio de um duplo testemunho, que parece ser único. O quarto Evangelho apresenta a revelação de Cristo por meio destes personagens.

3.4.2 Diferenças entre os personagens

Mas estes personagens apresentam também diferenças entre si. João Batista é testemunha sobretudo da encarnação, enquanto que o Discípulo Amado dá testemunho da Páscoa de Jesus; no entanto o núcleo de sua pregação já é pascal, pois anuncia a presença do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29). Uma diferença importante entre ambos é que diferente de João Batista, o Discípulo Amado não corre o risco de ser confundido com Jesus, como se fosse o Messias, o risco é o de que ele se torne um mito. Uma outra diferença que indica a complementaridade entre ambos diz respeito à forma do testemunho. João Batista apresenta um testemunho oral, já o Discípulo Amado apresenta seu testemunho por meio do livro. Um detalhe importante é que o Discípulo Amado, além de quase não falar, nunca o faz em primeira pessoa. A sua forma testemunhal é principalmente indireta⁹¹.

Outra diferença diz respeito ao modo como são chamados. João Batista, no texto do quarto Evangelho é chamado unicamente por seu nome próprio Ἰωάννης, não sendo definido em nenhum momento como aquele que batiza. Algo paradoxal, visto que o quarto Evangelho conhece a tradição dos sinóticos e o autor aprecia usar epítetos. Já o Discípulo Amado permanece anônimo, sendo nomeado unicamente por seu epíteto que descreve a sua relação com Jesus. Esta omissão provavelmente tem um motivo de ser. Uma explicação para tal poderia ser pela acentuação da função testemunhal no quarto Evangelho, que põe à parte a função batismal comum à tradição sinótica⁹².

Outra hipótese, mais difícil de comprovar, diria respeito à possibilidade de que o nome do Discípulo Amado fosse João. E o redator, ao nomear João Batista apenas com

⁹¹ VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del Quarto Vangelo*. Milano: Glossa, 1994, p. 189-190.

⁹² VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato. *Credere Oggi*, Padova, ano XXIII, n. 5, 137, p. 104, settembre-ottobre 2003.

Ἰωάννης, seu nome próprio, sem epíteto algum, quisesse indicar uma pista para se chegar ao nome do Discípulo Amado⁹³.

3.4.3 Um único e mesmo testemunho

A partir das colocações anteriores pode-se constatar uma profunda ligação entre as testemunhas pesquisadas. Tanto João Batista quanto o Discípulo Amado, apresentam um testemunho sobre a pessoa de Jesus Cristo. Este testemunho tem como ênfase em João Batista a chegada do Messias por meio de sua encarnação, além do anúncio de que está presente o Cordeiro de Deus. Já o testemunho do Discípulo Amado diz respeito à glorificação de Jesus pelo Pai. Esta que se manifesta por meio da entrega de sua vida que se iniciou na última ceia (onde pela primeira vez aparece explicitamente este personagem Jo 13,23), e se completa com a entrega da vida de Jesus na cruz, que se conclui com a perfuração de seu lado (ali também está presente o Discípulo Amado, em Jo 19,35).

O testemunho do Discípulo Amado, ao final, é aquele que garante a veracidade de tudo o que foi testemunhado (cf. Jo 21,24). E que ao confirmar tudo o que foi escrito a respeito de Jesus inclui também o testemunho de João Batista.

Este testemunho tem por objetivo fazer com que o leitor também se torne discípulo, para que ele também creia que Jesus é o Filho de Deus. Dessa forma, o próprio leitor poderá se tornar um discípulo e uma testemunha.

O autor deseja que por meio do testemunho destes dois insígnies personagens que são como que um só, pois “o testemunho de João Batista se compreende somente enquanto integrado e concluído por aquele do Discípulo Amado”⁹⁴, o leitor venha a se identificar com o Discípulo Amado. Este é um dos motivos pelo qual ele não é nomeado⁹⁵. O redator final do quarto Evangelho deseja que por meio do testemunho, todos venham a se tornar discípulos amados do Senhor.

⁹³ VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato. *Credere Oggi*, Padova, ano XXIII, n. 5, 137, p. 105, settembre-ottobre 2003.

⁹⁴ “la testimonianza di GB si comprende solo in quanto integrata e compiuta da quella del DA”, VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato. *Credere Oggi*, Padova, ano XXIII, n. 5, 137, p. 92, settembre-ottobre 2003.

⁹⁵ VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato. *Credere Oggi*, Padova, ano XXIII, n. 5, 137, p. 106, settembre-ottobre 2003.

CONCLUSÃO

Este trabalho iniciou pelo estudo do termo “testemunho” (μαρτυρία em grego). Constatou-se o caráter “judicial” desta palavra no sentido em que sua origem tem por base processos com testemunho diante de um tribunal e conseqüentemente, diante de um juiz. Constatou-se ainda que o quarto Evangelho não utiliza μάρτυς, nem μαρτύριον. Usa unicamente o substantivo μαρτυρία e o verbo μαρτυρέω. Μαρτυρέω diz respeito ao conteúdo do quarto Evangelho, à Revelação. O objetivo é dar testemunho de uma verdade revelada e acreditada, a respeito da pessoa de Jesus Cristo. Já μαρτυρία apresenta um sentido religioso e especificamente cristão, enquanto testemunho sobre a pessoa de Jesus Cristo. Estes termos apresentam também uma ligação com o caráter judicial do quarto Evangelho, pois a respeito da acolhida ou da rejeição a esse testemunho se estabelece um juízo. Percebeu-se também a importância destes verbetes pela frequência com a qual são utilizados.

O texto do quarto Evangelho pretende envolver de tal modo o leitor que ele se cativa com o enredo do texto. Pela forma como os diversos personagens reagem diante de Jesus, o leitor é conduzido a ele próprio avaliar sua opção de fé. Proporciona ao leitor como que uma auto-avaliação que pode conduzir a um maior afervoramento na fé.

O texto do quarto Evangelho foi escrito de tal modo a provocar interesse da parte do leitor. A narrativa apresenta os acontecimentos de modo dramático e envolvente, seus elementos simbólicos apontam para algo mais. O leitor se sente privilegiado, na medida em que sabe mais do que os personagens do enredo. O enredo é o modo como o autor compreende o sentido dos acontecimentos que ele está relatando e que deseja comunicar ao leitor, influenciando seu modo de viver. Os personagens da narrativa apresentam ao leitor diferentes modos de reagir diante da pessoa de Jesus Cristo.

Os acontecimentos narrados pelo quarto Evangelho desejam não apenas informar sobre a pessoa de Jesus Cristo, mas conduzir o leitor para que ele próprio faça uma opção de fé na sua pessoa. Pois foi para isto que o texto foi escrito (cf. Jo 20,30-31).

Todos os personagens do quarto Evangelho são importantes, por apresentarem uma resposta de fé diante de Jesus. Mas, dentre todos os personagens, João Batista e o Discípulo Amado apresentam um destaque. João Batista se apresenta no livro dos sinais com um testemunho explícito sobre a missão e a pessoa de Jesus Cristo. Ele mostra a Israel quem é que virá. O quarto Evangelho mostra João Batista como uma testemunha a respeito de Jesus. Ele deseja aproximar a todos de Jesus. Numa estrutura de dois dias¹ e com um testemunho final que repercute em Jo 5 e Jo 10, João Batista realiza a sua missão apresentando Jesus Cristo.

O Discípulo Amado aparece no livro da glória, manifestando-se a primeira vez na ceia com Jesus, estando muito próximo dele. É provável que o Discípulo Amado seja um antigo discípulo de João Batista que se tornou discípulo de Jesus. Ele apresenta um papel de destaque na medida em que é apresentado como um modelo a ser seguido. Diante da cruz, ele não foge. Recebe a mãe de Jesus para tomar conta dela (Jo 19,26-27). Provavelmente é aquele que apresenta seu testemunho sobre o sangue e água que vê sair do lado aberto de Jesus Cristo (Jo 19,35). Ele também parece ser mais perspectivo do que os outros, pois diz o texto que ao ver os sinais da ressurreição, crê (Jo 20,8). E é aquele que no lago, após a pesca milagrosa, diz para os outros que era o Senhor que estava presente (Jo 21,7). Ele também é identificado com o autor implícito, ao se afirmar que é ele que dá testemunho daquilo que foi escrito no livro e de que este testemunho é verdadeiro (Jo 21,24).

Os dois personagens estudados, João Batista e o Discípulo Amado, parecem ser como que um só, por meio do duplo literário. Estes personagens apresentam um modelo de fé e de seguimento que deve ser aprendido por todos os cristãos para que nos tempos atuais também seja possível apresentar um testemunho sobre Cristo Jesus.

O texto do quarto Evangelho deseja apresentar o sentido profundo de todos os acontecimentos. Quer manifestar que através deles Deus estava se revelando na pessoa de seu Filho. Quer mostrar que Deus estava se revelando por meio da manifestação do Filho de Deus feito homem Jesus Cristo. Ou seja, na história dos seres humanos Deus está se revelando para mostrar-lhes a sua verdade de salvação que se dá na pessoa de Jesus Cristo.

¹ Conforme o capítulo 3 da dissertação, no item 3.1.1, página 46.

A estrutura mais jurídica se manifesta por meio do testemunho solene de João Batista diante dos homens enviados pelos judeus que vieram interrogá-lo. João Batista manifesta a eles de modo solene que ele não é o Messias. Em seu último testemunho, João Batista está como que a fazer seu último discurso para ratificar tudo o que disse a respeito de Jesus Cristo. Resumidamente, João Batista exalta Jesus Cristo e procura desaparecer. Vem para manifestar Jesus aos seres humanos, ao mundo. Não se importa com o que vão pensar a respeito de si. Deseja unicamente mostrar Jesus Cristo. Quer levar seus ouvintes a crerem que ele é o Filho de Deus. Para tal usa alguns títulos cristológicos. Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus que é preexistente e que batiza com o Espírito Santo por ser o Filho de Deus.

João Batista procura conduzir seus ouvintes a Jesus que ele reconheceu como Filho de Deus (Messias). Ele é apenas amigo do esposo. Veio para dar testemunho a seu respeito. No entanto, os pregadores, padres e agentes de pastoral às vezes, diferentemente de João Batista, em alguns momentos podem cair na tentação de chamar a atenção sobre sua própria pessoa. Até falam a respeito da pessoa de Cristo. O anunciam aos demais. Todavia, sua glória está como que unida à glória de Jesus. Para ser uma autêntica testemunha, é fundamental buscar unicamente fazer com que Cristo cresça. Ele, Jesus, cresce no “testemunho” que as pessoas e os leitores podem dar quando buscam ser seus discípulos. Quando buscam viver uma fé coerente com o ensinamento de Jesus, dando assim, “testemunho” do Senhor.

A voz de João vai apagar-se. A voz comunica a Palavra, uma vez comunicada, a Palavra faz a sua parte e transforma os corações dos homens. É importante criar a consciência de que os agentes de pastoral não são os protagonistas da ação evangelizadora da Igreja. O primado é da graça², como já aliás afirmava o papa João Paulo II, de saudosa memória. Anuncia-se Cristo, fala-se de Cristo. Como João Batista correspondeu, a Igreja tem de corresponder à sua missão.

Esta fidelidade se reflete também no Magistério da Igreja: “O magistério [eclesiástico] tem que defender antes de tudo a causa de Jesus, representar o evangelho diante do mundo”³. Suas instituições e atividades estão a serviço de Jesus e de dar testemunho sobre a sua pessoa e seu ensinamento, sendo fiel àquilo que Jesus ensinou com suas palavras e com a sua vida. O Magistério da Igreja entende-se como um serviço a favor dos cristãos, na medida em que é fiel ao ensinamento de Jesus e sobre a sua pessoa.

² JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 57.

³ BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 296.

Este serviço do Magistério eclesial está a serviço dos cristãos, para que se aproximem mais de Jesus Cristo, para que sejam capazes de dar seu testemunho. O Espírito Santo torna os cristãos capazes de dar testemunho. Na proximidade da V conferência latino-americana dos Bispos que se realizará no Brasil, em 2007, é preciso refletir sobre esta categoria do testemunho. Porque ela diz respeito a todos os cristãos. Uma das preocupações da Igreja Católica deveria ser a de se questionar quantos de seus freqüentadores realmente são discípulos, por um testemunho coerente de vida e de uma vivência eclesial fundamentada numa relação com Jesus Cristo.

Diante de uma época na qual as pessoas têm dificuldades em assumir um compromisso para toda a vida, num país no qual aumentam o número de divórcios⁴ a fidelidade de João Batista à sua missão de precursor proporciona um parâmetro sobre qual é o papel dos cristãos. Um dos testemunhos mais latentes de que o mundo tem necessidade hoje é o da fidelidade à missão recebida. Tarefa que João Batista realizou plenamente.

Também é importante ter presente de que o profeta não se faz profeta, mas ele é profeta por ter recebido um mandato da parte de Deus. Esta consciência João Batista sempre teve. Deus o enviou para dar testemunho. Não se atribui a si sua missão. Não se vangloria dela. Faz o que Deus lhe manda fazer.

A alegria de João Batista está em ajudar de qualquer forma o esposo na celebração nupcial. Isto é importante no que diz respeito à gratuidade do serviço da vocação cristã. Num mundo onde parece que tudo tem de ser pago, João Batista dá testemunho da alegria do serviço desinteressado pelo bem dos outros. João Batista está alegre, concluiu a sua missão. Esta alegria diz respeito a todo o cristão. Quem quer que dê um testemunho coerente com o seu estado de vida ficará contente como João Batista (Jo 3,29). Neste mundo as pessoas buscam a realização, mas infelizmente a buscam em caminhos equivocados. João Batista mostra que a felicidade está no cumprimento fiel da vocação. Na realização do plano de amor que Deus tem para os seres humanos.

O Discípulo Amado, que se manifesta no livro da glória, a partir da ceia de Jesus com seus discípulos, dá seu testemunho a partir de sua intimidade e da correspondência a Jesus. O Discípulo Amado foi uma pessoa real, apesar de ter sido idealizado pela comunidade joanina. Não se pode precisar sua identidade, mas provavelmente ele é um antigo discípulo de João Batista. O Discípulo Amado está nas origens da comunidade joanina e ele é a fonte de boa parte do que foi relatado no texto do quarto Evangelho.

⁴ “Divórcios crescem 15,5% em 2005”. CORREIO DO POVO, quarta-feira, 06 de dezembro de 2006, p. 7.

Diferentemente do testemunho de João Batista, seu testemunho é preferentemente um testemunho do texto escrito e da alta cristologia. Ele crê nos sinais que se apresentam. Seu testemunho engloba o testemunho de João Batista e todos os demais testemunhos incluídos no livro que é o quarto Evangelho.

Este é o sentido do duplo literário, enquanto um testemunho sobre a pessoa de Jesus Cristo. João Batista apresentou seu testemunho, chamando Jesus de Filho de Deus no sentido de Messias, manifestando assim, uma baixa cristologia. Já o Discípulo Amado, pode “recolher” este testemunho de seu antigo mestre e por sua própria experiência com Jesus, foi capaz de perceber a divindade de Jesus Cristo que se manifesta já no início do quarto Evangelho, no texto do Prólogo. A intenção narrativa do duplo literário é conduzir o leitor à fé em Cristo, para que também se torne discípulo. Para que siga, ame e permaneça com Jesus. Neste sentido, há uma passagem importante no quarto Evangelho que é aquela do testemunho judicial para a fé. Os termos μαρτυρέω e μαρτυρία diziam respeito a um testemunho judicial. Mas ocorre uma passagem do testemunho judicial no quarto Evangelho, na medida em eles conduzem à fé em Jesus Cristo. Afim de que o leitor fique junto, permaneça (μένω) com Jesus.

Constatou-se que o testemunho de João Batista fica restrito ao livro dos sinais. Já o Discípulo Amado dá testemunho no livro da glória. João Batista é a “testemunha do Messias”, enquanto que o Discípulo Amado dá testemunho da divindade de Jesus Cristo. Ele é o esperado, aquele que veio para dar testemunho do Pai, e seu testemunho é verdadeiro, porque ele é divino junto com o Pai.

Diante dos personagens estudados que se encontraram com Jesus e que dele dão testemunho, os cristãos de hoje também são convidados a pensar sobre como respondem a Jesus. É importante que se busque um aprimoramento na vivência da fé. Olhando para as comunidades cristãs, deve-se perguntar se o seu modo de viver tem sido uma manifestação de que Jesus Cristo é Filho de Deus. Para que aqueles que vêem e que ouvem os cristãos possam acreditar que seguindo o mestre que eles declaram seguir poderão também ter vida no seu nome.

Hoje o mundo está sedento de cristãos que manifestem e que apresentem a eles a verdadeira face de Jesus. Vêem-se no quarto Evangelho diferentes tipos de resposta dados ao leitor por meio dos personagens. O testemunho a ser apresentado sobre Jesus Cristo, mais do que nunca é um testemunho de comportamento, de amor dedicado e desinteressado. Amor que leva a uma doação aos outros a exemplo da doação que João Batista realizou de sua vida para anunciar Jesus Cristo.

Muitos cristãos parecem desconhecer a natureza da pessoa de Jesus Cristo. Não receberam uma suficiente formação, tampouco tiveram a oportunidade de encontrá-lo em suas vidas. Acabam, assim por manifestar uma visão distorcida a respeito da pessoa de Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus feito homem que veio manifestar a glória do Pai. Deseja de todos uma resposta de fé para que seus seguidores possam ter a vida plena.

O quarto Evangelho utiliza uma estrutura narrativa, ele narra a vida de Jesus, para se crer em Jesus Cristo, não se ensina um dogma. Mas se crê em Jesus num ato de vida e só se pode ter acesso a isto narrativamente. A fé é vivida. As pessoas vivem e dão testemunho. O testemunho é mostrado na narrativa. A fé é manifestada no “testemunho da vida”. A história é contada na narrativa para que se possa dar testemunho a respeito da pessoa de Jesus Cristo.

É preciso anunciar e apresentar aos seres humanos a verdadeira figura de Jesus Cristo. Para que aqueles que o desconhecem possam vir a crer. E que aqueles que já o conhecem e que já são seus discípulos possam manter uma adesão viva e atualizada. O leitor é convidado a apresentar uma resposta de fé. O quarto Evangelho é dramático no sentido de exigir de seu leitor uma resposta sobre a pessoa de Jesus Cristo. Nenhum leitor do quarto Evangelho pode permanecer neutro. Sua resposta só pode ser a favor ou contra Cristo.

“O evangelho de João é dramático. É o evangelho do amor não reconhecido, da verdade ornada com relevos, da conversão recusada. Desde o Prólogo, João aponta para o motivo principal: ‘Veio para o que era seu e os seus não o receberam’”⁵.

“E para se tornar testemunha (como o Batista ou os discípulos) é preciso, de um outro ponto de vista, uma atitude de distância de si mesmo, de transparência, de alegre superação: é Cristo quem deve aparecer, não nós. O testemunho em favor de si mesmo não é digno de fé”⁶. João Batista, apesar da insistência de alguns de seus discípulos que queriam ver nele o Messias, mantém seu testemunho coerente e a todo o momento anunciou ao povo quem era a pessoa do Messias.

O quarto Evangelho nos mostra que se pode encontrar em Jesus não apenas uma ruptura com o mundo pelo batismo, como no caso de João Batista. Mas também, encontra-se em Jesus aquele que se deve seguir depois da ruptura. O Discípulo Amado permanece

⁵ “L'évangile de Jean est dramatique. C'est l'évangile de l'amour méconnu, de la vérité repoussée, de la conversion refusée. Dès le prologue, Jean introduit le leitmotiv : 'Il est venu chez lui et les siens ne l'ont pas reçu'”. MOLLAT, Donatien. *Études Johanniques*. Paris: Éditions du Seuil, 1979, p. 67.

⁶ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 377.

seguindo e dando seu testemunho a respeito da pessoa de Jesus. O faz para que outros também possam se tornar discípulos amados.

Estudou-se a estrutura do quarto Evangelho. Foi possível constatar que ele apresenta uma estrutura testemunhal. Esta estrutura se constrói por meio de três testemunhos: o de João Batista; o do Pai, que se manifesta pelas obras, pela Escritura e pelo testemunho direto da voz; e o do Discípulo Amado. O quarto Evangelho apresenta assim uma revelação cristológica-trinitária sob o perfil de uma teologia do testemunho divino na história. O Filho realiza sua manifestação, o Pai confirma o testemunho apresentado pelo Filho e o Espírito Santo é aquele que conduz o discípulo a viver dando “testemunho” de Jesus Cristo.

João Batista é como que a testemunha do passado. Dá testemunho de que Jesus é o Filho de Deus. Anuncia o cumprimento das profecias. O Pai dá testemunho do ministério público de Jesus, portanto do presente. O Discípulo Amado dá testemunho do futuro, ou seja de tudo aquilo que Deus espera dos crentes. Deus deseja que todos venham a tornar-se o Discípulo Amado. O amor de Jesus pelo Discípulo Amado não é exclusivo, mas é um amor que Jesus manifesta a ele para que todos se tornem discípulos amados de Jesus. Testemunhas de sua pessoa e de seu amor neste mundo.

APÊNDICE A – TEXTOS NOS QUAIS APARECE A FIGURA DO DISCÍPULO AMADO

Menções Explícitas

a) Jo 13,23-26: ²³ ἦν ἀνακείμενος εἰς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἐν τῷ κόλπῳ τοῦ Ἰησοῦ, ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς. ²⁴ νεύει οὖν τούτῳ Σίμων Πέτρος πυθέσθαι τίς ἂν εἴη περὶ οὗ λέγει. ²⁵ ἀναπεσὼν οὖν ἐκεῖνος οὕτως ἐπὶ τὸ στήθος τοῦ Ἰησοῦ λέγει αὐτῷ· κύριε, τίς ἐστίν; ²⁶ ἀποκρίνεται [ὁ] Ἰησοῦς· ἐκεῖνός ἐστιν ᾧ ἐγὼ βάψω τὸ ψωμίον καὶ δώσω αὐτῷ. βάψας οὖν τὸ ψωμίον [λαμβάνει καὶ] δίδωσιν Ἰούδα Σίμωνος Ἰσκαριώτου.

²³ Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. ²⁴ Simão Pedro faz-lhe, então, um sinal e diz-lhe: “Pergunta-lhe quem é aquele de quem fala”. ²⁵ Ele, então, reclinando-se sobre o peito de Jesus, diz-lhe: “Quem é Senhor?” ²⁶ Responde Jesus: “É aquele a quem eu der o pão que vou umedecer no molho”. Tendo umedecido o pão, ele o toma e dá a Judas, filho de Simão Iscariotes.

b) 19,25-27: ²⁵ Εἰστήκεισαν δὲ παρὰ τῷ σταυρῷ τοῦ Ἰησοῦ ἡ μήτηρ αὐτοῦ καὶ ἡ ἀδελφή τῆς μητρὸς αὐτοῦ, Μαρία ἡ τοῦ Κλωπᾶ καὶ Μαρία ἡ Μαγδαληνή. ²⁶ Ἰησοῦς οὖν ἰδὼν τὴν μητέρα καὶ τὸν μαθητὴν παρεστῶτα ὃν ἠγάπα, λέγει τῇ μητρὶ· γύναι, ἴδε ὁ υἱός σου. ²⁷ εἶτα λέγει τῷ μαθητῇ· ἴδε ἡ μήτηρ σου. καὶ ἀπ’ ἐκείνης τῆς ὥρας ἔλαβεν ὁ μαθητὴς αὐτὴν εἰς τὰ ἴδια.

²⁵ Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. ²⁶ Jesus, então vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe “Mulher, eis o teu filho!” ²⁷ Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.

c) 20,2-10: ² τρέχει οὖν καὶ ἔρχεται πρὸς Σίμωνα Πέτρον καὶ πρὸς τὸν ἄλλον μαθητὴν ὃν ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς καὶ λέγει αὐτοῖς· ἦραν τὸν κύριον ἐκ τοῦ μνημείου καὶ οὐκ οἶδαμεν ποῦ ἔθηκαν αὐτόν. ³ Ἐξῆλθεν οὖν ὁ Πέτρος καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς καὶ ἤρχοντο εἰς τὸ μνημεῖον. ⁴ ἔτρεχον δὲ οἱ δύο ὁμοῦ· καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς προέδραμεν τάχιον τοῦ Πέτρου καὶ ἦλθεν πρῶτος εἰς τὸ μνημεῖον, ⁵ καὶ παρακύψας βλέπει κείμενα τὰ ὀθόνια, οὐ μέντοι εἰσῆλθεν. ⁶ ἔρχεται οὖν καὶ Σίμων Πέτρος ἀκολουθῶν αὐτῷ καὶ εἰσῆλθεν εἰς τὸ μνημεῖον, καὶ θεωρεῖ τὰ ὀθόνια κείμενα, ⁷ καὶ τὸ σουδάριον, ὃ ἦν ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ, οὐ μετὰ τῶν ὀθονίων κείμενον ἀλλὰ χωρὶς ἐντετυλιγμένον εἰς ἓνα τόπον. ⁸ τότε οὖν εἰσῆλθεν καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς ὁ ἐλθὼν πρῶτος εἰς τὸ μνημεῖον καὶ εἶδεν καὶ ἐπίστευσεν· ⁹ οὐδέπω γὰρ ᾔδεισαν τὴν γραφὴν ὅτι δεῖ αὐτὸν ἐκ νεκρῶν ἀναστῆναι. ¹⁰ ἀπῆλθον οὖν πάλιν πρὸς αὐτοὺς οἱ μαθηταί.

² Corre então e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava, e lhes diz: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”. ³ Pedro saiu, então, com o outro discípulo e se dirigiram ao sepulcro. ⁴ Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. ⁵ Inclinando-se, viu os panos de linho por terra, mas não entrou. ⁶ Então, chega também Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro; vê os panos de linho por terra ⁷ e o sudário que cobria a cabeça de Jesus. O sudário não estava com os panos de linho no chão, mas enrolado em um lugar à parte. ⁸ Então entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: e viu e creu. ⁹ Pois ainda não haviam compreendido que, conforme a Escritura, ele devia ressuscitar dos mortos. ¹⁰ Os discípulos, então, voltaram para casa.

d) 21,7: λέγει οὖν ὁ μαθητὴς ἐκεῖνος ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς τῷ Πέτρῳ· ὁ κύριός ἐστιν. Σίμων οὖν Πέτρος ἀκούσας ὅτι ὁ κύριός ἐστιν τὸν ἐπενδύτην διεζώσατο, ἦν γὰρ γυμνός, καὶ ἔβαλεν ἑαυτὸν εἰς τὴν θάλασσαν,

Aquele discípulo que Jesus amava disse então a Pedro: “É o Senhor!” Simão Pedro, ouvindo dizer “É o Senhor!”, vestiu sua roupa – porque estava nu – e atirou-se ao mar.

e) 21,20-24: ²⁰ Ἐπιστραφεὶς ὁ Πέτρος βλέπει τὸν μαθητὴν ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς ἀκολουθοῦντα, ὃς καὶ ἀνέπεσεν ἐν τῷ δείπνῳ ἐπὶ τὸ στῆθος αὐτοῦ καὶ εἶπεν· κύριε, τίς ἐστιν ὁ παραδιδούς σε; ²¹ τοῦτον οὖν ἰδὼν ὁ Πέτρος λέγει τῷ Ἰησοῦ· κύριε, οὗτος δὲ τίς; ²² λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ἐὰν αὐτὸν θέλω μένειν ἕως ἔρχομαι, τί πρὸς σέ; σύ μοι ἀκολούθει. ²³ ἔξηλθεν οὖν οὗτος ὁ λόγος εἰς τοὺς ἀδελφοὺς ὅτι ὁ μαθητὴς ἐκεῖνος οὐκ ἀποθνήσκει· οὐκ εἶπεν δὲ αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς ὅτι οὐκ ἀποθνήσκει ἀλλ'· ἐὰν αὐτὸν θέλω μένειν ἕως ἔρχομαι[, τί πρὸς σέ]; ²⁴ Οὗτός ἐστιν ὁ μαθητὴς ὁ μαρτυρῶν περὶ τούτων καὶ ὁ γράψας ταῦτα, καὶ οἶδαμεν ὅτι ἀληθὴς αὐτοῦ ἡ μαρτυρία ἐστίν.

²⁰ Pedro, voltando-se, viu que o seguia o discípulo que Jesus amava, aquele que, na ceia, se inclinara sobre seu peito e perguntara: “Senhor quem é que te vai entregar?” ²¹ Pedro, vendo-o, disse a Jesus: “Senhor, e este?” ²² Jesus lhe disse: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me”. ²³ Divulgou-se então, entre os irmãos, a notícia de que aquele discípulo não morreria. Jesus, porém, não disse que ele não morreria, mas: “Se quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?” ²⁴ Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que seu testemunho é verdadeiro.

Menções prováveis

a) Jo 1,40: Ἦν Ἀνδρέας ὁ ἀδελφὸς Σίμωνος Πέτρου εἰς ἐκ τῶν δύο τῶν ἀκουσάντων παρὰ Ἰωάννου καὶ ἀκολουθησάντων αὐτῷ·

André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram Jesus.

b) 18,15: Ἦκολούθει δὲ τῷ Ἰησοῦ Σίμων Πέτρος καὶ ἄλλος μαθητὴς. ὁ δὲ μαθητὴς ἐκεῖνος ἦν γνωστὸς τῷ ἀρχιερεὶ καὶ συνεισηλθεν τῷ Ἰησοῦ εἰς τὴν αὐλὴν τοῦ ἀρχιερέως,

Ora, Simão Pedro, junto com outro discípulo, seguia Jesus. Esse discípulo era conhecido do Sumo Sacerdote e entrou com Jesus no pátio do Sumo Sacerdote.

c) 19,35: καὶ ὁ ἑωρακὼς μεμαρτύρηκεν, καὶ ἀληθινὴ αὐτοῦ ἐστίν ἡ μαρτυρία, καὶ ἐκεῖνος οἶδεν ὅτι ἀληθὴ λέγει, ἵνα καὶ ὑμεῖς πιστεύ[σ]ητε.

Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AGUILÓ, Alfonso. *É razoável crer?* Questões atuais sobre a fé. Trad. Roberto Vidal da Silva Martins. São Paulo: Quadrante, 2006. Col.: Vértice n. 60.

ASHTON, John. *Comprendere il quarto Vangelo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000, Letture Bibliche 14.

_____. *Studying John: Approaches to the Fourth Gospel*. Oxford: Clarendon Press 1994.

ATTINGER, Daniel. *Evangelo secondo san Giovanni: Vedere, credere, amare*. Roma: Nuove Frontiere, 1993.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento: Introduzione allo studio della Bibbia*. Brescia: Paideia, 2004. Supplementi 15.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova ed. rev. ampl. São Paulo: Paulinas, 1992.

BIRCK, Bruno Odélio. Fenômeno Religioso na pós-modernidade. *Cadernos da Fafimc*, Viamão, n. 17, 1997.

BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. 1ª. parte A. Trad. Miguel Gomes Mourão de Castro; Lúcia Mathilde Orth. Petrópolis: Vozes, 1990. Col.: Novo Testamento. Comentário e Mensagem.

_____. *O Evangelho segundo João*. 3ª. parte. Vol. 4/3. Trad. Miguel Gomes Mourão de Castro; Lúcia Mathilde Orth. Petrópolis: Vozes, 1991. Col.: Novo Testamento. Comentário e Mensagem.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. 3. ed. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulus, 1999. Nova Coleção Bíblica.

_____. *El Evangelio Segun Juan I-XII*. Trad. J. Valiente Malla. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979.

_____. *El Evangelio Segun Juan XIII-XXI*. Trad. J. Valiente Malla. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979.

_____. *Evangelho de João e Epístolas*. Trad. Ana Flora Anderson; Frei Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulinas, 1975. Col.: Deus fala hoje n. 4.

CALLE, Francisco de la. *Teologia do Quarto Evangelho*. Trad. Pe. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.

CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the fourth gospel. A Study in Literary Design*. Philadelphia: Fortress Press. Third printing 1989.

DODD, C. H. *Interpretación del cuarto Evangelio*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978. [Existe tradução portuguesa: DODD, C. H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. S. Paulo: Paulinas, 1977].

EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. 3. ed. Trad. Giovanni di Biasio; Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1998. Col.: Bíblica Loyola 2.

FRIEDRICH, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Ed. Italiana a cura di F. Montagnini; G. Scarpato; O. Soffritti. v. 6. Brescia: Paideia, 1970.

GALIZZI, Mario. *Vangelo secondo Giovanni: Commento esegetico-spirituale*. Torino: Editrice Elle Di Ci, 1992.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. Trad. Martin Dreher; Ilson Kayser. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.

GUERRA GOMEZ, Manuel. *El Idioma del Nuevo Testamento: Gramática, Estilística y Diccionario Estadístico del Griego Bíblico*. 3. ed. Burgos: Ediciones Aldecoa, 1981.

HENGEL, Martin. *La questione giovannea*. Edizioni italiana a cura di Claudio Gianotto. Brescia: Paideia Editrice, 1998.

IRENEU DE LIÃO. *Livros I, II, III, IV, V. (Adversus Haeresis)*. Trad. Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

KYSAR, Robert. *Giovanni. Il Vangelo indomabile*. Trad. Domenico Tomasetto. Torino: Claudiana, 2000.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade. Comentário bíblico latino-americano*. São Paulo: Loyola, 2005.

LÀCONI, Mauro. *Il Racconto di Giovanni*. 2. ed. Assisi: Cittadella editrice, 1993. Col.: Bibbia per tutti.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. Trad. Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1996. Col.: Bíblica Loyola n. 13.

_____. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. Trad. Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1998. Col.: Bíblica Loyola n. 16.

_____. et alii. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 5. ed. Trad. Frei Simão Voigt. O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1992.

LYONNET, Stanislao. *Il Nuovo Testamento alla luce dell'Antico*. 2. ed. Brescia: Paideia Editrice, 1977. Col.: Studici Biblici Pastoralis 3.

MANNUCCI, Valério. *Bíblia Palavra de Deus: Curso de introdução à Sagrada Escritura*. 2. ed. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. *Giovanni il Vangelo Narrante: Introduzione all'arte narrativa del quarto Vangelo*. Ristampa. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1997.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *El Evangelio de Juan: Análisis Lingüístico y comentario exegético*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

_____. *Vocabulário teológico do Evangelho de São João*. Trad. Alberto Costa. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1989.

MENDES, Sérgio Gonçalves. A normatividade de Mc 8,35 segundo a teologia narrativa. *Perspectiva Teológica*, n. 38, 2006.

MINCATO, Ramiro. O Título "Filho de Deus" em Jo 1,29-34: estrutura e teologia da perícope. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 150, p. 839-854, dez. 2005.

_____. O Título "Filho de Deus" e os dois níveis do quarto Evangelho. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 36, n. 154, p. 895-904, dez. 2006.

MOLLAT, Donatien. *Études Johanniques : Parole de Dieu*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.

PANIMOLLE, Salvatore A. *L'Evangelista Giovanni: Pensiero e opera letteraria del Quarto Vangelo*. Roma: Borla, 1985.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português, português-grego*. 7. ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

RAVASI, Gian Franco. *Il Vangelo di Giovanni/2*. Ciclo di conferenze tenute al Centro culturale S. Fedele di Milano. Bologna: Edizioni Dehonianne, 1990.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. Trad. Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SÁNCHEZ NAVARRO, Luis. Estructura Testimonial del Evangelio de Juan. *Biblica*, Roma, vol. 86, fasc. 4. 2005. Disponível em www.bsw.org/?/=71861Ba=comm 17pdf.html

SANTOS, Dom Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*. 10. ed. Aparecida: Santuário, 1999. Série 1. Bíblica.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan*. Versión y comentario. Tomo Primero. Trad. Alejandro Esteban Lator. Barcelona: Editorial Herder, 1980.

_____. *El Evangelio según San Juan*. Versión, comentario y índices. Tomo Tercero. Trad. Claudio Gancho. Barcelona: Editorial Herder, 1980.

SEGALLA, Giuseppe. *Giovanni*. Versione – Introduzione – Note. Torino: San Paolo, 1998. Nuovissima Versione della Bibbia dai testi originali, n. 36.

SHEA, Mark; SRI, Edward. *A fraude da Vinci*. Cem perguntas sobre os fatos e a ficção no Código da Vinci. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2006. Col. Vértice n. 61.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.) et alii. *Metodologia do Antigo Testamento*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 2000. Col.: Bíblica Loyola n. 28.

TUÑÍ VANCELLS, José O. *O testemunho do Evangelho de João*: Introdução ao estudo do quarto Evangelho. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1989.

TUROLDO, David Maria. *Il Vangelo di Giovanni*: Nessuno ha mai visto Dio... Milano: Rusconi, 1988.

TUYA, Manuel de. Evangelio di Juan. In TUYA, Manuel de. *Bíblia Comentada V: Libro de los Evangelios (2º)*. Madrid: La editorial Católica, 1971, p. 221-634. Col.: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), n. 239b.

VATICANO II. Dei Verbum. In *Compêndio do Vaticano II*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

VIGNOLO, Roberto. Il doppio letterario tra Giovanni Battista e il discepolo amato: Un approccio narrativo. *Credere Oggi*, Padova, ano XXIII, n. 5, 137. settembre-ottobre 2003. Edizioni Messagero.

_____. *Personaggi del Quarto Vangelo*: Figure della fede in San Giovanni. Milano (Facoltà Teologica dell'Italia Settentrionale): Edizioni Glossa, 1994.